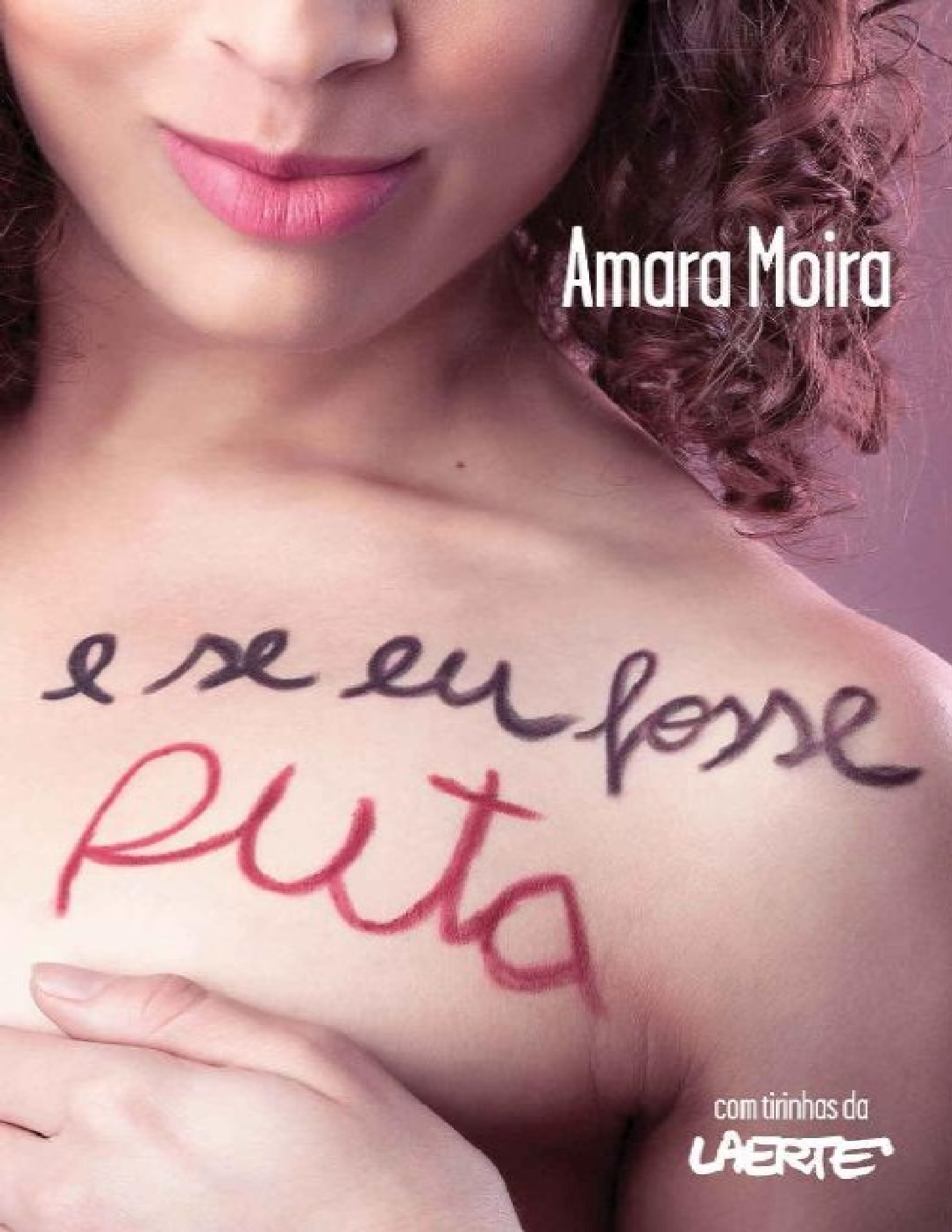




Amara Moira

e se eu fosse
Putta

com tirinhas da
LAERTE



motoqueiro, perguntou meu preço ("ao no estacionamento"), — "faz por 20?" —, disse q depende do q ele queria. — "Gozar gostoso, mas tou c/ pressa". Vamos, fomos. Me senti nos tempos de banheirão, retorno aos 18 anos... nem sabia q eu tinha ereções daquele porte! Chupei, limpei o pau dele, beijeí na boca, ele apalpando meu corpo, se esfregando em mim. Chupava até o fundo, uma rola enorme (tadinha de mim, não tinha visto as outras), machucando a garganta. Dei meu melhor pra conseguir não beber a porra: fiz ele gozar no meu rosto, ~~a~~ minha boca entreaberta, provando ao tempo em que cuspi. Aliás, ele pagou assim q desceu da moto no estacionamento (alguns metros acima do meu ponto, um terreno abandonado meio ruína meio mato), antes mesmo q eu cobrasse e tudo começou em seguida. Meus primeiros 20 reais garantidos, só tinha agora q dar prazer e de quebra receber prazer. Saí numa euforia indizível! Ele até fez questão de pegar meu número e de se certificar q era verdadeiro. O mais bonito da noite, se a noite e minha memória não me enganam. Me excitei a lembrança, aqui escrevendo...

19/10/2014

Continuando. Mal peguei os 20 reais e me parecia q o dever estava cumprido (ou melhor, mal os peguei na mão dps q o garço se foi): já podia ir pra casa, foi q pensei! Voltei pra pegar uma garrafa d'água q havia deixado no meu ponto, aí decidi esperar um pouco mais e em menos de dez minutos me apareceu outro... "Nossa, q rosto lindo, feminino: gostei de ver. E toda carinhosa, vc beija? O problema é q só tenho quinze reais na carteira, não tô mentindo." Eu tb tinha gostado dele me paquerando, disse q estava virgem, primeiro dia de ruas, então aceitaria pela experiência. Entrei no carro, fomos pro estacionamento e assim q paramos já fui abrindo o zíper pra cair de boca. Preciso aprender a me proteger, pois chupei os trêz sem camisinha com direito a quebrar na minha boca entreaberta! O pau desse cara era gigantesco, uma tora na grossura: exercitei todos os músculos da boca pra não deixar ele tocar nos dentes e ir o mais fundo possível. Descemos do carro, ele queria tentar me comer. Gel, camisinha, mais gel, força e não foi possível: a prometi estar mais pronta pro certo a próxima vez. Ele tira então a camisinha e eu o chupo e masturbo até ele gozar gostoso meio no meu rosto, meio na minha boca entreaberta. Não quis pegar meu número (casado?) mas jurou voltar. Me deu um beijo na boca (ah, esqueci de dizer o qto a gente se beijou) e partiu, me deixando no escurinho do mato: os quinze ele já tinha dado no início, antes de qqr coisa.

O terceiro, ah o terceiro. Meu celular vibrava enquanto chupava o segundo, vibrava ininterruptamente a ponto de eu ter q desligar: era o terceiro, q havia pegado meu número no dia anterior e já tinha me ligado umas quinze vezes! Ele me viu no sábado toda comportada e qui

E SE EU FOSSE PUTA
Copyright © Amara Moira

Publisher

Juliana Albuquerque

Capa

Bruno Dini

Foto de Capa

Bruno Dini

Fonte do título

Lucas Wilm

Projeto gráfico, diagramação e produção de ePub

Raquel Coelho

Revisão

Daiane Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Moira, Amara

E se eu fosse puta / Amara Moira. — São Paulo : Hoo Editora, 2016.
216 p. : il., color.

ISBN 978-85-69931-15-7

1. Moira, Amara, 1985- 2. Travestis – Brasil – Biografia

3. Prostituição I. Título

16-0687 // CDD 920.930676

Índices para catálogo sistemático

1. Travestis – Brasil – Biografia



[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

HOO EDITORA

Telefone: 55 15 3327.0730

hooeditora.com.br

Este livro, por trás, tem nomes muitos. Por me abrir as portas e mostrar as artes, **Kinah** seria um deles. Mas também **Denise**, guia em meus descaminhos, e **Gisely**, por cuidar de mim. **Betania**, ao me trazer pra luta. **Indianara** e **Monique**, enfim, por acreditarem quando talvez nem eu mesma.

E, Amara, não se esqueça disso, é Jesus quem diz:

As prostitutas
vos precederão
no Reino
de Deus.

MATEUS 21:31

***Maria Valéria Rezende**, religiosa e escritora, vencedora
de três prêmios Jabuti nas categorias infantil (2009),
juvenil (2013) e Livro do Ano de Ficção (2015).*

SUMÁRIO

Prefácio, por Indianara Alves Siqueira

Muriel em dias de “e se eu fosse?”, por Laerte

E se eu fosse puta

1. Quem sabe um dia

2. O começo, ah, o começo...

3. Meus dezenove

4. Namoradinha

5. Boneca inflável

6. É hoje que eu conheço o amor

7. Primeiro amor a gente nunca esquece

8. Primeira mariconna a gente nunca esquece

9. Diálogo que só se ouve entre travestis

10. Só as originais

11. Vocês já me conhecem super, não?

12. O pornô pras putas

13. Eu ativa, eu tomando gosto

14. Amostra grátis

15. Os lixos se superam

16. Hoje eu não passei xeque

17. Amara Moira e as radicais travestis

18. As omices dos ômis
19. Às vezes dá merda, ô se dá
20. Mordida de ódio
21. Na hora de pôr, eu ponho
22. Afinal, o que querem as prostitutas?
23. Além de escrever putaria, a travesti ainda inventa de fazer poema
24. Aquele dramalhão que vocês bem gostam
25. Um ano de Amara, dois níveis de foda-se
26. Monólogos do lixo
27. Objeto de desejo, corpo abjeto
28. Agora você ganhou os seus vinte
29. Mais por vício que por qualquer coisa
30. Ah se não houvesse riscos!
31. Viciosa como vocês bem sabem
32. Faz isso não, hoje eu vim pra comer
33. Às vezes só nos resta confiar
34. Cunversê, cecê, troca-troca
35. Você é gostoso demais
36. Na cabine-motel do caminhão
37. Muito caminhão pra pouca areia
38. Nas coxas (meu dia de puta na Europa)
39. Sua namorada por cinquenta a hora
40. Nem oi, nem tchau, sequer um sorriso
41. A travesti e o amor que existe pra nós
42. A prostituição e o amor livre
43. Com esse batom não dá

44. Se soubessem antes

**Conselho de uma profissional pra quem pensa em
fazer carreira, *por Vitoria M.***

**Posfácio – Dedo no rabo do teu pseudotransgredir, *por
Monique Prada***

PREFÁCIO

Por Indianara Alves Siqueira

Eu sempre falava: ser travesti tudo bem, puta jamais. E quando saí de casa, justamente com todas as minhas qualificações profissionais como chef de cozinha, cozinheira, pizzaiola etc., ninguém me dava trabalho. Eu teria que sobreviver de alguma maneira, né? Sim, e eu dormi na rua, tudo, tudo, até ir enfim pra prostituição. Encontrei nas prostitutas justamente uma acolhida, nas travestis prostitutas uma grande acolhida. Mas a minha primeira vez, como não poderia deixar de ser, foi supercomplicada, muito difícil, algo de que sempre falo. Era como se eu estivesse me violentando, entende? Me violentando porque eu falava “tudo menos puta, isso eu nunca vou ser”. Tanta coisa que falavam de ruim, que falavam das putas... eu nunca ia querer ser vista dessa forma. Daí, bom, enfim, a primeira vez antes de acontecer de fato como prostituta foi muito traumática, mas depois de receber o primeiro cachê pensei: era esse todo o problema? Eu tinha uma visão da prostituição que me foi imposta, foi o que eu percebi, mas não era a visão do que eu vivi na prática, daquelas pessoas que me abriram as portas. Cada vez que eu me recusava a dizer que era prostituta e, no lugar, dizia profissional liberal ou autônoma, aí sim eu me sentia uma farsa: eu não estava sendo honesta com pessoas que me acolheram tão bem e com um local que eu já não via da maneira que me impuseram. Era sexo pago, nada demais. Como costumo dizer, todo mundo faz sexo – fora as pessoas assexuais ou as que não fazem por opção. Mas todo mundo que faz faz ou de graça ou pago. Qual a diferença? Eu sou muito viciosa. Se eu transar com dez homens de graça, então a sociedade não vai ver problema algum nisso, mas se eu começar a cobrar, hm, aí temos um problema.

Então a questão é cobrar, é acreditar que aquilo que faço vale algum dinheiro, que posso pagar minhas contas com isso. Mas depois que você consegue passar por essas questões e ver que na realidade é só sexo pago, você vai em frente. Depois de um tempo você realmente aceita isso como seu trabalho. Eu aceitei como o meu porque via que podia também estar transando de graça com vários homens, mas eu podia também estar transando “de graça” com vários homens e ganhando pra isso. Então ainda tinha vantagem, porque quando você sai gratuitamente com alguém, não há garantia de gozo: tem toda a expectativa, só que você não sabe como vai ser. A pessoa pode até te atrair fisicamente, mas você não sabe se vai ser de fato prazeroso a ponto de chegar a um orgasmo ou gozo, né? Na prostituição, a vantagem é que se eu não chegar a gozar, a ter esse prazer, ao menos eu vou ter o prazer do dinheiro, que vai me dar outros prazeres.

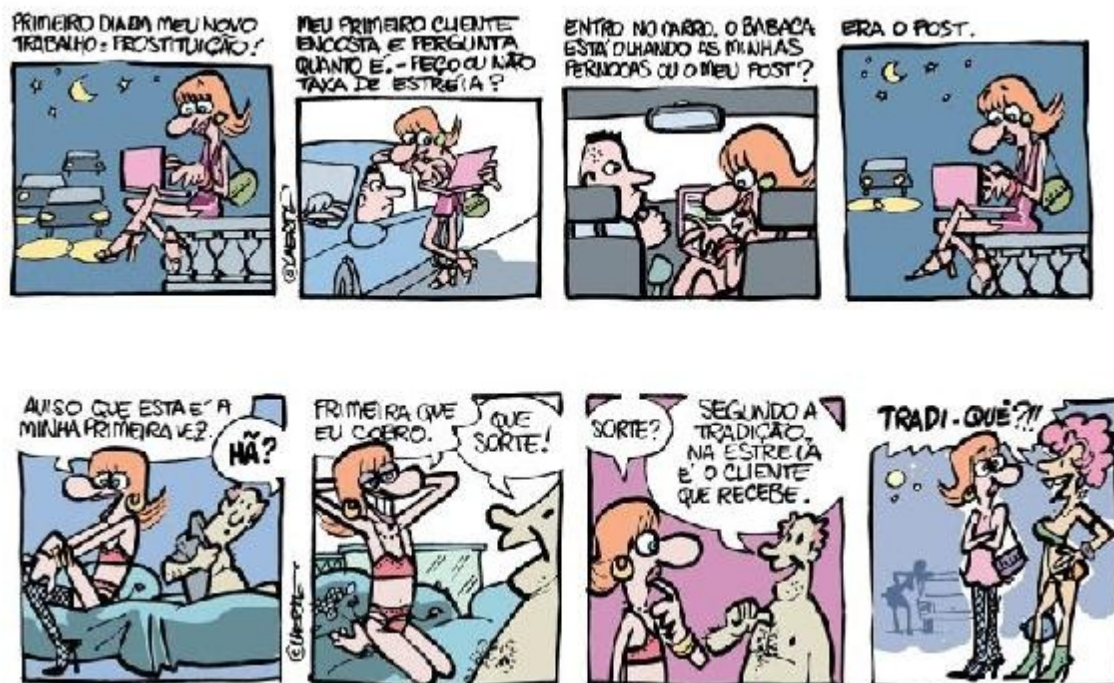
Então, depois de um tempo, a coisa deixou de me amedrontar. Hoje levo isso com o maior orgulho, sem problema algum. Foi difícil a primeira vez, ô se foi, mas é como a primeira penetração: a primeira é difícil, mas imagina se por medo da primeira a gente não tentasse nunca?

MURIEL

EM DIAS DE “E SE EU FOSSE...”

Muriel, antes, era Hugo – personagem que usei numa função meio que de auto-representação.

Hugo se travestia muito, a qualquer pretexto, sempre num registro de farsa: fugindo da máfia, confundindo-se com um sósia etc.



De repente, em 2004, ele aparece se vestindo só pelo gosto do gesto, traindo – ou sendo fiel a ele! – meu próprio e oculto desejo transgênero.



Graças a essa tira acabei fazendo contato com a possibilidade trans, e assim venho vindo, na batucada da vida.

Hugo também foi achando que não fazia sentido continuar sendo Hugo, em vez da pessoa que se revelou nele: a Muriel.



Eu, daqui deste lado do papel, fui fazendo as histórias da Muriel enquanto vivia as minhas.



Por alguns anos esse foi um dos jeitos que usei pra refletir sobre ser trans, pra transitar novas ideias e pessoas intensas, inquietas e transformadoras como a Amara Moira.

Num dos episódios, Muriel tenta se viabilizar como prostituta, caminho nada simples.



Fico feliz com que esses quadrinhos tenham se encaixado neste livro, ao lado do texto cheio de alegria da Amara!

LAERTE

EU SE
FOSSE

PUTA

Sentada no ônibus a caminho de casa, quase madrugada, noite vazia e fria, celular em mãos, é assim que ganham corpo meus relatos, é assim que ganham cor, ganham vida. O que acabei de viver, tudo ainda fresco na memória, a maquiagem borrada, gosto de camisinha na boca, o cheiro do cliente em meu rosto não importa o que eu faça, o seu cheiro de homem já tão diferente do meu – serão os hormônios? Palavras-chave marcantes vindo à tona assim que me ponho a escrever, dentes, línguas, dedos, lábios, uma puxando a outra meio que naturalmente, o texto saindo do encontro delas mas também desde antes, desde eu já na rua tramando amores, namorando olhares: travesti que se descobre escritora ao tentar ser puta e puta ao bancar a escritora.

Não havia luz, só cheiro ali no mato, o matel, e as muitas, muitas camisinhas usadas pelo chão fazendo *clep* à medida que caminhávamos atrás dum cantinho vazio, eu de salto pisando a terra, ele empurrando a moto. Não havia luz, mas assim que ele abaixou a cueca houve cheiro, o de suor, de homem, me invadindo as narinas, dando água na boca. É ali que a gente trabalha, todas, todas, no escurinho onde der, atrás do abacateiro, ou dentro do carro do cliente quando há carro, ou no quarto do motel, pensão, se se dispõem a pagar a mais. O mais das vezes não, e meu cliente, o primeiríssimo que tive, veio de moto e dizia só ter mesmo aqueles vinte reais na carteira (até abriu pra eu ver), um oralzinho só, com pressa, mas no capricho.

Segunda vez que eu tentava estrear, toda insegura ainda, sem saber o que esperar de mim, quanto mais dum cliente, agoniada com o fracasso da primeira vez. Não tem curso ou livro que te ensine nada, é tudo na marra, tudo na cara e coragem. Mãos que não paravam quietas, olhar fugidio, friozinho percorrendo o corpo não tão coberto quanto deveria, os pés doendo, eu aprendendo a equilibrar no salto, gaguejando preço, medo de não parecer merecer tudo isso que eu dizia cobrar. “Tudo isso?”, vinte reais, imagina! Bem bicho do mato mesmo, meu charme talvez, porque em menos de meia hora já pararam vários e, dessa vez, mesmo gaguejando, acabei fisingando fácil o primeiro. Carne nova atrai atenção, me disseram... quem diabos era a travesti novata, a de roupas comportadas?

E lá fui eu abrindo o zíper do rapaz com essa habilidade que esqueci de esquecer, a boca buscando o fundo através do pau sem nem relar os dentes durante o entra-e-sai, garganta profunda, engasgando, atravessando a glote. “Calma que assim eu gozo”, me disse após poucos segundos, em seguida emendando um “que boca!”. Boca de quem faz com gosto, boca de quem faz feliz mesmo escorrendo lágrimas dos olhos – qual o espanto quando me vi

excitada, qual o espanto quando descubro ereção num membro que já parecia morto? O cheiro forte mexeu com a minha libido, confesso, nós dois no escuro, eu lambiscando, engolindo a cabecinha dele por não conseguir conter a vontade. Camisinha pra quê? Quem nunca? Era o primeiro cliente, primeiro de muitos, tesão de eu não me aguentar, ele pagando antecipado e eu só precisando fazer o que já sabia de cor dos banheiros e *dark rooms* da vida. A diferença é que eu agora era paga, finalmente paga, meus bons dons sendo reconhecidos. Quanto mesmo? Vinte reais, metade do que vale esse livro, mas naquele momento isso pouco importava, e nem hoje importa, até porque o livro só existe hoje por conta desses vinte reais que eu vali um dia, que eu um dia aceitei.

E ele gostou de mim, do transe em que entrei, meu primeiro oral, eu descobrindo o sexo, o prazer, seis meses depois de me assumir Amara. Mas não era só gozo o que ele queria, queria beijo também e perguntou se podia e me tirou do transe pra sentir seu gosto em meus lábios e dizer o quanto me achou mulher, o quanto me achou bonita, tudo o que eu precisava nesses primeiros passos de puta, nesses primeiros de Amara. Beijeí então sua boca de homem, homem que nem de longe corresponderia aos padrões de beleza vigentes (esse sempre o meu padrão, padrão algum, quem quiser me querer desde que anônimo, e por isso achei que me daria bem como puta), beijeí aquele e o outro e o depois dele, todos. E dessa vez não tive nojo ou mal-estar depois, não me incomodou a boca máscula, a saliva quente, barba me arranhando o rosto: uma vez travesti, estar com homens era tão mais simples, tudo fazendo eu me sentir mais eu, mais mulher.

Meu brinquedo querendo crescer, a calcinha apertada igual nunca vi antes, eu não entendendo nada, e lá vai o cliente procurar meu corpo sob o vestido, abaixar minha calcinha até a coxa pra ver o que eu tinha endurecendo, apalpar minha bunda, e nada de tocar meu pau, nadinha, eu divertida com a ideia. Conduziu minha cabeça então de volta ao seu e daí ao gozo um instante, eu dando o meu melhor pra segurar a vontade de beber: fiz ele tirar na hora H e leitar meu rosto, a boca entreaberta provando o gostinho de leve no que escorria, ele deliciado com a cena. Antes de partir, ainda pegou meu número e fez questão de ligar ali mesmo pra garantir que era o meu. Prometeu voltar, nunca mais o vi.

Vinte minutos, nem tanto, e eu já de volta à rua, euforia gritando, ainda em choque com o que descobri em mim, essa talvez vocação pra ganhar dindim dando tesão: meus primeiros reais na rua, enfim puta, o dever cumprido, emoção bastante pra uma noite só, quase pensando em já voltar pra casa. Vejo no espelhinho o borrão do lápis ao redor do olho (oral com gozo na cara, queria o

quê?), arrumo o que dá, mas nem bem voltei e agora me para um carro, o cara querendo o que puder ter, tudo o que der, com os quinze que ele tem no bolso.

– Que rosto lindo, feminino, e ainda por cima carinhosa. Beija também? Ah, então faz por quinze pra mim, vai... vou cuidar de você, sei o que você precisa.

Gostei dele me paquerando assim, meu cabelo curtinho ainda, primeiros dias que eu me permitia sair sem peruca, aí avisei que era quase virgem, dia de estreia na zona, ele ok, e acabei topando pela experiência. Subi no carro e fomos pro terreno baldio, eu desde o princípio com a mão em sua virilha avaliando o material. Pau enorme, uma tora na grossura: exercitei todos os músculos da boca pra não deixar ele tocar meus dentes e ir o mais fundo possível (sem camisinha outra vez, nem tentei evitar). O cheirinho de recém-lavado no pau, sabonete, foi só a coisa que me frustrou, pois sou doida com suor de macho. Valeu mesmo assim e me empenhei, mas ele queria mais, me comer, e eu, doida de vontade de descobrir se eu conseguiria, deixei. Descemos do carro, tudo se desenrolando, agora eu deitada de costas no capô, minhas pernas enlaçando seu corpo, a céu aberto, outras fazendo o mesmo a uns tantos metros dali. Gel, camisinha, dedo, mais gel, força, força e não era possível, simplesmente não era. Aquilo não foi feito pra cu, pensei, e ainda descobriria que nem era o maior da noite.

Ele então tira a camisinha entendendo a situação e eu o chupo e masturbo até ele gozar gostoso meio em meu rosto, meio na boca entreaberta, não sem antes ele me chupar, eu terrivelmente excitada até com isso. Prometi mais largura a próxima vez e ele jurou voltar. Se despediu com selinho na boca (esqueci de contar o quanto a gente se beijou, o quanto ele foi carinhoso) e partiu me deixando ali no escurinho do matel, limpando com retalhos de papel higiênico o rosto e o cu lambrecados: os quinze reais ele já tinha me dado quando entrei no carro, antes mesmo que eu precisasse cobrar. Fácil, fácil.

O terceiro foi diferente. Nos conhecemos no dia anterior, ele caidinho pelo meu jeitão comportado (a travesti “crente”, apelido que me deu por conta das minhas roupas), aí pega meu número e liga umas quinze vezes até conseguir me encontrar. Desesperado por mim e olha que nem fiz por onde. Tive que desligar o telefone enquanto atendia os outros dois, tal a insistência do rapaz. Me livrei do segundo, um tapa na maquiagem e corri até onde esse terceiro estava, uma casa que alugava quartos, espécie improvisada de motel, ele com uma cerveja à mão. Me ofereceu um gole da própria lata, recusei, ele quis começar um diálogo, saber do meu namorado (?!), se não fica puto com meu trabalho (?!), primeiro dia na zona, eu virjona de tudo dando trela, ele aproveitando pra me fazer um pedido mambembe de namoro, o primeiro que recebi, “ai, mas acabamos de nos

conhecer”, enrolação e mais enrolação, até que perguntei irritada se aquilo era mesmo um programa.

- Pode ser sim, quer ir pro quarto já?
- Seria bom, mas nem combinamos valores...
- Você cobra quanto?
- Quarenta.

Com ele fiz a linha romance, como dizem na rua, e a coisa durou mais de hora, único cliente de que ainda me lembro o nome (saímos várias vezes depois), único que jamais regateou preço ou desmereceu meu trabalho. Tirou minha roupa assim que girou a chave e já veio pra cima de mim, bafão de cerveja gritando, mas nem liguei, porque era ali naqueles braços viris de pedreiro que eu ia aprendendo a me sentir mulher, a abraçar, beijar como mulher. Sua língua me fazia sua, invadia a minha boca sem precisar permissão, mãos ásperas correndo meu corpo, eu quietinha deixando ele se sentir no controle, gostando desse gozo até então tão desconhecido pra mim.

Deitados na cama, braços e pernas se atabalhoavam, tudo ao natural, livre de hierarquias, quem manda, quem obedece, sem premeditação ou vontade de acabar mais rápido. Não quis saber do meu pau em momento algum, mesmo ele duro, mas só do que em mim era fêmea: os peitos, que ele acarinhava com boca e mão sôfregas, daí a bunda também, com fervor, e o cuzinho apertado, onde ele passeava os dedos. Fui junto apalpando o volume no jeans dele, tremor pelo corpo inteiro só de imaginar aquela neca dentro de mim, já que não dei nem conta da menorzinha antes.

Tadinha, sofri, mas, antes de sofrer, tesão, inimaginável tesão sentindo o cheiro de homem naquele pau, vendo ele brincar com os limites da minha garganta, olhos lacrimejando, nariz escorrendo, todo um cuidado pra não devolver o almoço: tem como ser mais feliz? Por mim a gente ficava até o fim nessa felicidade (dia seguinte a dor de garganta reinou lembrando o tanto que abusei do oral), mas lógico que ele queria mais. Avisei que seria a primeira em mais de um ano, desejo e medo em meus olhos, ele prometendo ir com calma pra eu não me assustar e lá fomos nós.

Fiquei de bruços na cama e ele veio de língua no meu cu, gostinho de KY da tentativa frustrada de dar pro segundo cliente talvez fazendo ele acreditar que eu fosse uma bela duma mentirosa (acham que dá tempo de tomar banho, acham que eu ganho pra isso?), mas se foi o que ele pensou, nem tchum, porque parecia se divertir horrores, e eu não menos. Depois de se faltar com a linguona, veio cheio de graça querendo esfregar sem capuz a piroca no meu edi, pedindo o

famoso “na portinha só”, “só um pouquinho dentro”, vocês sabem, homens. Um enérgico ninanão de resposta e ele nem ousou mais.

Abri então o sachê de lubrificante do postinho, besuntei bem a área onde ele adentraria e fui encaixar no bilau a camisinha que me deram grátis junto do sachê. Quem disse que cabia! Chamei a outra de tora, mas foi essa a primeira na vida que vi não caber no capuz... imagina o desespero e justo na estreia, eu toda virgem. Já acostumado talvez, ele de pronto pega a bendita com dois dedos de cada lado da argola, esgarça bem a boca dela e vai desenrolando ao longo do espeto. E eu vendo aquela cena, minha cara, nossa... ou a camisinha arrebenta ou arrebetam minhas pregas, não tinha opção fora as duas.

Qual o espanto quando um ano e meio depois descubro que a dor que senti todas as vezes que dei depois dessa tinha a ver com uma fissura anal? Demorei pra me dar conta de que eu precisava de um médico e fui deixando pau atrás do outro ir só piorando a coisa por achar que era frescura minha ou falta de dedicação. Dois meses de pomada cara pra tudo ficar melhor, três aplicações diárias, mas quase acabei foi na mesa de cirurgia. Por pouco. Como eu disse antes, não tem manual ou curso que te ensine nada, nem médico sabe direito o que recomendar.

Mas, voltando à cena, ponho-me frango assado na cama e chamo ele pra cima de mim, luz somente a que entrava da rua pela janela ajudando a distinguir os corpos. E ele vem, encaixa a cabecinha atrás e começa a forçação, negociando comigo cada centímetro do doloroso avanço. Várias, várias posições, todas doendo horivelmente, mas talvez laceada já das investidas do anterior, ele uma hora enfim entra. E quando entrou, aí sim, aí, passou a meter com gosto, eu simplesmente deixando, toma meu corpo, vai, faz o que quiser, querendo provar pra mim mesma que eu dava conta: tesão, digo, ereção já não havia, só dor e desejo de superação, o que não era pouco.

Uma hora ele percebe o martírio e para com a penetração, tirando a camisinha pra que eu voltasse a me dedicar àquilo em que sou melhor, chupar, engolir. Ideia mágica, fiquei até outra vez excitada (agora também, reescrevendo a história), e entre boquete e punheta acabou se esportando em meu rosto, eu brincando de lambiscar o leite com a pontinha da língua – aí de mim! Começamos a nos vestir, ele todo carinhoso ainda, eu ainda anestesiada, bem sem jeito buscando oportunidade certa de cobrar, quando ele então me oferece por livre e espontânea vontade a nota de cinquenta e, ao me ver fingindo buscar troco, faz um gesto pra eu não me preocupar com isso. Nos despedimos, saí pra contar ao mundo.

Excitada com cada um dos três, pouco importava grana ou rosto. Dar prazer foi meu destino amargo, dar, mas também receber. E se sentir prazer naquilo com que se trabalha for critério pra escolher profissão, a minha já está escolhida. E se eu fosse puta? Bom, agora eu era.

1.
QUEM
SABE
UM DIA

Gosto de andar por aí de cabeça baixa, sem ter que enfrentar olhares e imaginar o que estão pensando ao me ver. Se as pessoas riem, faço todo um esforço para acreditar que deve ser por piada ou coisa engraçada que lhes ocorreu. Me ponho num mundinho cor-de-rosa sempre, um que me proteja. Não olho, não retribuo olhares, passo alheia a tudo o que me envolve. E eu realmente consigo acreditar, na maioria das vezes, que essas irrupções de riso ou giros abruptos de cabeça não têm relação comigo: há sempre uma justificativa que me surja rápido, à qual me agarro sem nem precisar de esforço. Mas tem vezes que a sincronia da minha passagem com esse riso soa estranha demais, me deixa insegura, agride. E tem vezes que, nessa insegurança, surge alguém que gosta de mim, e de quem gosto, pra perguntar como é que aguento, como é que eu deixo e não vou lá cuspir na cara do infeliz. Como é que eu aguento é assim, fazendo a pêssega. Porque se eu percebo o que se passa ao redor, a forma como me olham, o quanto a minha figura não faz sentido, aí é me trancar no quarto e chorar. Como ontem. E é então que me pego fantasiando os dias em que fui visitar amigas putas e tive uns momentos de última bolacha do pacote, homens me assediando abertamente, querendo saber meu preço, querendo com volúpia nos olhos conversar comigo, me paquerar, cantar, seduzir.

Nunca cedi a essas abordagens toscas, asquerosas, mas confesso que elas sempre me causavam sorrisos, acabavam fazendo com que eu me sentisse bela. Objeto de desejo lá, de riso aqui, mero objeto em ambas as situações, mas lá pelo menos me põem num pedestal, digna de admiração e desejo. Nem sei por que continuo deixando esse moralismo bobo impedir que eu tome as decisões corretas.



“Destino Amargo”, Amara Moira: eis o que és, eis o que significa. Um nome, o meu nome, mas ninguém o diz. Sonoro, alegre talvez, como a cara que faço ao receber proposta de um oral por dez, completo vinte. Atender na rua é o que dá, coisa que aprendi de cara. Travesti rondando os trinta, mas se dizendo vinte, militante LGBT, feminista, escritora, doutoranda em teoria literária pela Unicamp nas horas vagas: e puta. “E puta”, mas como?! Mas por quê?! Sem “mas”. Puta porque puta, puta porque quem sabe um dia. Já viu travesti professora, advogada, cientista, médica? Querem que eu seja a primeira, querem que um canudo de doutora me abra as portas do mundo, a única, diferentona: “venha, Amarinha, trabalhar conosco, te queremos tanto!”. E o telemarketing, salão de beleza? Antes puta, puta pelo menos me forço a escrever. Prefiro isso a ouvir desaforo oito horas por dia no telefone ou fazer unha e cabelo de madame com rei na barriga.

Tantos anos retardando a transição, no armário toda, temendo até mesmo pôr pra fora a pontinha dos pés. Medo de quê? De tudo. Mas sobretudo de ter que do nada me prostituir, ter que ir da noite pro dia buscar cada centavo do meu sustento na prostituição. E não eram os corpos sem nome, vários, variados, via de regra fora do padrão, em diversos graus de higiene e saúde, o que me assustava. Com esses me dou bem, e até prefiro, anônimos, fora do padrão (como eu própria me sentia sempre, ainda mais agora). Sexo nunca foi foda, mesmo as modalidades mais excêntricas: difícil é transar por amor, amar por prazer. Meu medo era, antes, a violência da exclusão, me ver pária da noite pro

dia, tratada feito lixo, perder família, amigos, círculo social, não ter um teto pra chamar de meu, o direito de continuar estudando, de poder buscar emprego que não fosse esse que não consideram emprego: puta.

Mas cá estou eu, dois anos atrás, enfim travesti. Sabe-se lá o que me deu, de onde veio a coragem, uns mesezinhos de hormônio, corpo nem lá nem cá, meio a meio, solidão corroendo por dentro, eu ardendo por um toque íntimo, um “como você tá linda”, “olha só você” e nada. Travadérrima, medo de deixar quem quer que fosse se acercar de mim, mas, quando visitava as amigas na batalha, não tinha jeito, chuva de quanto você cobra, quero você, gostosa, só me diga o preço. Homens. Ali era permitido desejar meu corpo, ali, somente ali, onde esses que me desejavam eram não mais que sombras. As mais vividas, na batalha todas, começam a me atihar pra fazer a rua, ganhar o aqüé, grana, pra ficar rica. O convite tinha um quê de “não dá pra ser só turista”, achei, ou então essa cisma do “era preciso” era justo a desculpa que eu precisava pra me jogar de cabeça. Começa a me devorar a ideia do “e se eu fosse”, vontade de peitar a noite com meus peitinhos de hormônio, o cabelo ainda curto, toda aprendiz nas lábias do olhar, na língua da sedução. Definitivamente, agora eu era outra e disposta a pagar o preço, quer dizer, cobrá-lo, ganhar pelo que soube aprender, pelo desejo que me coube atihar.

Dois níveis então de foda-se: não só me fazer como também dizê-lo, gritar minha condição, escrever sobre a rua ao mesmo tempo que a vivo, essa agora tão minha, essa que só meus olhos e cu e boca, essa onde eu era livre.

2.

COMEÇO
AH, O

COMEÇO

...

Aquela euforia toda que contei no início, bom, mas não foi daquele jeitinho que se deu de cara. Teve o antes daquilo, dia que, hoje nem tanto, mas já preferi esquecer. Mais de mês remoendo a ideia do “e se eu fosse”, amigos chocados só com eu me dizer tentada, querendo me convencer de que não fazia sentido (uma, inclusive, rompeu comigo assim que, numa conversa informal dois anos atrás, confessei a ideia que me tirava o sono: sete anos de amizade e bastou “tou pensando” pra tudo ir pro saco, e aqui a gente já vê o peso do estigma que carregamos – “te aceitei travesti, mas puta não... você vai pegar AIDS, vai ser violentada, não tem como, tchau”), e o que ninguém entendia é que não havia escolha. Decisão tomada, eu só estava pensando os meios, as desculpas esfarrapadas que eu alegraria. Uma vida vivendo o sexo de maneira precária, me sentindo um lixo por desejar homens, mas refém desse meu desejo, transando com quem quer que fosse desde que anônimo, foda-se tamanho do pau, peso, altura ou padrão de beleza, aí de repente descubro que isso é a talvez a única profissão que, enquanto travesti, terei fácil pela frente. Sou tratada igual puta bem antes de me assumir puta, quase uma tatuagem na testa: bastou me verem travesti e já começa o assédio, assédio de que nunca tive notícia enquanto eu posava de homem.

O começo, ah, o começo. Primeiro dia na rua, carros e carros passando, eu toda sem jeito buscando o olhar do cliente, tentando atirá-los com uma palavra, um gesto, dedo nos lábios, piscadinha (que, no meu caso, era quase careta), eu transpirando desengonçamento... sério, uma hora, uma amiga, vendo meu desespero em não conseguir ninguém, me levou no quarto pra eu pegar emprestada uma roupa mais a cara do ofício. Não dá pra imaginar a vergonha que senti naquele vestido que, só a custo, mantinha escondida a calcinha! Voltei pra rua e tudo continuou igual, pois nesse trabalho confiança é tudo, justo o que eu tinha de menos: cliente tem que bater o olho em você e sentir que é você, sentir que vai gozar horrores, senão ele corre atrás de outra. Daí a importância de fazer a atriz, saber atizar desejo mesmo depressiva, mesmo querendo trucidar o lixo. Roupa é o que menos importa, quem é do ramo sabe, mas minha amiga insistiu que eu trocasse pra ver se me vinha axé. Veio não. Penei, isso sim.

Percebi rapidinho que a ideia de alugar meu sexo, o tempo de contato íntimo com meu corpo, parecia mais fácil na teoria do que na prática: quanto valia esse tempo, esse corpo? Falar xis significava ouvir xis menos ípsilon, e esse processo da barganha ia consumindo a minha autoestima. Cinco horas aprendendo a equilibrar no salto, frio que eu não sabia existir, mudando de ponto de hora em

hora pra ver se a sorte mudava, ficando longe das outras pra ver se alguma coisa vinha: quem era eu perto delas, perto daqueles corpões? Que chance eu tinha? Um único interessado de fato, nariz sangrando de tanto pó que cheirou, querendo um completo no carro por vinte! O valor me horripilava, mas ainda que fosse o dobro, triplo, eu continuaria me sentindo ultrajada. As amigas de profissão me diziam: “antes vinte na sua bolsa que na da outra, pois alguma vai levar o dinheiro”. Sei lá, capaz que antes dali eu vivesse na Terra do Nunca, porque aquele nariz sangrando, aquele olhar de *nóia*, tudo me deixou em pânico, fora o medo de, no fim das contas, ele ainda dizer que não valeu a pena, não vali os vinte.

Bati o pé, “não faço por menos de trinta”, dez a mais, grande diferença, eu por dentro torcendo é pra ele recusar (o que ele acabou fazendo, mas não sem insistir bastante). Era a minha virgindade em jogo e eu queria algo mais do que me sentir um buraco, algo mais do que um sem-noção que só queria ir comigo por achar que eu, feiosa, aceitaria o preço. E eis que se foi a única proposta concreta nas cinco horas que fiquei ao relento namorando olhares. Noite ruim, disseram as amigas: bom mesmo era a madrugada. Mas eu estava desguarnecida de roupas, recém-recuperada de uma gripe, autoestima no chão. Sem condições para enfrentar tudo aquilo por mais várias horas. O salto alto também oprimia meus pés, e eu queria era um abraço gostoso das cobertas. Me acabei de chorar no caminho pra casa, achando que eu nem pra puta servia, bruaca, bucha de canhão, aí dá-lhe amiga pra ajudar com o trauma, e dá-lhe taba, e dá-lhe otim, até eu me sentir em condições de tentar de novo, um mês exato depois (esse que eu contei de início, não sou boba).

3.
MEUS
DEZE
NOVE

Orientação sexual variando entre incerta e instável (às vezes as duas ao mesmo tempo); incapaz de amar alguém (e, por conseguinte, conviver junto a este) ao longo de grandes espaços de tempo, acabei sendo obrigado a manter uma alta taxa de rotatividade de parceiros (acho que me daria bem com programas...)
[28/11/2004].

Diário aberto, viajo mais de dez anos no tempo. Uma pena eu ter escrito tão pouco...uma horinha e lá se foram todas as páginas duma história que estava sepultadíssima na memória. Coisas, quase todas, que eu não me lembrava mais e que sinceramente não consigo nem entender como é que eu poderia esquecer caso as tivesse mesmo vivido! Memória pregando peças ou, talvez, minha propensão pra me entender desde sempre meio personagem, sei que me delicieei flagrando essa percepção precoce de que eu estava perdendo tempo e dinheiro deixando de cobrar por algo que eu fazia tão bem. Mantive o tratamento no masculino do texto, porque com dezenove anos nada era muito óbvio a respeito de quem eu era. Li os relatos picantes das minhas primeiras experiências de banheiro, a linguagem dos olhares que negociam, através do espelho, o que vai rolar em seguida.

Todos que frequentam banheiro masculino sabem que homem não olha nos olhos de outro homem, não conversa, nem fala oi, a menos que esteja querendo coisa. Eu rapidinho entendi essa língua. Eu queria coisa. Banheiro vazio, só eu e mais ninguém. Vai entrando gente aos poucos. Demoro lavando a mão, buscando discretamente um olhar que insinuasse querer responder ao meu (todo o cuidado é pouco, pois machão disposto a quebrar seus dentes, se se sentir desejado, é o que não falta); aí perceber que o cara está demorando demais no mictório (“nossa, que bexiga!”, pensa o inocente), que está meio me olhando de canto de olho, procurando o meu canto de olho, eu lá lavando as mãos... aí um dos dois toma a iniciativa e assume o olhar, os dois passando a se olhar diretamente e eu que estava lavando ou enxugando as mãos há horas, ou mexendo no cabelo,

escovando os dentes, volto ao mictório “pra fazer xixi” bem do ladinho dele, apesar dos tantos lugares vazios. Um olha o que o outro tem, toca, brinca rapidinho e se dirigem logo ao box, onde eu já me sento na privada e vou logo abrindo o zíper.

Não tem conversa, não tem carinho, só deixo implícito pra não tocar no meu genital: é o dele que eu quero, isso é o que dá prazer. Goze sem me avisar de preferência, que adoro engasgar (quase nunca acontece, mas é tão excitante, tossindo porra com aquele sorriso maroto nos lábios). E nem precisa agradecer no fim, não fiz mais que minha obrigação: só feche o zíper e tchau, me deixando lá com o gostinho amargo na boca. Adorava sentir esse prazer insuportável, incontrolável, e ver meu pingulim molinho. Meu prazer não estava ali, era todo na minha cabeça. E foi lendo meus diários e poemas que escrevi na época, que eu percebi que já sou/era desde sempre puta. Não das que cobram, porque isso eu ainda não me acreditava capaz, não conseguia acreditar que eu valia. Mas, sim, porque sempre fiz muito e com muitos, sempre com gosto. Se transar adoidado, louca da periquita, é ser puta, então eu sempre fui puta. Agora preciso é começar a ganhar por isso, porque com dezenove aninhos eu já acreditava que levava jeito.

4.

NAMO

RA

DINHA

-Tempão que tou atrás de você... difícil te ver, viu?

Cliente apaixonado pela rapariga que ora vos dirige a palavra, ele, aquele que me apelidou de crente por minhas roupas comportadas, que me pediu em namoro já no primeiro beijo: caí nas graças do coiso desde então e ele não largou mais meu pé. Eu, por acasos da militância LGBT, fui dar um giro pelo interior paulista e acabei justo na cidade dele, ele aproveitando a deixa pra se aproveitar de mim, coitada, empalada viva outra vez! A notícia de que eu estava escrevendo um blog sobre minhas experiências correu o evento, a ponto de militante importante vir feliz da vida me dizer que, embora eu não fosse das putas de verdade, isso até que podia ser bom pra causa. Não era das de verdade quem? Fiquei mordida, vocês nem sabem quanto! Tudo bem que havia a desculpa da militância (e, ok, tenho parcela de culpa em acreditar em nisso), mas daí a perder o título de “de verdade” era golpe baixo. Pois bem, fiz questão de marcar com o rapaz na porta do hotel e dei sorte de ele chegar justo quando o mundo todo estava ali na frente, essa pessoa inclusive.

O homenzarrão desceu do táxi pra me cumprimentar com um beijo no rosto, olhares entre incrédulos e eufóricos na porta do hotel, plateia, e dali fomos pros cafundós do Judas (eu com o cu na mão, onde é que eu fui me meter, volto viva?), mas foi só chegar no motel e já fui me soltando, soltando o cinto dele, beijocas, amassos, sou toda sua, vem cá, olha que eu vou. Ele gostou de me ver assim e eu, já nos domínios da minha perícia, agora era fazer o que sei melhor, estilo namoradinha, “me abraça”, “saudades desse seu corpão”. Tirei sua calça e aquele cheiro de macho veio e me deixou toda doida, salivando e aí lambendo e aí engolindo e aí vocês sabem bem. Nova rodada de amassos, eu de novo a necona dura desde os primórdios do encontro (levo ou não levo jeito?), e ele aí se interessa, brinca um pouquinho, coisa que não tinha feito a outra vez, e eu, viciosa e espertalhona, perguntando se hoje ele não quer brincar de outro jeito. Que nada, não com ele, que já foi mostrando quem manda.

Me pôs frango assado na hora, sachê de gelzinho, dedinho entra e sai, a neca dura e já de capuz em seguida tenta, e doía, doía, doía que não passava, até que entrou e se assenhorou da casa. Vai indo então devagar, se empolgando aos poucos, começando a bombar firme e decidido, e quando eu já quase que desmaiava, entregue em suas mãos, ele vai com tudo pra dentro e outra vez e mais outra, umazinha só mais e aí cessa e arremessa exausto o corpanzil sobre o meu. Beijinhos apaixonados, tira de dentro de mim, camisinha com as marcas do crime (ai essa xuca que não sei fazer!), nossa, como foi bom, adoro sair com

você, aguarde. Tomamos banho, ele chama de volta o táxi, os dois na cama agarrados, eu sem saber como cobrar (não combinamos preço, acredita?), até que arrisco um “e a minha parte, amor?”.

– Ah, sim, quanto é mesmo?

– O de sempre.

E lá vem a nova oncinha pra coleção, meu animal favorito. Ele me leva até o hotel e foi só chegar, aliviada, que já corri com as amigas pro *putz-putz* pra soltar a onça. O que vem fácil, vai fácil igualzinho.

5.

BONE
CA

**INFLÁ
VEL**

Nada de beijo, nem vem cá me abraça ou gostei de você: dessa vez fui só boca, ce-u, corpo e olhe lá. Usada como sonhei, não gostei tanto assim. Oral por dez, faz? Noite uó, frio medonho, vontade de entrar naquele carro o quanto antes (estar no carro já era bem)... e aí, faz? Olha, até faço, sim, mas aguenta o cu doce, tá ok? Começa o programa, tiro calça e cueca dele, empunho a piroca, o cheirão de nem tão limpa assim, abocanho, deixo ela em pé, faço o que faço melhor, e aí sinto a mão dele subir minha espinha e pegar um chumaço dos meus cachos. Carinho será? Não era: agarra firme a cabeça minha e soca sem dó o pirulito lá fundo. Engasguei, deu ânsia, seguro a mão dele pra não vomitar, do jeito que eu costumo gostar, mas ali não gostei nadinha... e sei lá por quê.

Talvez ele brucutuzão, camisa da Mancha Verde, me desvalorizando na cara lavada (“faz por dez, não pago mais que dez” e aí solta um “tem troco pra vinte?” e eu, trouxa, disse que tinha sete pra voltar de troco), junto a situação meio tensa, as três horas lá fora enfrentando frio sem nenhum clientinho pra esquentar a noite, aí destabada, aí sem otim, aí me sentindo feia... não foi bem como eu sonhava o retorno às ruas. Mas ficaria pior: “se eu te der quinzão, você dá pra mim?”. Pô, sério, por dois a mais ele queria o tradicional completo, ali mesmo no carro, eu toda apertadinha, justo comigo que nem gosto tanto assim de dar o fiofó. O cúmulo. “Não, e seu tempo tá acabando.” Irritada, fiz o que pude pra acabar logo, e ele, puto por eu não ter aceitado, logo se acaba sem nem me avisar quando. Volto a lembrar do frio no que abro a porta do carro pra cuspir a gosma, mas mesmo com frio só penso em vazar o quanto antes. Resolvido o caso. Treze no bolso, já dava pra começar a pagar os custos do trabalho, ônibus ida e volta, a janta, e vislumbrar os cem que programei pra noite... De novo no ponto, logo me aparece outro lixo. Para perto de mim, baixa o vidro, e eu já vou entrando no automático:

- Quer fazer um programa, amor?
- Que que você acha?
- Acho que sim e digo mais: quer fazer comigo.
- Em cheio. Só tem um problema...

Lá vem. O penoso não sai de casa com dinheiro, ora esquece, ora medo de assalto, aí acabou que só tinha os onze do troco do pedágio – uma chupetinha de boa será que você não faz? Pô, eles acham que a gente vive de ar, trabalha por puro gosto. Aceitei por treze o primeiro e aí vem outro com menos ainda... parece que atrai! Pelo menos me tratou bem, também ativo, e como eu já estava aflita de nem conseguir o básico (frio já voltando a me roer os ossos, aliás), me

deu a louca e aceitei: fiz no varejo, pro horror das companheiras de rua. E eis o primeiro que não vi durão, não importava o requinte das minhas artes... chupeei devagar, rápido, firme, de levinho, fundo, só a cabeça, gastei a língua em rodopios inúteis, todo o meu saber bocal, lingual, e nem assim saiu mais que um meia-bomba pra lá de meia. Ele se desculpou, agradeceu minha obstinação, disse que é culpa da bebida, aí depois acabou assumindo um tiro (“coisa à toa, mas atrapalha”).

Só de ele dizer a palavra já fico aflita e, na ânsia de correr dali, falei que o tempo até ali já era mais que o bastante pelo quanto recebi dele. Novamente agradece e pede só pra eu ficar mais um pouco, tempo de ele dar mais um tiro, “coisa de nada”. Fiquei, mas aterrorizada, mais aterrorizada ainda. A primeira vez que eu via alguém cheirar na minha frente, nossa, imagina as caras que eu fiz. Ele apronta as carreirinhas, duas, me oferece uma e tive que recusar trocentas vezes até ele entender que aquilo me deixava em pânico (“desculpa insistir, não quero essa vida pra ninguém, mas é bom provar pelo menos, não quer dar nem unzinho só, ah se não é sua hora então tá, mas certeza?”). Ele, por fim, cheirou ambas e avisou que a coisa ia bater em quinze, vinte minutos no máximo. Eu que não ia ficar pra ver, então assim que ele assentiu dar conta de chegar em casa, já comecei a me arrumar pra sair do carro. Antes, no entanto, e me sentindo um lixo por isso, avisei que ia ficar com as moedinhas ali no painel pra completar o preço (pensei até em surrupiar, fácil fácil chapado do jeito que ele estava, mas acho que eu ia me sentir um lixo igual, então não valia a pena). Três e cinquenta a mais pra conta, catorze, com os outros treze já quase dava pra ficar zerada: bora outra vez pra rua!

E aí veio o único que me tratou como a boneca inflável que sonho ser! Não barganhou preço (aceitou os meus trinta, mais dez do quarto), quis de tudo, serviço completo, usou e abusou de mim e pela primeira vez na noite fui sorriso de orelha a orelha, com ereção e tudo. Tiramos a roupa, eu toda envergonhada com meu pouco peito, ele me olhando admirado, dizendo que eu não precisava é de nada, que me adorou, meu papo, eu branquelinha desse jeito, deixa eu ver seu cu, vai? Me pôs de estátua na luz e examinou cada centímetro meu sem pudor, distribuindo tapinhas na buzanfa sem nem perguntar se podia. Me pôs então de joelhos e deixei com o maior prazer, pegando aquele peru nas mãos, na boca, e fazendo tudo o que eu pudesse querer, ele deixando, e eu indo cada vez mais fundo, com gosto, desses que a gente atende até de graça se a grana não fizesse falta. “Hora da cama”, ele disse: e será que aguento? Era pelo menos igual o último que me tinha comido, aquela dor outra vez, e aí deu igual, broxei, mas

não dei pra trás: ele quis variar posições, a coisa aos trancos e barrancos foi se encaixando, eu sentindo tesão em vê-lo com tanto tesão... deixei rolar. No fim já nem doía mais, mas tesão que é bom foi só ele. Gozou, xequei outra vez (ai que uó, o cheiro empestando o quarto!), mas ele nem ligou. Ainda me diverti dando umas lambiscadas na cabecinha dele depois de tirar o capuz. Na hora de pagar, eu só tinha nove de troco pra onça que ele me deu e ficou quarenta e um mesmo. Mais os vinte sete e cinquenta, ufa, agora era sossegar o facho. Deixa a meta dos cem pra outra vez.

6.

É HOJE
QUE EU
CONHEÇO
O AMOR

E hoje Amara Moira conhece o amor: vai dormir de conchinha pela primeira vez com cliente apaixonado (ou, quem sabe, varar a noite fustigada pelo desejo que ele tem por mim). “O preço?” O de sempre, a oncinha mais transporte, hotel e alimentação, nada demais pra quem diz amar tanto. “A noite toda?” Todinhazinha eu e você, mas só dessa vez, viu (ai que vontade de dormir de conchinha!)... “Só que nada de vir me encontrar assim muito atrevida, fogosa... na rua, gosto é de você discreta”. Olha só o que ele me pede, pode? Que atrevimento! A Amara crente, como ele me chama desde que nos conhecemos, é a que ele mais gosta: “comportada você é tão linda”. Tá bom, vai. Só pra você e, digo mais, só hoje. Aproveite bem.

Amanhã conto como foi.

Tem gente que nasceu pra trouxa, não? Sem comentários. Texto que fiz dois anos atrás, indo encontrar o primeiro cliente que quis dormir comigo, eu com delírios de amor, vê se pode.

7.

PRIMEIRO

AMOR

A GENTE

NUNCA

ESQUECE

Ele suava frio segurando minha mão em plena rua deserta, iniciativa dele, só nós dois e uns poucos carros. Era nítido que queria mostrar pro mundo que eu tinha dono, mas de qualquer forma só conseguiu fazê-lo ali, quando já não havia quem visse. Fiquei lisonjeada, é claro, e lembrei de como eu mesma me senti a primeira vez que fui ao shopping com minha namorada travesti, nos idos dos meus 17, 18 anos (nem vou falar quantos mais de dez anos atrás pra preservar a idade que assumo pros clientes), eu ainda um menino bobão, desde sempre bissexual, querendo-não-querendo que vissem. Me diverti vendo aquelas angústias não ditas, dele mas também tão minhas, eu agora assumindo o papel de “pessoa com quem não se deve ser visto”. Será que desde a rodoviária ele queria agarrar minha mão, andar de mãos dadas? Se sim, a coragem suprema só veio quando chegamos à tal rua dos hoteizinhos, quando não havia na rua mais que esses dois bocós, ele e eu. Gostei mesmo assim.

Bom, fui buscá-lo na rodoviária, beijoca no rosto e nada de intimidades, pra irmos nalgum daqueles hoteizinhos fim de carreira buscar abrigo pra noite. Pratico ferozmente o desapego pra não ficar enciumada com o quanto de grana ele gasta pra vir me ver (cem do hotel, uns trinta e cinco da passagem ida e volta, às vezes táxi, e comigo só os malditos benditos cinquenta – mas ele volta sempre, uma vez pelo menos por mês, e parece que guarda todas as economias pra isso). As amigas dizem pra não acreditar em penúria alheia, desculpinha pra nos desvalorizar ou querer de graça, mas a verdade é que ele nunca alegou nada disso. Foi sempre eu que intuí e quis valorizar a iniciativa. Ele me trata bem, tem isso ainda, e me deixa supertarada. Fora que a última vez que fui trabalhar na zona fiz três programas, passando frio toda a noite, horas a fio, e voltei pra casa com míseros oito merréis (“o que lá se ganha, lá fica”, célebre dito). Agora os cinquentinha limpos pelo menos tenho.

Portas fechadas, só aí é que ele me beijou, e como beijou. Hálito de quem dormiu a viagem toda, não tão delícia assim, mas aos poucos fui me acostumando e já nem se notava. Beijou com a saudade de quem faz um mês certinho que não via a amada Amara Moira e eu beije de volta, precisada que estava de beijos, daqueles beijos, de beijos quaisquer desde que dados como aqueles. Eu, nova nessas vivências, buscava reaprender a beijar, a participar do jogo: não mais o meu falecido eu era quem estava ali, mas sim a Amara e eu me preocupava (talvez só agora atentei pra isso) em tentar beijar como mulher, tentar agarrar, abraçar, me dar todinha, ainda no momento beijo e no momento abraço, como mulher. Coisas mudam quando você se lança de cabeça na

transição, o andar, a postura, a forma de interagir com as pessoas, o tom de voz, coisas que vivo como um desafio autoimposto mais do que uma obrigação. Dali começamos a tirar as roupas, cada um as suas, meio desengonçados e sem charme algum. O tesão em ambos era evidente, mas mais parecia que a qualquer momento alguém faria algo suficientemente engraçado pra acabar com o clima.

O sonho era dormir num peito acolchoado de pelos, meu sonho, aninhada em braços viris toda a noitinha. Mas antes tinha ainda o sexo e eu, tarada como não se via há tempos, queria porque queria transar. A TV ligada, ele quem quis, só pra fazer barulho e jogar luz na gente. Estabanada como só eu sei ser fui ficando nua, ele não deixando por menos e me beijando comonde queria, apertando firme os braços ao redor de mim (“construção civil”, ele disse, de onde vieram-lhe os músculos)... e enquanto isso eu, mais alta, braços mais longos, tentava fazer com que ele e só ele me envolvesse o corpo, abraçasse, porque era eu quem queria me sentir protegida, a moçoila indefesa. Vez ou outra eu ligava o automático e aí soltava os braços atrás dele, um molusco quase, igualzinho o falecido faria, igualzinho eu nunca mais quereria fazer, porque era justo assim que eu me sentia homem, justo assim que não daria mais, que não tinha mais jeito, apesar de ele parecer nem notar.

Empurro ele então pra cama, ele brincando de se deixar cair, e vou pra cima e abocanho o que ali mais me interessa. Estava nervosa até essa hora, medo de não me excitar e ter que fazer assim mesmo, ter que dar, medo do “e se não fosse tão bom quanto eu imaginava”, imagina uma noite inteira?! Mas não foi bem assim que se deu, quem me dera. Ali na cama era o meu território, e não deixei por menos: chupava como queria, ele acarinhando meus cachos, sem fazer pressão, me deixando à vontade. Fui tomando gosto e fazendo cada vez com mais gosto, ele deixando, mas me segurando às vezes, “senão vai leitinho na boca”. Quando chegava esse ponto, eu voltava pro beijo e lá me esbaldava, toda encolhida pra ele agarrar bem meu corpo, me envolver fácil. E foi esse o jogo um bom tempo, até que ele resolveu me atacar no meu ponto fraco, onde sempre me doía horrores e eu achava que era só por falta de prática (voluntários?).

Não tem gel que facilite a entrada daquele chouriço... e eu ria de ver, ria imaginando como é que aquilo entraria de novo no meu fiofó. Toda santa vez a mesma coisa, mas dei conta sempre. Aquilo era como um gozo sem gozo algum: eu perdia total o tesão, adeus ereção, e dali em diante era na garra, haja força de vontade, e vê se me acaba logo, eu feliz por conseguir outra vez. Doeu (como doeu!) pra pôr e, não bastasse isso, ele ainda queria ficar mudando a posição – eu, por trazê-lo de longe (ainda que aceitando a bagatela dos cinquenta merréis

noite toda), meio me via na obrigação de aceitar o que quer que fosse. *Chrrk!* E lá se foi camisinha, a primeira a se escangalhar no exercício da profissão: bendito PrEP, por isso me sujeitei a você, pra não entrar em pânico nessas horas. Pusemos novo capuz, tudo outra vez nos conformes, segue-se o empalamento, eu frangoassando na beira da cama, ele de pé indo até onde me fosse humanamente possível. Estocadas cada vez mais fortes, o corpo dele tenso, músculos tesos, me seguro pra não gritar, pra não dar na cara o quanto eu só queria o fim (e é estranho que hoje seja assim, porque antigamente a coisa era outra, um prazer tremendo). Ele goza e desaba sobre o meu corpo relaxando os músculos, e aí me abraça e beija carinhosamente.

Ficamos assim algum tempo, eu feliz da vida: agora era só dormir pra realizar meu sonho. Mas ele quis conversar. Antes tivesse dormido.

– Já que você não quer namorar comigo, você podia me arrumar uma bicha.

– Bicha?

– Uma travesti, pra eu namorar.

Fiquei sem palavras. “Bicha”, quem é que se permite, sem ser travesti, nos chamar de bicha? Aquilo me ferveu o sangue, ainda mais com o pedido que veio junto. Eu ali querendo curtir a noite naquele peito peludo, dormir de conchinha ou como quer que fosse, e ele me pede uma bicha, uma qualquer, pra me trocar por ela? Foi por isso que aguentei calada o empalamento, que aceitei passar a noite por cinquenta arôz? Ai, se eu pudesse simplesmente mandar ele à merda e ir pra casa. Mas três da manhã, sem nem ter recebido ainda, não tinha como. “Só você mesmo, Alice, pra se apegar nessas mariconas...”, isso é o que sempre me diz uma amiga, única coisa que eu conseguia pensar naquela cama ali, me mordendo de raiva. *RrrRrrrr*.

– Não, não tenho nenhuma bicha pra te apresentar.

E ficou por isso mesmo, mas a coisa ia longe de acabar. Tentei relaxar, esquecer a tosquice, aproveitar aquele peitoral cabeludo, os braços fortes... ainda dava pra brincar de paixonite aguda, talvez. Dormimos enfim. Despertador toca às 09h30, enrolamos na cama, sem beijos dessa vez (já não tava afim de enfrentar bafo de onça depois do que tive que ouvir), mas ele acordou excitado, tesão de mijo, e não queria por nada me dar sossego. Eu só queria ir embora, ele só queria mais uma. Tentei fugir, ele forçou a barra. Pela primeira vez nos três programas que fizemos, ele pouco se lixou pra minha vontade: pegou minha cabeça e arredou ela até o pau dele, eu sem vontade alguma de chupar, eu só querendo ir pra casa. Ele não disse nada, nem precisou, mas tava na cara que se sentia no direito de forçar uminha a mais, “tou pagando”. Vai vendo. E eu, sem

nem ter recebido ainda, sem saber se ele pelo menos me pagaria a mais por essa porcariada toda, fui deixando ele me obrigar. Detalhe: ele escolheu hotel de cem reais ao invés de um de setenta, apesar de eu falar que o de setenta tava ótimo. Quis me impressionar? Porra, preferia os trinta a mais no meu bolso!

Chupeí sem querer chupar, a boca resistindo, eu me fazendo de estátua, só querendo sair dali. Ele tentou me comer, mas doeu mais do que eu daria conta, machucada da noite anterior (só hoje eu sei que era coisa séria essa machucação), e tive que reclamar, reclamar demais, paralisada com a dor e ele dentro de mim como se nada tivesse acontecido. E, mesmo assim, ele só desistiu quando minha lamentação começou a deixar o pau dele mole. Aí tirou a camisinha e veio pra beirada da cama ser chupado, veio como quem manda, como quem se acha dono do meu corpo, e eu desnorteada não sabendo nem como dizer não. Dei meu melhor sem vontade alguma, mesmo sentindo até ódio, mas fiz, e ele, não parecendo nem se dar conta do meu estado, gozou um desses gozos estúpidos só por gozar, só pra mostrar que pode, o rei da cocada. Corri pra cuspir na pia e aproveitei pra lavar, esfregar o rosto, dar uns tapas na cara pra voltar a me sentir viva. Mantive as aparências sei lá por que, conversando amenidades enquanto a gente se vestia, aí fiz cara de agradecida ao receber o que ele prometeu, cinquenta, e vi incrédula ele acertar os cem do hotel na minha frente, depois de me ter pago miséria. Conversinha à toa antes de nos despedirmos. Tchau, tchau, volte sempre. Vazei tão logo pude e não consegui nunca mais voltar a sair com ele. Queria chorar, nem isso deu.

Vinte nove anos vivendo como homem, mais especificamente o homenzinho padrão, branco, nada afeminado, lido como hétero mesmo sendo bi, classe média, e foi só transicionar e passar a ser lida como travesti pra viver minha primeira experiência de violência sexual. Eu, que me achava poderosona, em condições de peitar quem quer que fosse por conta da criação que tive, não dei conta de evitar que o cliente me forçasse a seguir com o programa mesmo depois de ele ter me machucado, mesmo depois de eu sem vontade alguma, eu sentindo as dores não só físicas, mas também as de não conseguir dizer não. Sinalizar sofrimento não foi o bastante para evitar que ele continuasse e, na verdade, hoje me parece até que ele se excitou mais em imaginar que, com seu pau, conseguiu machucar uma profissional do sexo.

8.

PRIMEIRA

MARI

CONA

A GENTE

NUNCA

ESQUECE

Noite difícil, pernilongos não deixando em paz, calor, calor, calor, quando me surge um quarentão já meio castigadinho pelo tempo, montado na mototoquinha, de cara o “quer namorar comigo?”. Eu toda jeitosa, não é bem assim, mas quem sabe um programinha gostoso e ele me vem com história de vida, “dois filhos, mulher que me corneou quando eu dava duro no batente, quase matei a fiduma, agora moro só eu e mermão... pago tuas contas e ainda deixo você continuar trabalhando”, ó que luxo. Piscadela cúmplice pra mim, tentação só que não. Ai, eu super adoraria, amor, mas não tem nem como, a gente mal se conhece, sabe? Falta amor. “Nova aqui, não? Cobra quanto pra passar a noite você mais eu lá no meu barraco?” Cem. Fui abusada no preço, a meta da noite duma vez só, e ele aceitou, eu mal podendo acreditar que ia voltar pra casa sem dever dindim assim facim (mas morrendo de medo de ser doce dele, e ele amorzinho todo me tranquilizando, “quê isso... o de cada um é de cada um, sou desses, tem risco não”). Passei telefone e combinamos dele me ligar por volta das 22h e a gente sair umas 23h. Mal sabia eu que a noite me reservava coisa melhor, que eu nem ia precisar atender telefone e me arriscar pra fora das bandas do bairro!

Duas horas de pernilongo e calor, só veio o véio da mototoquinha. Confesso que, passada a euforia, bateu um medo de sair com o senhorzinho lá, dormir sei lá onde. E sem clientes nenhuns horas e horas, eu já cogitava tirar trintão do bolso e voltar pra casa toda jururu zerada, quando enfim me aparece um cinquentão pançudinho todo trabalhado nos pelos e virilidade atrás das minhas arteirices. Que negociar o quê, aceita de cara os quarenta pra eu atender gostosinho ele lá no quarto, o que rolar rolou, e vamo que vamo. Fiquei feliz porque aqueles quarenta me deixariam quites (dez do quarto, trinta dos gastos da noite), e aí os cem do “quer namorar?” ficariam pra mim, se eu aceitasse mesmo ir com ele. Mas quarenta era só o início e, entrando no quarto, ele já veio adiantando a oncinha e deixa o troco pra lá, quero só você, dá cá uma bitoca. “Tou tão carente, cuida de mim?”, repetia a cada cinco segundos, irritante de tão infantil, e eu, ai, claro que vou, adoro homem carente, sei cuidar direitinho.

Ele fica nu, pede por um banho, mas o quarto ali específico (o que esperar dum que cobre só dez?) tinha chuveiro não, sabão muito menos... ele, bem, nem parecia assim sujo, e aí resolvi resolver logo o problema pra poder voltar logo à rua, mas foi só cair de boca e saí já cuspendo areia – pô, justo areia... ele foi brincar no parquinho antes de vir me ver?! Tive que interromper e “melhor dar uma lavadinha ali na pia, nele pelo menos”, o que se fez prontamente, o cidadão sem traço algum de vergonha na cara, haja peroba. Nessa hora ele já começa a

perguntar da máquina do cartão: “olha só, será que não tem maquininha aqui? Aí posso te dar mais cinquenta pra você ficar bem tranquila, sem pressa, o tempo que for... não tenho mais nada em nota na carteira, senão dava” (e me mostra todinho o interior, item por item). Eu sinceramente não sabia se tinha, cabaça de tudo em matérias de como é que se faz, e disse que naquela casa provável que não, mas na da rua de cima, onde eu até preferia atender, ali tinha com certeza e até chuveiro, sabão com sorte... “Depois a gente vê então, vem cá pra eu te curtir mais um pouco, tou carente”. Ficou admirado que eu beijava, “ai, que gostoso isso”, mas não me deixava pôr língua na boca dele e ele próprio só deixava a pontinha da dele pra fora nisso que ele chamava de beijo (o bafinho de onça gritando, mas a onça recebida e a outra talvez a caminho faziam com que eu nem notasse). Achei bizarro isso tudo, mas só porque eu nem imaginava o que ainda viria, senão reservava a palavra pra depois.

Começa a batalha. Tou eu lá trabalhando a molenguidão dele, inendurecível pelo jeito, embora ele não parasse de gemer “delícia” – língua, boca, mão, tentei tudo, todas as minhas habilidades não poucas, e com isso a molenguidão também se fez ver em mim, porque dependendo duma boa piroca dura pra ficar ouriçada –, quando ele então me pede, talvez por perceber que eu não estava a ponto de bala, pra pôr o dedinho ali no edi dele, o fiofó. Fiquei com nojim de sujar (sabonete não é artigo fácil de se encontrar nessas bandas, então imagina depois o cheiro e a coloração), mas nem confiança: se era pra ser, que seja e suje-se. Dedim na portinha, carinhzinho, sigo trabalhando a malemolência dele à base de boca e mão, mas nada de resposta no bilau. Enfio de leve a pontinha do dedo (que merda diabos por que fiz isso?!), ele pede mais fundo, eu sugiro camisinha e gel pra enfiar bem gostoso... preferi nem olhar, muito menos cheirar, pra ver como andava o dedão corajoso!

Botei só dois dedos na camisinha pra ver se ele aguentava (prevesse eu o futuro e já tentava a mão duma vez), e passei a futucar o edi dele, a princípio leve, aí vi que ia fácil, ele gostando, e aí mais fundo, e sem dó, e com toda a força, sempre com medo da unha furar a camisinha. A resposta era sempre o gemido de sempre, “que gostoso”, “delícia” ou coisa do gênero, sem endurecimento qualquer, mas parecia que de fato ele tava gostando... Ficamos ali uma meia hora só na futucação, até que de boa vontade ele sugerisse irmos pro tal do outro quarto, onde tinha chuveiro e ele podia me dar mais dinheirinho: “cinquenta, pode ser? Ou cem quem sabe, pra você ficar bem tranquila, aí não tem pressa, né?”. Deixei ele no quarto esperando enquanto eu ia devolver a chave, aí pegamos o carro dele, subimos um quarteirão e fomos pra outra casa.

Quarto novo, outro de deizão, primeira coisa que fez foi tomar um bom banho: agora havia chuveiro sim e, mais do que isso, um sabonete véindiguerra. Fico eu lá na porta admirando o meu peludinho pançudo, olhando ele se lavar, ele me chamar, aí entro meio no truque sem querer molhar os cabelos (não tinha toalha direito nem pra ele, quanto mais pra mim), ficamos lá namoradinhos até que eu *xip!* cabô! pó pará com essa gastação de água! Ele perguntou se devia fazer o dois, eu disse que talvez sim (esqueci de contar: lá na futucação, achando que eu ia encontrar o buracão oco, nada de oco encontrei por lá – por isso o medo tremendo das unhas furarem a camisinha, vixe). Força ele faz, faz ele o dois, volta pro chuveiro depois pra reterminar a limpeza, eu já deitadinha na cama secando ao ventilador.

Antes de entrar no quarto, ele já tinha de boa vontade oferecido cinquenta, mas aí do nada me vem com “ah não, pode ser cem” e, por fim, “quer saber? melhor cento e cinquenta” sem eu nem falar “a”, ele ainda fazendo questão de cobrir mais quinzão dos dez por cento que ele supunha ficasse pra casa (tudo no cartão, depois de já ter pago em cash os cinquenta do outro quarto, vai somando). Ele só perguntava, tudo o que queria saber, se eu ia fazer gostosinho, sem pressa, se eu ia cuidar dele carente daquele jeito, do jeito que ele precisava... claro que sim, vou sim, tou adorando você! Só depois entendi a que vinha essa dinheirama toda, quando me vi meio que tentada, meio me forçando, a fazer unas cositas que tou matutando aqui se vai dar pra contar no livro ou se o melhor é levar pro túmulo.

Lá vem ele pra cama, pede um meia nove e vamo-nos lá. Nada das necas ficarem duras, verdadeira batalha da molenguidão, quando de repente sinto ele começar a farejar outros cantos... dois palitos ele avança no meu edi, o fiofó, novo playground que encontrou pra língua. Deixo o meia nove pra lá, senão ia ter que me contorcer demais pra dar conta. Ele vai, lambe em volta, brinca ali tudo, usa a língua com sofreguidão pra explorar cada célula do meu edi, eu achando um barato, vendo o seu trapo morto começar a adquirir certa vida. Então vem o papo estranho. “Que tal um meia nove diferente?” Diferente, hm... mas como? “Ah, então, sabe, lá atrás!” E lambe onde ele queria dizer sem proferir nome algum, adicionando à lambição a proposta do “posso te dar cinquentinha”. Sangue do cordeiro, o que que era essa proposta! Mas cinquentinha a mais, eu já toda me sentindo em dívida com essa dinheirama toda, acabei dando umas lambiscadas de leve, uma cutucadinha ali, ele nossa, meu deus, que delícia... só eu mesmo.

Uma hora achei que já estava ok e propus a ele de pegar o consolo que eu tinha

guardado na bolsa, ver se a coisa acabava, pois daquele jeito não teria fim. Volto, ele deitadinho na cama, pelado, peludo, travesseiro embaixo do bumbum pra deixá-lo mais alto, boto a camisinha no brinquedo e parto pra cima dele. Dessa vez entrou até sem gelzinho e foi aí que eu percebi que, se tivesse colocado a mão ao invés dos dois dedos só, ele teria gostado é bem mais... ficamos quase meia hora nesse põe-enfia, ele perguntando o tempo todo “tá me comendo, amor? tá me arrombando gostoso? arrebetando minhas pregas? me estuprando?”. Eu dizia que sim e repetia as frases mas sem aquele tesão por trás, cada vez mais de saco cheio. Tentei umas variantes pra não enjoar, inclusive chamá-lo de cadela, minha mulher, mas ele não se empolgou muito e eu, com medo, voltei pras toscas que ele me propôs. *Pam! Pam! Pam!*

– Esse romance não acaba, não?

A responsável pela casa bate na porta do quarto, delicadamente apressando a nossa brincadeirinha, ao que de pronto ele responde: “vou dar mais cinquentinha depois, aí a gente pode ficar mais um tempo, né?”. Oitenta é o valor mínimo pra pagar na maquininha, amore... vamos fazer assim, você passa os oitenta e eu te dou trinta em dinheiro de troco (torcendo pra ele dizer não precisa). “Ah, não precisa, só me paga uma cerveja no trailer aqui na frente quando a gente sair e tudo certo”. Aviso a responsável que o cliente vai pagar a mais, ela responde ok. Mas dessa vez decidi ser mais direta: tava já na hora de ele gozar pra eu ver e ele respondeu que sim e que queria gozar comigo sentada gostoso na bocona dele. Cena armada, fiquei incrédula ao sentir ele abrindo minhas nádegas com força pra poder enfiar cada vez mais fundo a língua, cavucando mesmo... à falta de neca dura, ele tinha língua e tava se deliciando em descobrir meus mais íntimos sabores e texturas. Dois minutos assim e pela primeira vez vi uma neca que se poderia chamar meia-bomba, o suficiente pra já se pá conseguir gozar. Sigo no cinco contra um nele, invadida pela língua, ele sôfrego se lamuriando, gemendo, gritando quase, até que por fim o leite começa a jorrar farto, eu continuando na punha ainda mais um pouco, até ordenhá-lo todo. Ufa, zé-fini. Depois disso foi se limpar rapidinho e efetuar a última transação, quando enfim saímos pra merecida cerveja, ele todo carinho, namorandinho (“vou voltar, viu?”), eu pagando a cerveja mas tudo bem, prêmio que me dei pela noite em que vislumbrei a riqueza.

9.

DIALOGO
QUE SO
SE OUVE

**ENTRE
TRA
VESTIS**

—Passada! O ocó, vocês acreditam que ele pediu pra eu nenar na neca dele? Ainda bem que na neca e não na boca, porque vocês sabem que tem. Três horas fazendo a xuca e me aparece o lixo... a hora que passo xeque, eles enfiando fundo no edi da gente horas e horas, ai que nojinho, fazem escândalo (“como você é porca, desse jeito não tem mais como!”). Mas xeque deles normal, e ainda querem beijo grego, oral sem guanto em neca e saco peludo, leitinho na boca e “confia em mim, sou casado, doador de sangue”. Sei. E eu achando que ele era ocó e ia me tchakatchá gostoso, já caindo de bocona no meu edi logo que entrou no quarto, mas foi piscar e a cona atacou minha neca. Passada!

10.

SÓ AS
ORIGI
NAIS

Dia desses fui pro chat uol divulgar a página. “Travesti Escritora” de nick, a mesma ladainha pra todo mundo que me importunava perguntando escritora de quê: “adoro um programinha sapeca e depois escrevo relato no blog contando tudo” (e lá vai trecho escolhido a dedo, mais link, o povo doido com a novidade). Era pra ser divulgação, mas alguns acho que começaram a empolgar e saíram os primeiros “tem telefone? foto? quantos cm? faz o quê?”, a porcariada toda que as profissionais do sexo conhecem bem. Alguns queriam que eu comesse ali mesmo o relato, talvez pra se acabarem na faixa e eu ficar na mão (subestimam minha inteligência, coitados): pra esses eu dizia que era boa só com memórias mas incapaz de imaginar o que quer que fosse – só pagando pra saber, tá a fim? Nada. Era uma experiência nova essa, atrair clientela pela promessa do conto, já que os que eu costumo atender nem imaginam as histórias correndo o mundo (e o meu medo agora de elas virando livro, imagina? Vai que um deles descobre).

O mais interessante foi um que surgiu dizendo que me daria cento e sessenta pelo famoso tradicional completo, sem grilos, e depois eu dar uma surra de Havaianas nele. Saí louca da periquita atrás de uma Havaiana em casa e voltei desconsolada: “olha, a surra eu dou até de graça (imagina a graça, marmanjo levando chinelada de euzinha moá, as marquinhos bonitas no couro dele, e “ai se me der um pio!”), contudo porém todavia eu tenho aqui em casa só Ipanema, serve?” Ele pediu foto, eu mandei, ele se mandou. O barato que me saiu caro... comprei Ipanema achando que chinelo era tudo igual, me dei mal. Mrrrrrda.

II.

VOCÊS JÁ
ME
CONHECEM
SUPER

NÃO?

Não gosto da ideia de voltar negativa, tirar do meu bolso o do trabalho. Por conta disso, dá uma certa hora e eu começo o desespero, começo a pensar só em fazer e vazar. Não tenho corpo e muito menos psicológico pra passar horas na batalha às moscas. Era já nove quando fui pra rua (escuridão: só assim me sinto à vontade, mas também tava chovendo antes), planos de parar por volta das onze (até parece) e conseguir o último ônibus pra casa... nada disso. Nove nada, deu dez e coisa nenhuma, dez e meia niente niente, aí será que é hoje a primeira? Friozinho pós-chuva começando a arrepiar os pelos, quando finalmente me surge um primeiro oco querendo farra. Trinta no estacionamento, subi no carro, tudo certinho, mas foi só dar trela e ele me vem com o de praxe “não faz por vinte?” É só deixar abrirem a boca e sai isso. Bom, melhor vinte no meu que no teu, isso vocês já sabem, medo de perder o pouco que me apareceu, então podem imaginar o que eu respondi. Mas deixa eu voltar uns trechinhos do diálogo pra vocês sentirem o clima.

– Faz o quê, gata?

– O que tiver que ser, mas ativa eu nem sempre consigo.

– Ativo aqui sou eu, isso deixa comigo. E beija gostoso?

– Ó, eu faço assim... – e dá-lhe beijo naquela bocona safada.

– Tesão. E já deu hoje, vagaba?

– Primeiro cliente é você, e só trabalho de quando em quando... bem apertadinha, imagina.

– Mentirosa! Deve ter dado a rodo. E se eu quisesse chupar o seu cu?

– Vai passar a noite se deliciando.

Eu disse assim mesmo, na lata, sem grilos nenhuns. Adoro língua no edi, adoro mesmo. Já no estacionamento, dindim antecipado, beijos, beijos, mão na minha neca por cima da calcinha, a coisa toda bem sexualizada, mas algum grau de carinho, eu até que gostando, confesso. Aí ele afasta o banco do motorista pra trás, baixa o zíper, e eu mando ver, ele elogiando super minha desenvoltura. Antes de entrar no carro, eu lá na barganha dei uma apertadinha marota na mala dele pra sentir o tamanho da encrenca, aí ele disse “é pequena” e parecia mesmo pequena, ufa. Aí como a gente se engana bonito: o delta-T da neca foi monstruoso e eu vendo a coisa crescer na minha boca já comecei a me apavorar. “Gosta de apanhar na cara, vadia?” Só de leve, quase carinho, eu disse, e ele já veio com a mãozona cheia, foda-se o que acabei de dizer. Gostei não, mas ele nem aí, repetindo o gesto algumas vezes ao longo do programa. Tem hora, inclusive, que morro de vontade de agradecer as feministas pelo termo “piroco”,

que eu uso a rodo lá no bairro (mas só com as pessoas merecedoras comprovadas de fato – aí que vontade de gritar pra esse aí!).

Sáímos do carro, agora era o matel, ele querendo festinha na porta de trás, festa nenhuma aos olhos dessa apertada que vos redige o relato. Ai, como doeu, vocês nem imaginam! Ele me colocou frango assado no capô, foi lá brincar com a lingueta no edi recém-xucado, eu fazendo todos os esforços musculares possíveis pra aquele capô não virar escorregador de parquinho, ele não entendendo o drama, achando frescura, eu não conseguindo evitar a sensação de que a qualquer momento bumbum se estatelaria no chão. Ah não, assim não dá pra ficar, e olha que nem tou falando do empalamento que ainda viria: falei pra ele que chega, vamos no tradicional de quatro que já tá muito é bom. E foi, bom não. Doía, ele me estapeava as bochechas de trás, doía, e era o que tinha pra noite. Levou horrores de tempo pra entrar. Qualquer sinal de tesão que eu tivesse sentindo, naquela altura já era, mas segui focando em não atrapalhar pra coisa acabar o quanto antes. Nem senti quando ele se acabou, sério mesmo, tão anestesiada que estava. Ele doido comigo, fazendo questão de pegar telefone, dá uma bitoquinha aqui, “mas tudo sigilo... esposa... não dá pra vacilar”. Depois foi hora de respirar fundo, dar a limpadinha básica no edi com o rolinho de papel que eu trago sempre na bolsa e vida que segue.

12.

O
PORNÔ
PRAS
PUTAS

—Quer?

- Será, ai, sei não, e se descobrem, meldeiz!...
- Nada a ver, é só público europeu, tem nem como.
- Mas a gente ganha pra isso?
- Você quinhentos porque é homem; travesti é mais, oitocentos.
- E a gente faz o quê?
- Sexo,oras: tudo igual o nosso dia a dia, namoradinhos, mas bem safadjeenhos.

Foi assim que minha namorada, uma travesti requisitadíssima pra pornô (ela mal começava a transição na época, sempre de picumã e nem peitinho de hormônio ainda, mas dona duma neça odara de 24 cm, destruidora mesmo, já toda mulher, belíssima, nossa e como!), me convidou pra participar dum filme. Eu, lá pelos meus 20 anos, um menininho tonto, tentando viver na transição dela a que eu sequer me permitia imaginar pra mim, aceitei. Seria a tarde inteira numa chácara nos arredores de São Paulo, vários filmes sendo gravados juntos, transporte e comida na faixa: só tínhamos que transar, e era isso. Fizemos a xuca bem feitinha (“nada de sair feijão lá na hora, viu?”), e fomos pro quarto. Me deram meio comprimido de viagra pra ajudar, porque eu estava nervosa – supercompreensivos, sem fazer qualquer pressão. Foi um sufoco. A câmera não me deixava à vontade, e eu, que já tinha relacionamento complicado com a minha neça, não conseguia deixá-la dura por nada. Saíram do quarto, deixaram só a câmera e nós duas: nada de endurecer. Outro comprimido de viagra, a cena foi rolando, fiz a passiva enquanto isso (sem guante, com namorada era assim), mas não teve como. Por fim cansaram de esperar e trouxeram um dispositivo estranho, um negócio tipo tubo de maionese, cheio duma pasta feita a base de xampu que parecia porra... deixei a neça dura o mais que deu, aí eles apertaram o negócio e zás!, voou a pasta parecendo que eu tinha gozado.

Toda trabalhada no vício (“fazer por vício” é “ser viciosa, transar de graça, gostar da coisa”), superdada a aventuras, tava ali bamba de medo da câmera que me perseguia, que não me deixava em paz... O engraçado foi que, fazendo já mais de um mês que a gente namorava, aquela foi a única vez que eu dei pra ela sem me doer e me lamuriar, a única vez que senti prazer de verdade com ela dentro de mim. Ganhei o dindim, e é óbvio que nunca mais me chamaram. Nenhum trauma, no entanto, só o medo meio que permanente de alguém encontrar o bendito filme algum dia, medo que durou até eu me assumir puta, quando cansei de guardar segredo e saí vomitando a história aos quatro ventos –

nunca vi mesmo, sei lá se existe, sei lá se vão me reconhecer.

Mas lembro bem do que ela dizia a respeito e, hoje, quando vejo gente que não é atriz pornô vir propor a abolição desse tipo de filme (ou mesmo da prostituição), penso: “por que não propõe o fim da sua profissão, hein, meu beiiim?”. Oitocentos reais na época e ela fazia vários por semana: agora eu te pergunto quantos programas (média de uns setenta reais cada um) ela teria que fazer pra chegar nesse valor? Numa tarde, fazendo uns dois, três filmes, dava pra ela ganhar o equivalente a uns 30 programas... transando só com gente conhecida, sem riscos de violência, um pessoal em quem ela confiava, que a tratava bem. Ela combinava programa só pela internet, tinha medo da rua, recém-chegada em São Paulo do Nordeste, tendo que mandar dinheiro pra ajudar a mãe: os filmes foram um paraíso em sua vida. E viciosa como eu, só que beeeem beeeem mais, porque câmara alguma inibia aquela viciosidade toda, aquela vontade ininterrupta de amar, se entregar por completo na cena, era coisa que ela fazia com gosto – ela vestia a camisa, por assim dizer, e gozava de verdade. Achar que isso é mais precário do que qualquer outra profissão e querer acabar com o pornô por isso, só quem nunca deu as caras num set.

13.

EU ATIVA,

EU
TOMANDO
GOSTO

Coisa incrível o que a prostituição tem feito por mim, tem feito comigo: corpos que eu jamais me permitiria conhecer em outras situações, eis que eles lá estão à minha frente, nus, atritando-se no meu e eu sentindo o maior prazer. Não é preciso esforço algum da minha parte, só me jogar e o prazer vem surgindo, um baita ataque ao adestramento que recebi para me interessar somente por corpos dentro do padrão (lógico que é preciso colaboração dos clientes, me tratarem bem, me pagarem bem, e por aí vai).

Eu já mais de três horas vivendo o frio das ruas, querendo só o básico pra poder ir dormir, chega o carrão, baixa o vidro, “é quanto?”, quarenta no quarto, “pode entrar”. Do jeito que eu gosto, sem barganhar preço, sem fazer pouco caso do meu serviço. Quarto ocupado, que tal o drive-in? Lá vamos nós, primeira vez que me arrisco pra fora da área de segurança – o nosso reduto travesti no bairro, lugar onde, se uma gritar, todas vão pra cima. Trinta reais no drive-in três horas, cama e banheiro, achei que ele iria chiar, que nada! Entramos, eu já assada por conta do cliente que atendi horas antes, receosa do que encontraria ali: não houve qualquer combinação, eu não fazia ideia do que a gente ia fazer na cama. “Como você é linda!”, ele disse. Ai, desmontei... pulei já nos braços dele, outro pançudinho peludo, um tiquito afeminado, barba roçando meu rosto, hálito de quem andou bebendo, mas que que tem? Beijos, beijos, beijos, nem dá pra contar quantos demos ali rolando na cama, quase eu achando que o programa seria só isso. Quando eu perguntava se ele queria oral, ele me calava com beijo antes de eu terminar a frase, era nesse nível! Mas os dois peladinhos ali, ouriçados da neca até o último fio de cabelo, eu nada boba fui é percebendo ele rondar meu edi, cutucando o furico como quem não quer nada.

Uma hora levantei da cama pra tentar começar o oral (senão ia a noite toda aquela lengalenga, gostosa sim, só que ele não é namorado, importante lembrar), mas foi só minha neca passar perto da sua boca, durinha como estava, que ele abocanhou e nem confiança. Foi uma experiência esquisita... prazeroso ser tocada daquela maneira, nego não, carinho e desejo à flor da pele. “Você é linda”, disse ele, a bocona cheia, babando em mim, eu derretendo ao sabor desses elogios. Logo foi a minha vez de atacar, e ataquei longamente, aí mais um poquinho, até que ele em seguida encaixou um meia-nove (taí coisa impensável pra mim um ano atrás e agora normal). Tava tão excitada que minha neca doía de tanta excitação, porque fazia já tempo que a gente tava nesse esfrega-esfrega e os hormônios têm deixado ela meio sensível (imagina estrogênio junto com bloqueador de testosterona, pra onde que a bichana corre?!).

Voltamos pros beijos e dessa vez ele, em vez de ele futucar, quis ser futucado, tentando encaixar sem querer minha neca em seu fiofó, eu de olho no fato de ele estar resistindo a pôr guanto, o preservativo. Uma hora parei tudo e disse: “hora de encapar a criança, amor... a sua ou a minha?” A minha, ok, e “você é linda!”, outra vez ele disse, eu toda corando. Pois bem, guanto é batata, pôs e já cai o tesão, até por conta do hormônio, mas ainda dava pra brincar um bom tanto e lá fui eu por trás dele tentar fisgar umas boas lombrigas. O tesão não diminuía por nada mas, com aquele cu todo apertado dele e o trabalhão que me deu pra entrar, acabou que a minha ereção foi pelas cucuias. E ele todo amorzinho, sem reclamar nem nada, só se preparou pra vez de ele atacar, ele que não desendurecia, eu que já cheguei toda assada. E penei, penei feio até ele encontrar alívio, até a cláudia gritar gostoso inundando a camisinha!

Foi quando ele mudou total. Aí já não tinha abraço, carinho, o que quer que fosse. Se arrumou num pulo, eu também, seguindo o ritmo dele, e uma vez pronto ele pegou o bloco de notas rechonchudas na carteira e, ao invés dos quarenta combinados, me deu foi setenta, fora os trinta do drive-in. Mas toda a intimidade morreu, nem mais reconhecia a pessoa que me excitou horrores, que me deixou de quatro apaixonadinha. Eu outra vez trazendo minhas carências pro trabalho, dando uma de Alice. Me levou de volta ao ponto em que me pegou, bitoquinha meia boca de tchau e foi esse o desfecho da noite...

14.

AMOS
TRA

GRÁTIS

Motoqueiro chega babando de tesão quase, eu lá carinhosa acarinhando por cima do jeans dele o que ali houvesse, sentindo crescer, a calça ficando apertada. Oral vinte no matel é o preço, eu lhe digo, olhinhos brilhando nunca vi igual, eu indo a pé pro local combinado, ele de moto. É então que ele me chama de volta, ainda a caminho, e me lança o maldito “não faz por quinze?”. Momento em que você fica a ponto de mandar o infeliz à merda, mas me achego a ele, carinhoseando um tico mais, mãos conhecendo as curvas de sua virilha, o morro, “certeza que não dá por vinte? Assim você desmerece o meu trabalho, amor...”. Nessa hora sinto a calça jeans dele ensopando, eu atônita sem entender o que houve, muito molhada mesmo, melecando meus dedos, e ele, olhar de menino que fez arte, acelerando a moto com tudo e nem satisfação. O lixo gozou com a amostra grátis, eu não conseguia acreditar. Bem que me falaram pra tomar cuidado, usar com parcimônia esses meus poderes. Gozar com tão pouco e me deixar no vácuo? Nossa. Depois me perguntam por que raios eu uso esses termos bonitos pra me referir a eles... lixos!

15.

OS
LIXOS
SE

SUPERAM

Motos e carros pra lá e pra cá, alguns devagarinho te secando de cima a baixo e é só, outros nem confiança, fingindo que nem te viram... não sei o que é pior, mas talvez os que sem aqüé tentam tirar casquinha (quando não o cascão todo mesmo). Decidido: o prêmio vai pra esse que teve a audácia de perguntar se eu pagaria deizão pra ele sair comigo. Só morra, tudo o que te desejo agora.

16.

HOJE EU

NÃO

PASSEI

XEQUE

Cefaleia, coriza, externutação, friiiiio, saco nenhum pra aguentar os lixos... o dia era pra não sair de casa, o que foi que eu fiz? Xuca, e dessas dolorosonas pra valer, quarenta minutos de dores abdominais tanta foi a água que enfiei no edi... mas nunca me senti tão intestivamente limpa! E daí fui até mais feliz pra rua, leve, hoje sem xeque certeza, já imaginando a riqueza a caminho. Lá a esperei de pé, erro crasso, e mudei de lugar ainda à espera, troquei de lado, passei mais batom, arrumei a roupa, não vindo um unicozinho cliente. Um maldito enfim chegou querendo o completo no estacionamento por vinte, coisa que semana passada até fiz, mas que dessa vez eu não tava assim tão disposta depois dessa xuca trabalhosa (dar pra mim é questão espinhuda: se a neca é odara, o estrago é também, e aí posso acabar encerrando as atividades noturnas por vinte, entendeu?). Ele prometeu o de sempre, buscar cincão com amigos, “volto já”. Vocês sabem bem o que deu. Devia ter aceitado esses vinte, porque em seguida me surge o infeliz que semana passada tinha me pagado os mesmos vinte pelo completo no estacionamento: ele me ligou a semana inteira, marcou comigo, disse que viria, e o que foi que fez? Foi, mas com nove reais no bolso, o maldito... miguelou até as moedas perdidas no painel do carro. Chegou lá na caruda, dá cá um beijinho, saudades, vamos se curtir, tem só um problema. O papo piroco de sempre, eu fula da vida, ah não, vai se catar! “Mas não dá nem uma punheta esses nove?” Vá lá, acabar logo e partir pra outra, chegar o quanto antes aos trinta da noite sem utilizar meu edi recém-bem-xucado.

Estacionamento lá vamos nós, eu amaciando ele a caminho. Chegamos, ele começa a pedir coisa que não tem cabimento, beijinho aqui, aí “fica pelada?”, “deixa eu segurar?”, “molha a cabecinha com a língua?”, “só uma chupadinha, vai?, tou quase lá...”, eu me irritando, ele dizendo não fica assim e ainda querendo sair do carro pra gente acabar lá fora o pegê. Sério, era pra ter durado dez minutos pelo que ele me pagou, dez sendo generosa, mas foi pelo menos trinta de enrolação. Tentei apressar, cada vez mais com nojo desses idiotas que me aparecem, até que senti o jorro quente escorrer pelos dedos no meio da escuridão do estacionamento (nós dois quase encostados no capô, o carro andando se a gente fazia pressão porque “o freio de mão não tava firmeza”). Jurei que jamais atenderia de novo esse imbecil por menos de trinta... e não é pelo valor, é pelo desgaste de ter que aguentar ele abusando de mim, me chamando de vagabunda, perguntando pra quantos eu dei, me tratando mal pra burro, dando tapas e aí querendo chupar meu bilau, meu ce-u, tentando me beijar em seguida, eu fugindo da boca dele igual diabo da cruz... quem ele acha que eu

sou? Mas acabou, faturei os nove e dali em diante enfrentei foi é horas de desolamento – as amigas todas fazendo horrores e você se sentindo um lixo porque os únicos que paravam pediam de graça ou, como fez um engraçadinho, perguntavam se eu não pagava pra sair com ele. Por que não cuspi? Me pergunto até agora.

Eu só queria voltar não devendo, sabe?, e o quanto antes. Então insisti... faltava só vinte e um, e com vinte eu já me dava por satisfeita. Esperei, esperei, esperei, até que veio o salvador da pátria, aquele que me permitiu ir dormir em sossego (eles sempre aparecem, só ter fé). Veio perguntando de cara o que eu era, se homem ou mulher.

– Travesti.

– Sei, mas bem feminina?

– Super.

Tudo assim mesmo, pavorosa a conversa. Combinamos valores de forma meio caótica, nos pusemos então a caminho sem eu nem saber ao certo se seria vinte ou trinta – não tava claro sequer o que ele esperava de mim até que me ele deu os trinta logo que chegamos, o tradicional completo. Necona dele já dura assim que parou o carro, ele tirando a roupa pra não se sujar, eu levando a boca até onde ela trabalharia e ele então, coisa inédita, me impedindo com os braços de alcançá-la e “opa, alto lá, calminha, e a camisinha?” Foi uma experiência que me fez repensar o que venho fazendo ali, toda a educação que eu poderia estar impondo a esses lixos, os riscos que venho correndo de graça, por querer ter prazer no trabalho. Eu achava que não sairiam comigo se eu pusesse camisinha já no oral, oral justo a coisa que mais gosto, então tudo bem fazer sem, aí descubro esse aí que exige a bendita pra começar o brinquedo (e isso tudo uns dias depois deu levar pito da vó, a sabedoria em pessoa ali daquelas bandas, por estar me arriscando dessa forma – “HIV é difícil no oral, mas sífilis é batata, viu?”, ela me disse com puxão de orelhas). Pusemos o guanto, a camisinha, e lá vou eu recomçar do zero, ele massageando toscamente a minha pirulita, achando que aquilo me daria tesão, perguntando se não ficava dura... onde é que esses caras aprendem a transar? Deusa do céu. “Olha, não é assim que se faz, às vezes até fica, mas antes de ficar eu tenho que estar com tesão, o que não tá rolando”. Usei palavras mais brandas que essas e óbvio que ele não catou. Aí começou a reclamar que eu não teria como comer daquele jeito (ainda bem!), eu estranhando aquela neca gigante e ele não querendo boca nem mão, mas sim a minha neca pra ele cair de quatro em cima! Não tendo o que ele queria, ele me pede então pra eu dedilhar o edi dele. Eu, com nojinho pego outro guanto,

segundo da noite, encapo dois dedos e começo logo. Ele pede pra eu enfiar, dedinho entra até sem gel, dois duma vez só, ele se masturbando frenético enquanto isso, até que dois palitos goza. Depois disso o de sempre: mal olha na minha cara, não me dirige mais palavra alguma, eu saindo o mais rápido dali pra não ter que lidar com o embaraço dele, feliz da vida que, na somatória total, pelo menos com uns reazinhos eu voltava pra casa.

17.

AMARA
MOIRA
E AS

**RADICAIS
TRA
VESTIS**

—Tou mal, perturbada... melhor ir embora hoje sem nem trabalhar. Se eu encontro uma mariconna é capaz que esgane.

— Pois então esgane, mona, e ainda cobra quinhentos. “E não vai gozar!”

18.

AS
ÔMICES
DOS
ÔMIS

Não sei se por estar trabalhando em texto os programas que faço (e com isso forçando uma reflexão), ou se é por a coisa ser violenta mesmo e eu só aos poucos estar me dando conta disso, a questão é que cada vez mais, cada novo cliente que me aparece, a experiência da rua se torna mais parecida com uma experiência de abuso, violência... se a camisinha arrebenta e o cliente tenta continuar mesmo assim (fico pensando até se ele não fez com que ela arrebentasse de propósito), se percebo ele tentando inclusive começar a transa sem camisinha ou querendo pagar pra fazer no pelo, forçando a barra para que eu faça coisas que não estavam no script (os relatos que ouço de lixo que tirou o capuz sem a travesti perceber ou que pôs arma na cabeça dela e a obrigou a dar sem), as violências verbais todas, as falas a respeito da esposa (“sou casado, então não dá pra vacilar”), tudo tem transformado radicalmente a imagem que eu fazia da prostituição.

Se no começo havia algo de prazer, dada a carência própria em que eu me via (carência que ainda está aqui firme e forte), agora o que mais sinto lá é dor... e aí quando volto pro meu outro mundinho, esse da faculdade, das pessoas supostamente inteligentonas, encontro as mesmas escrotices de sempre, só que feitas de maneira sutil, piadas com apologia e naturalização do estupro, homens desfilando orgulhosos suas amantes, se divertindo em considerar cada mulher que veem pela frente como uma possível presa, silenciamento de mulheres (“se você não sabe se impor nesse mundo de homens, então cale a boca e escute”), o profundo foda-se que ligam para a situação particular que muitas delas enfrentam na universidade (o caso das mães solteiras, por exemplo). Sei lá, tá difícil lidar com tudo isso sem estabelecer uma ligação muito direta entre o que é ser homem e o que é violentar (por mais que eu concorde com o que disse uma amiga, que estabelecer essa conexão acaba por apagar as violências que mulheres sofrem nas mãos de outras mulheres, travestis também etc.)... talvez até por isso estou fazendo o meu melhor pra transformar radicalmente a pessoa que sou, pois o homem que fui também era escroto sem saber e nem ao menos ele/eu se importou em querer se dar conta disso.

Rir mesmo, só dá imaginando o conto bomba que tá preparando uma amiga travesti lá do bairro: “Uma maricona pra chamar de minha”. Esse promete, esse certeza que vai ser antológico (ou eu mesma acho que ainda roubo a ideia pra contar num relato, se ela demorar muito!).

19.

ÀS VEZES

DÁ
MERDA,

**Ô
SE DÁ**

Ainda não comprei a mangueirinha pra fazer xuca, essas simplonas de chuveiro, então acabo usando um desses kits de farmácia pra higiene íntima. Encho de água uma bolota de borracha, encaixo o caninho na bolota, coloco no edi (o que quase sempre dói e eu, trouxa, nunca entendi que era pra já ficar esperta com isso) e aperto. Após fazê-lo três vezes, o suficiente pra invadir fundo o intestino, a água começa a pesar dentro de mim... três vezes e já não aguento mais, corro pra expeli-la no vaso ou pode ocorrer lambança. Repito essa operação umas dez vezes se pá, até ver a água sair clarinha como se não viesse de edi (a imundície enquanto não chega esse ponto é brutal, o cheiro empesteia, virge!). Mas pra que fazer isso? Oras, pra não passar xeque no cliente, na camisinha, pra que ele possa nos cutucar, futucar, enfiar fundo a neca no nosso edi (o término do sistema excretor) sem sentir cheirinho ou ver sujidade alguma quando tire o bilau pra fora, quando acabe o programa, e serve também pra ele se sentir mais à vontade ao chupar nosso ce-u (vocês nem imaginam quantos não caem de boca pra cavucar e esfregar com a língua o furico, muitas vezes sem nenhuma preocupação em perguntar da limpeza antes...).

Nem sempre dá certo, no entanto, seja pelo intestino funcionar sem pausa, seja pelo cidadão ficar lá horas futucando, estimulando as coisas a andarem mais rápido que o usual: o certo é que, uma hora, mesmo a xuca mais bem-feitinha vence, ou melhor, é vencida. O curioso é que, entre as mariconas que a gente atende, várias passam xeque lindas e nem confiança, mas quando acontece com a gente, aí é escândalo... por exemplo o que uma colega ouviu dum lixo que atendia há tempos, depois dum deslize bobo desses: “como você é porca, assim não dá mais pra sair com você!”. Depois gente indignada vem me perguntar porque chamo os lixos de lixos, mariconas de mariconas. Nenhum nunca pergunta se a travesti fez xuca antes de começar, tratam como se fosse obrigação, nosso dever moral, e dane-se se isso destrói o intestino, se a longo prazo prejudica a flora intestinal, se gastamos uma hora no trono e litros de água tratada em tempos de seca: “você é travesti, filha, tem que se preocupar com isso, não”.

Querem comer ce-u como se pepeca fosse, os mesmos que se irritam quando ponho camisinha no oral: acham o cúmulo eu não querer correr risco de pegar DST por vinte reais, às vezes nem isso. E ainda que fosse por mais, o risco não valeria. Por isso me orgulho de ter passado xeque até hoje em todos que me comeram, pra se lembrarem bem do lixo que são: faço a xuca igual meu nariz, quero ver reclamarem!

20.

MOR
DIDA

DE

ÓDIO

Vocês devem achar que eu exagero, só pode, mas, ai, bom, vamos lá. Depois da crise que tive em relação aos lixos, finalmente me permiti voltar à batalha... o resultado, como só poderia ter sido: catastrófico. Gosto de trabalhar à noite, nada de pôr a cara no sol, então pisei nas passarelas era mais de 20h, aquela penumbra, friozinho, quase ninguém na rua, zona esvaziada por conta do Carnaval e da ameaça de chuva. Carros passavam por mim sem nem me olhar na cara, a maioria fingia que eu não existia, acelerava quando eu fazia sinal. Não sei se é pior isso ou os que param só pra enrolar, pra encher a paciência, fingir interesse, e ontem foi tudo junto o dia dessas coisas: mal quando os lixos me ignoram, pior, ou pelo menos igual, quando se permitem parar. Veio um ali elogiando eu ser carinhosa, mas que não gostou nadinha de eu não fazer a ativa e muito menos gozar (gente, os hormônios não deixam!), por fim perguntando se ao menos eu curtia pó, se sabia onde arrumar pra ele – justo eu, das mais caretas do bairro. O cara todonojento, suado, em cima da motoquinha, “ah então vou dar uma volta e qualquer coisa eu volto”. A coisa devia ser igual táxi, você sai com a primeira que estiver lá, não interessa o que procura. Quer serviço diferenciado, tem que pagar por isso e não essas migalhas que dão pra gente. A rua estimula um clima terrível de competição entre as que lá estão, todas achando que o cliente não parou porque a outra tem mais corpo, cabelo, bunda, tem peitão, prato cheio pra se sentirem necessitadas de retoques urgentes no industrial, pra apressarem a colocação duma prótese, mil gastos em salão e clínicas de beleza, roupas, maquiagens. Ontem me recomendaram escova, roupas mais apropriadas, e cadê maquiagem, bicha? Mas se eu fizer isso, ó céus, quanto mais não terei que ralar o edi pra recuperar o investimento? Já tá duro fazer o que faço, imagina a pressão de ter que fazer ainda mais pra ter um lucrinho chinfrim que seja em cima desse gasto todo. Fora que não me animo nada de ficar lindonilda pra lixos e conas não darem a mínima, não saberem nem perceber se vim de lápis, rímel ou com a cara lavada: se quiserem, vai ser assim, pronto e acabou. Cadê os ocós lindos que me tratavam a pão de ló no começo? Será que foi sorte, será que fui eu mesma não percebendo, na excitação da estreia, que eles eram escrotos iguais?

Ontem foi um desses dias doídos, desesperadores. Um velho me parou no calhambeque dele, parecia de samba-canção, aqueles pelões cinzentos no braço, feiorrendíssimo, asqueroso ainda mais no trato. Queria o tradicional completo, podia até ser os quarenta no quarto, mas ficou é me enrolando uma cara, até que esticou o braço, pegou minha cabeça e puxou na direção dele, como se quisesse

beijo... e eu deixei, mesmo sentindo o bafinho dele gritar de longe. Pois é, parecia querer beijo, mas que foi que ele fez? Me deu uma mordida na bochecha, doída, deixando até marca! “Gosta de mordida, vaca? Quero te morder toda!” Mordida assim não, disse eu amuada, tem que ser de leve... Eu queria era xingar o infeliz, meter um soco em sua fuça, mas fingi que aquilo não tinha me ofendido profundamente. E novamente ele pegou minha cabeça e puxou, eu resistindo da maneira que dava, e lá vai ele tascar mais mordida escrota na minha bochecha, em outro ponto agora. Dessa vez ele percebeu que eu fiquei irritada, não deu mais pra esconder, aí ele disse que só ia ali estacionar o carro e voltar pra gente ir no quarto. Acelerou e lógico que não vi mais a cara do maldito.

Sabem o que é pior? Quando contei pra uma amiga o que houve, ela me disse que é normal, que uma vez um deles mordeu a bunda dela tão forte e o silicone que ela tem lá doeu tanto que ela não conseguiu mais voltar a trabalhar nesse dia. Aí outra vez um cara mordeu o queixo dela com tanta força, que ela também teve que suspender as atividades. Por fim o caso mais estapafúrdio: uma amiga, nossa, afff, teve a neca mordida (!!!!) por um lixo desses! Eu não sei o que faria, nem imagino. Soco bem dado na orêia era o mínimo, pra deixar surdo o infeliz. Pois é, gente, tou precisada urgente dum serviço psicológico pra não usar de pinico o ouvido de vocês. Só aguentem mais um bocadinho até eu arrumar, tá ok?

21.

NA
HORA
DE PÔR,
**EU
PONHO**

Pisei na rua era por volta das 20h, pouco movimento, ainda indecisa se valia o esforço. Pirocos por todo lado, quase que de travesti só eu. Sábado de Carnaval, bem isso. Tentava me convencer de que valia a pena, mas mal pisei na rua e quase de cara já voltei pra trás. Em menos de uma hora, fui mordida duas vezes no rosto por uma maricona baforenta asquerosa vestindo samba-canção (o mau hálito dela impregnou meu rosto e só saiu quando esfreguei álcool em gel, os olhos ardendo de raiva, a mordida doendo, a marca ali nítida), aqueles carros minguaados passando sem nem se dignarem a responder meus ois, meus olhares, euzinha me sentindo um lixo, e aí vem um desses escrotões me perguntar se eu vendia pó, desgostoso por eu dizer que não faço a ativa e nem gozo e nem cheiro e nem trafico, “vou dar uma volta, qualquer coisa eu volto”... conseguem imaginar minha cara depois de uma hora aguentando firme essa dureza de noite, não? Pois é. Foi então que me apareceu um cliente, o primeiro, carrão 4x4 branco todo equipado nas parafernalias, machochô decerto cagando dinheiro, o mesmo quarentão pançudinho peludo calvo barba por fazer que sempre me aparece cada vez com uma cara nova. A única pergunta que fez foi se eu beijava: beijo sim, ô se beijo, e com gosto. Gostou da resposta e já foi logo abrindo a portona, eu me acomodando, pra só então combinarmos os trinta no estacionamento. E lá fomos nós.

Antes mesmo de tirar a roupa, ele já veio beijando – escovar os dentes pra quê, né? Impressionante. Todos os que quiseram minha boca até hoje não se preocuparam com isso, eu tendo que fingir naturalidade (trago até um listerine portátil na bolsa por consideração, e eles nada). Barba me ralando toda, beijo até que minimamente bom, encaixadinho, o mau hálito se dissipando aos poucos no contato íntimo com a minha saliva. Ficamos ali um bom tempo, até que ele resolveu botar a neca em jogo, mas sem abrir mão do beijo, eu tendo que orquestrar movimentos do boca-a-boca com aqueles do mão-na-neca. Hora do oral, peguei de pronto a camisinha e, quando fui tentei abrir, ele tirou da minha mão e “não, não, faz sem, é só oral”. Perguntei se ele tinha noção de que estava querendo que eu me arriscasse a pegar doença por trinta reais. “Mas eu não tenho doença, você é a primeira que eu saio... tou até achando que você é mulher, viu? Você é a primeira com quem saio, juro, tenho doença, não”. Piroco. O lixo tentou primeiro massagear meu ego dizendo que até pareço mulher (como se fosse elogio!), o que além de ser uma cantada escrota serviria também pra me convencer a correr risco idiota... pra completar, ainda quis me levar a confiar nele dizendo que jamais saiu com travesti antes, como se fôssemos nós quem

transmite doença, nunca esses lixos, como se já nascêssemos com a tia e estivéssemos loucas pra passar pra frente! “Eu te chupo sem também”. Meu bem, não vai rolar sem, entenda duma vez por todas.

Bom, sabem o que rolou? Ele, todo fortão no seu corpanzil gigantesco, agarrou minha cabeça e levou no muque até a neca, “pedindo” delicadamente pra eu chupar um pouquinho só: “pô, na hora de pôr, eu ponho!”. Não sabem meu desespero, justo a primeira vez que cobreí camisinha no oral. Se eu tivesse cobrado antecipado (e não sei por que não o fiz), teria me desvencilhado já ali e saído correndo... mas o medo de não fazer nem o mínimo nessa noite fria e pouco movimentada me levou a aguentar firme, me levou inclusive a mais do que isso, ceder: acabei deixando o lixo botar a neca na minha boca, uns segundinhos apenas mas deixei, enquanto em paralelo eu ia abrindo a camisinha. Me solto então da mão dele, paro imediatamente o oral, volto a beijá-lo e junto a isso vou tentando encaixar a camisinha, ele broxando só de chegar com ela perto. Em neca crescente, com a ajuda da boca, até dá pra tentar, mas nas diminuentes não tem conversa. Volto então pra mão, mão em paralelo ao beijo, vendo se conseguia fazê-lo gozar – xi!, longe disso.

Toda vez me perguntam, e eu mesma me pergunto também, porque não simplesmente me desvencilhei das mãos dele e corri de lá, atrás de outro programa, um lixo que me tratasse melhor? Eu já vinha superando a crise que tive cuzomis, em especial clientes, mas foi pisar na rua e todo esse sentimento voltou com força – falta que senti dum objeto cortante, a todo momento pensando na frase que ouvi duma feminista, “homens mortos não estupram”, o ódio me queimando por dentro. O absurdo é que não foi só tentar me forçar no muque a chupá-lo sem guanto (o que ele conseguiu em parte, sempre reafirmando que não tinha doença alguma [eu era a primeira travesti com quem ele saía, como é que ele teria doença!?!], querendo me obrigar à força a acreditar nisso, e além disso foda-se em que condições se encontraria sua neca [eu teria também que acreditar que estava limpa, não importa se de fato olfato, tato, visão e paladar não concordassem nadinha]), o que já era violência sem tamanho, mas também em seguida, quando saímos do carro pra ele vir me comer, ver ele imobilizar meus braços com um abraço por trás e, já sem guanto (a neca era grossa demais quando dura, não dava pra pôr direito), tentar novamente no muque me convencer a dar pra ele no pelo!

A frase aqui mudou, inclusive, e tive que ouvir coisas que jamais julguei que ouviria: se antes era “faz o oral sem, na hora de pôr, eu ponho”, agora ele começava a repetir incansável “deixa eu pôr só um pouco, a cabecinha só, na

hora de gozar eu tiro”. Trinta reais, mas ainda que fosse trezentos, não! Eu tendo que me virar pra escapulir dos braços dele, pra não deixar ele me penetrar (pressionei o ânus o mais que deu, ali não passando agulha), medo de gritar por ajuda e cair no conceito das colegas, certeza de que depois daquilo eu não teria condições de continuar trabalhando e então seria importante, necessário até, fazer aquele dinheiro pra não voltar negativa pra casa... e eu jurei pra mim mesma que jamais tiraria do bolso pra trabalhar (doce ilusão, ai).

Sabem o que foi que me salvou? O piroco broxou no meio das tantas resistências que eu lhe impunha. Ele broxando toda vez que eu trazia a camisinha pro oral (gastei três nessa brincadeira), dessa vez broxou foi pela demora e dificuldade de obter o que desejava. Foi isso o que impediu que eu tivesse que me atracar com ele, medir forças (ele uma montanha!), gritar por ajuda ou simplesmente correr. Broxou e aí, pra não voltar desgostoso pra casa, pra esposa talvez (aliás, como não me sentir um lixo imaginando-me cúmplice do que ele faz com a mulher, querendo fazer no pelo com todas igual fez comigo?), pediu que eu pelo menos batesse uma até ele gozar. E foi o que eu fiz, cheia de nojo mas fiz, só querendo que acabasse logo o tormento, o lixo ainda fazendo com que eu me contorcesse toda pra conseguir ao mesmo tempo bater uma pra ele e massagear seu edi, eu torcendo que pelo menos estivesse limpo. Me deu cinquenta reais em compensação, como se vinte ou qualquer valor a mais compensasse a cena. Pediu meu telefone antes de eu descer do carro e eu, ainda em choque, dei meio sem saber por que, e veio em seguida se despedir com um selinho e “gostei de você, você é muito bonita”. E eu achando no começo que ele por me beijar, por me tratar com carinho, por não barganhar valores, seria uma boa experiência pra me ajudar com essa crise em relação aos homens. Saí de lá arrasada, vontade de sumir, e ainda tive que passar no meio da multidão em festa (pleno sábado de Carnaval) ao voltar pra casa.

O “NÃO É NÃO” das feministas precisa urgente ganhar a zona, empoderar prostitutas. Aqui ainda não ouviram nada a respeito.

22.

AFINAL,
O QUE
QUEREM

AS
PROSTITUTAS?

Aquele mal-entendido básico fez gente ler indecência onde havia não mais que realismo vulgar, do mais pé-no-chão mesmo, coisa a que não anda tão acostumada a família tradicional brasileira (ainda que a gente canse de atender seus integrantes homens lá na zona). Porém contudo todavia travesti tá aí, puta também e a gente tá um tanto cansada de ser jogada pra debaixo do tapete: vão querer continuar fingindo que a gente não existe, que isso aí não é a vida que existe pra nós? Sento, laminto e choro, não deu, não vai dar. O pai de família respeitável que atendo na zona acha um barato papar a mim por dindim poquim, o fim da picada eu contar a historinha pra deus e o mundo. Comecei por safadeza mesmo, assumo, carência brutal, vontade que me desejassem, pegassem, pagassem por mim, mas rapidinho eu vi que não era assim bom como eu sonhava e aí escrever sobre, poder escrever sobre, começou a ser razão de eu continuar. Hoje já nem sei mais se me prostituo pra escrever ou se escrevo pra me prostituir, essa é a verdade. Quanto vocês saberiam da vida por trás dos panos da profissão mais malfalada do mundo não fosse por mim? Venho sendo entrevistada em tudo quanto é canto, convidada pra dar palestra em universidade, dividir mesa com vereador, capa de jornal importante, revista, participar de documentário, e não é à toa... quem toca esse discurso assim, na caruda, doa a quem doer, são poucas no Brasil, loucas como eu.

Mas coisas vão mudar. Daqui em diante, obscenidade mesmo só vai ter por assim dizer vez ou outra, quando não der pra encontrar palavra mais respeitável cabível à situação. Assim quem sabe o pai de família não leve a mal ver-se outra vez aqui citado em meio às nossas estrepolias.

23.

ALÉM DE
ESCREVER

PUTARIA

A TRAVESTI

AINDA
INVENTA

DE FAZER

POEMA

Moirá amarga amara sina
xeca quando faz a xuca
neca quando a quer a cona
qual a graça quando ela, fina
quando ela pena, menina:
quéti não se faz igual
queijo ofofi não faz mal
neca inquieta a goela língua
garra o picu força o bilau
grita a cláudia a neça míngua.

24.

AQUELE
DRAMA
LHÃO QUE
VOCÊS

**BEM
GOSTAM**

Dia pra pôr à prova a minha misandria. Domingo de Páscoa, bairro às moscas, foi só descer do ônibus e já chegou chegando um cliente, “oralzinho por dez, vai?” Eu já até desacostumada de versentirter neca nas mãos/boca aceitei meio quase que só por vício, saudade mesmo, mas não sem antes fazer aquele cu doce delícia que vocês conhecem. E valeu, ganhei um montão de confete. Necona nervosa pulsando pra fora da calça, ele querendo que eu abocanhasse ali mesmo na kombi enquanto ele dirigia, lá fui eu. Até cogitei sem capuz, outra vez por conta do vício, mas aquilo é trabalho e não farra, então tenho que aprender a separar bem as coisas (e sem esquecer também da importância de educar esses lixos). Camisinha posta, a brincadeira não durou o quarteirão: foram duas engolidas mais a servidas, fundudas, daquelas de vazar a glote (lembrei até dum trocadalho horrendo dum amigo machão, que quando lhe perguntavam se tocava instrumento ele respondia que tocava úvula, tocador de úvula, péssimo!), e ele já veio com “calma, calminha, gozei, faz carinho agora”. Me deixou no meu ponto em seguida, mas não sem antes dizer que veio ali na surdina, depois de conseguir uma escapadela das garras ferozes da patroa (palavras dele), o espírito pascoal gritando na cara de pau do infeliz. Dez no bolso logo de cara, muito mais fácil começar a trabalhar nessas condições.

O friozinho de sempre, ameaça de chuva, lá fui eu pro meu ponto perto da lombada, bom porque o carro tem que obrigatoriamente dar uma desacelerada e, nisso, é forçado a pelo menos avaliar o material. A maioria ainda assim passa batido, mas vários já decidiram parar quando eu os aticei assim: um sinalzinho de dedo, “vem cá, amor”, aí se o cidadão para, o resto é lábia. O segundo da noite foi um caso desses. Homenzarrão simpático, barrigudinho, carro chique, se interessou pelo material e pediu pelo pacote de trinta (o tradicional completo no estacionamento). Pagamento adiantado, ele sai do carro pra eu fazer lá fora o que sei de melhor, no escurinho nem tão escuro assim do estacionamento (teve mona que ficou espiando eu com a boca cheia pra depois me gongar, pode?). Zíper se abre, não resisti e dei umas lambiscadas só pra sentir o gostinho – ai que saudade! –, mas logo que se endireitou pus o capuz e bora.

Murchou um bom tanto encapuzado, bem mais difícil deixá-lo a gosto nessas condições (fora que o gosto é uma droga e não sai por nada depois, impregnado no rosto), só que trabalho é trabalho e eu continuei, e mais fundo, e mais, ele forçando com a mão e eu “calma senão devolvo o jantar”. Tomo um respiro, aí agora a ânsia é de continuar, e segue-se então igual antes, ele voltando a ajudar com a mão. Entre idas e vindas várias, eu ali agachada sentindo a minha

panturrilha espernear, uma bendita hora o cidadão pede que eu levante e chupe o peitinho cabeludo dele, maior que o meu por sinal. Nada contra chupar, mas chupar peito com pelos é osso e todo o tesão que até aquele momento eu tinha se escafedeu com eles enroscando em meus dentes. Não deixei de fazer, no entanto, ele se tocando alucinado enquanto eu o chupava e “que delícia”, eu só querendo que acabasse logo. Quando cansei daquilo, voltei a agachar sem nem pedir licença e aí foi mais fácil seguir até o final, o tesão voltando junto inclusive. A dor na panturrilha, perto das opções disponíveis, agora mal se fazia sentir, mas via-se na cara desapontada dele que ele me preferia chupando peitinho e não pau. No fim, quando acabou-se tudo, o que não acabou foi o meu tesão e aí dá-lhe malabarismo pra fazer caber neca na calcinha apertada.

25.

UM ANO
DE

AMARA,

DOIS

NÍVEIS

DE

FODA-SE

Cá estou eu às portas do aniversário da estreia oficial dessa travesti que vos dirige a palavra, o famoso 1º de maio de 2014 (quinta-feira feriado antes da Parada LGBT de São Paulo, ê diazinho!), momento em que fui pra capital só com roupas femininas na mala, compradas um dia antes no crediário Marisa (quase um ano pra terminar de pagar), e comecei a pedir, quase pedindo desculpas, pras pessoas que acabavam de me conhecer se possível faz favor caso não seja incômodo poderia você talvez me chamar de Amara? Boas almas, algumas, disseram “incômodo algum”, “sim, sim”, “pois não”, e lá começou-se tudo, eu nem sabendo bem aonde queria chegar, nem sabendo se daria pra chegar aonde eu nem sabia se queria, só sei que uma hora a coisa engrenou, de fulano pra sicrano e aí beltrano, todo mundo do nada me chamando de Amara antes mesmo que eu dissesse oi. Oi?

Pois bem, um ano passado quase, chegando a hora de fazer balanço, é forçoso reconhecer a diferença que fez em minha vida o “E Se Eu Fosse Puta”. Das dezenas de pessoas com quem transei nesse um ano, todas homens, todas em programas, várias eu sentindo tesão (em especial as primeiras), outras longe disso, delas todas nenhumazinha pessoa eu conheci fora dos domínios da profissão mais antiga do mundo. Triste pensar que se resumem a transas pagas aquelas que vivi nesse um ano, não poucas isso sim, mas ainda assim pagas, todas, coisa que me faz pensar. Triste porque nem ao certo sei se isso se deve a eu não estar seduzinte o suficiente, cativante, ou quem sabe a eu não estar me permitindo mesmo... ainda tenho pavor de me ver no espelho nua e não é do dia pra noite que isso vai mudar, que vou me jogar toda toda (talvez, inclusive, eu ainda precise de um bom número de ômis me dizendo “linda” na cama e, muito possivelmente, até talvez fazer o peito, pra achar que chegou a hora do sexo não tributado – até lá, vou cobrando).

Outra questão que também me surge foi o aprender a ligar o foda-se, coisa que veio das aulas práticas de Indianara Alves Siqueira e Monique Prada, duas das putafeministas mais importantes que já conheci, não à toa as responsáveis pelo prefácio e posfácio do livro. Retardei ao máximo a transição até sentir que eu tinha condições de peitar a sociedade. Meu pavor era ter que me prostituir por migalhas pra sobreviver, depender disso assim do nada, noite pro dia, virgem há tantos tempos, já pensou? Mas tendo já um nome a zelar e o respeito na universidade onde estudo, aí junto a isso a minha independência financeira, foi muito mais fácil negociar os termos da minha transição (é isso o que muita pessoa trans vem descobrindo, a importância de transicionar depois de ingressar

na universidade, longe de certos olhos, mas contando com a estima deles). O plano inicial era, antes, virar professora universitária concursada, passar o período probatório e então *cabum!* travesti, mas não houve como... bastou a primeira insinuação de bonança e me joguei de cabeça.

O engraçado foi justamente eu, que tinha horror à ideia de me prostituir, eu, que retardei minha transição ao máximo pra tentar me livrar desse caminho, mal me assumi e já fui quase de cara fazer a rua. E não só, pois, além de ir fazer programa, ainda me meti a relatar tintim por tintim tudo num blog, dois níveis de foda-se. Razões? Oras. É como se a palavra puta estivesse tatuada em minha testa, e muito antes de eu fazer rua a primeira vez. Me veem como travesti e já me imaginam puta, e qual seu preço, se sou ativa, assédio como nunca vi antes, coisa de enlouquecer. Aí também a carência brutal e fogo no fiofó, o desejo de ser aceita e não mais turista, tesão por escrever vindo junto (e, gente, eu sou péssima com imaginação, meu negócio é memória: não consigo inventar patavina, mas sei mil maneiras de escrever como um lixo me trata, a vingancinha minha, toma!) e, por fim, peitar o medo do e se eu fosse, do e se fosse eu, já que querem tanto que eu seja, já que só conseguem me pensar assim – militância. Cansei de ter medo dos caminhos que ninguém escolhe. Fiz faculdade pra poder fazer sexo só de graça, aí descobri que estava perdendo dinheiro não aproveitando essa minha sabença e desenvoltura. Travesti puta escritora, doutoranda em teoria literária, dois níveis de foda-se, porque na verdade nem precisa porquê, tudo desculpa. Puta, e se eu fosse, e se fosse eu, a puta, a travesti, a escritora. E com diploma de doutorado. Lidem com mais essa.

26.

MONÓ
LOGOS

DO

LIXO

[parte 1: antes]

– *Você é mulher? Nossa, nem parece! Coxão, corpão, bocona... não fosse o bilau ninguém diria. E como é que faz pra transar com traveco? Você faz tudo? Nunca saí com homem, mas deu uma vontadinha agora. Você come? Pintão? Ah os hormônios... mas um travecão gostoso que nem você não comer é foda, hein. Se bem que nem sei se aguento, nunca fiz, mas queria saber como é.*



[parte 2: depois]

– *Nossa, você é bonita, gostei... até namorava se você fosse mulher. Toda bonita assim, branquinha, boca rosada, humilde, mas não dá, entende? A transa gostosa marido e mulher, o dia a dia, a cumplicidade, tudo isso ia fazer falta. Não é preconceito, é que eu gosto só de mulher. Sou louco por uma buça. Você é pra aquela variada de vez em quando, quando cansa. Sou casado, amo minha mulher.*



Éis que me aparece o infeliz, fingindo-se surpreso por eu não ser cis (“mulher”, no dialeto dele), achando que é elogio dizer que eu “nem pareço” mas em seguida já começa a me tratar no masculino, o velho papinho do “você faz tudo?” (quer saber se eu sou ativa), do “nunca fiz antes” (sei), do “será que aguento” (será?), pra então exigir que você tenha pintão senão nem serve (e tem que ficar duro 100% do tempo). Maricona do edi roto, em bom bajubá: deve conhecer as necas todas ali da rua. Esse aí sei lá o que viu em mim, eu cheia de

bolsas recém-descida do bus, indo deixá-las na pensão e então me arrumar, pra só depois voltar pra rua, mas ele não quis saber: tem que ser você e tem que ser agora. Foi um lixo comigo, mas acabei aceitando por conta da tranquilidade que é começar a noite com as contas em dia: o que viesse depois dali, tudinho meu!

Fomos pro drive-in, trinta reais três horas, cinquentão pra mim (pagou só no fim, não consegui cobrar antes). Ele e seus quase dois metros, barrigudinho, já tomou o rumo da ducha assim que chegou, eu enquanto isso me despindo e acondicionando as bolsas num local seguro. Pediu massagem nas costas, “pode fazer forte e dar uns tapinhas na bunda também”, e eu, hm, gostei, começando até a sentir tesãozinho em deixar marcas, descobrindo esse meu lado sádico, ele querendo dizer que tava sendo demais, eu nem dando ouvidos.

Uma hora cansou de levar no couro e veio pra cima de mim, masturbando, chupando, fazendo o diabo e nada de deixar meu brinquedo duro, até que por fim desistiu e pediu pra eu o chupar. Fiz o que mais me dá gosto, mas sem a disposição de quando sou bem-tratada. Trabalho. Deixei a ponto de bala, prontinha pra comilança, mas neca nanica (ainda que grossa) e barriga senhora, senhor!, exige traquejo de que não disponho: não tinha jeito da coisa engrenar, a cada mexida a neca escapulindo do meu edi e, a cada vez que ele tentava encaixar, sempre um ogro, eu me machucando ainda mais (já cheguei dolorida por conta da xuca malfeita e ele só piorou as coisas... o outro ogro que atendi na noite completou o estrago e quase uma semana depois ainda dava pra sentir as dores).

No meio do escapole-põe, uma hora ele acabou se acabando, assim do nada, coisa mais broxante, mas melhor assim. Urgente esses caras aprenderem a transar, porque putas também merecem bons parceiros de cama: é impressionante o quanto não fazem ideia do que fazer pra agradar a outra parte, o quanto acham que é só meter e se possível machucar. Ducha outra vez, eu tentando fazer a carinhosa pra ver se ele me pagava logo, já calculando se eu daria conta de dar outra vez com o edi nesse estado. Por fim o monólogo final, outro lixo me achando com cara de desesperada, me achando louca pra ser a outra de um ser desprezível... mereço, né? Quem mandou.

27.

OBJETO

DE

DESEJO

CORPO

ABJETO

Recentemente levantou-se a polêmica a respeito de haver gordofobia em meus escritos. Voltei a eles e lá estava ela, orgulhosa, melecando meus textos de preconceito que eu nem sabia que tinha. Ainda que inconscientemente, estavam ali de vingança pelo que os lixos faziam comigo, o que mostra quão complexo é o jogo das relações de poder, de privilégio... travesti gordofóbica, só faltava essa! (Ou não, essa é a pura realidade, porque a gente não nasceu do vácuo, mas dessa mesma sociedade podre que formou todo mundo.) Não mudei uma linha dos textos no blog, mas tentei mudar aqui no livro, pra que servissem de sinalizadores da mudança que se fará notar. Vocês me digam se fui bem-sucedida.

Mas isso também me leva a pensar no quanto prostitutas, e praticamente só elas, não são obrigadas a lidar, pelo menos lidar, com seus próprios preconceitos e limitações ali na prestação do serviço sexual. Me leva a pensar também no que é e no que deixa de ser preconceito, e em como desconstruí-lo caso a pessoa se faça consciente dele. Esperar higiene, a mais burguesinha, asséptica, inodora, é elitismo meu? Ter que fazer oral em neca com “cheiro de macho”, cheiro de quem saiu do trabalho pesado e veio, ainda que usando guanto, quem aí topa? Volto diversas vezes com o rosto empestado daquele cheiro e o bafo de bocas mal-lavadas, cigarro, e tem dias que até gosto, mas a maioria dá nos nervos. No melhor dos casos, posso me vingar sujando cuecas de batom, mas aí corro risco de perder cliente, o que não ajuda em nada.

Vejo trabalhadores recém-saídos das fábricas, das construções, virem requisitar meus serviços por vinte, trinta reais, antes de voltar pra casa, pra família, eu sendo a recompensa pelo dia extenuante... o fato de me pagarem tão pouco (e o que é tão pouco perto do que ganham? Lembrem de Lucas 21: 1-4, a esmola do rico e da viúva pobre) me dá o direito de exigir higiene (“cobro pouco, mas venha limpinho”) ou o valor irrisório é justamente o que determina a minha obrigação de aceitar o que vier? Mas, quisesse eu exigir higiene, onde se higienizariam, uma vez que vêm direto do serviço, uma vez que os atendo o mais das vezes no carro ou, pior, atrás duma moita qualquer, no escurinho do matel?

Pelos pelo corpo, peito cabeludo... posso não gostar disso, não sentir desejo por eles, por quem os porte? Houve um que me pediu pra eu chupar seu peito peludo, peito quase do tamanho do meu ainda que ele não fizesse uso de hormônios, homem não gordinho (esse diminutivo com funções aumentativas, tão típico da nossa hipocrisia gordofóbica) mas sim gordo... é preconceito eu perder o tesão nesse e só nesse ponto da transa, justo por conta da conjunção

“chupar” + “peito” + “pelos”? E, se for, faço o quê? Chupei daquele jeito, igual meu nariz, e fui dando indícios de que aquilo me aborrecia, até ele largar mão e eu poder voltar de vez pra neca, onde me esbaldei. Depois do gozo, vi que ele ficou constrangido, como se sentisse vergonha do que me pediu (e onde mais ele pediria senão ali, pra profissional do sexo?).

Quem dentre vocês que me leem se permitiria viver essa gama de transas, beijos, se permitiria sentir, tentar sentir, fingir ao menos, tesão por esses corpos todos que abundam nos meus braços, corpos (assim como o meu, mas de forma toda outra) rejeitados pela norma, dissidentes, resistentes, preteridos, corpos brutos, gordos, negros, peludos, com deficiência, fora do padrão de beleza, de macheza, autoestima lá embaixo, tímidos, oprimidos, travados, corpos que só se sentem à vontade conosco, que se entregam apenas em nossas camas, que precisam de nós pra não pirar nessa vida de exclusões... decorrência direta dos padrões normativos de beleza e macheza é algumas pessoas só terem acesso à experiência do sexo por meio das putas. Até que ponto a prostituição não existe também em função disso? Há algo de Jesus Cristo em toda prostituta, esse desprendimento do “se quer ser perfeito, vai, venda tudo o que tem e dê pros pobres” (Mateus 19: 21)... não à toa ele próprio afirmou que “as prostitutas vos precederão no Reino de Deus” (Mateus 21: 31). Mas aguardem, o ataque às normas vai se intensificar por aqui: essa língua travesti puta escritora vai ser libertária ou não será.

28.

AGORA
VOCÊ
GANHOU
**OS SEUS
VINTE**

Não dava pra saber a que vinha o rapaz, já com certeza entrado nos enta, pele castigadinha, aparência de quem já viveu. Chegou mancando forte, uma perna nitidamente mais curta que a outra, eu a primeira travesti à vista, parou logo em mim. Blablablá infundável, elogios, iós, eu dando corda mas com vontade é de dar um basta: dinheiro parecia não sair dali. Me chamou então pra uma cerveja, queria me conhecer melhor. O dinheiro da noite já feito antes disso, o que viesse era lucro, acabei aceitando mesmo sem vontade de beber, sei lá a razão, só que deixei bem claro que eu não estava ali a namoro. Lá vamos nós pelo bairro, a travesti não padrão de mãos dadas com o moço com deficiência, eu pensando o que seria mais evidente pra quem nos via, o que mais inaceitável aos olhos dos corpos ideais.

Ele compra a cerveja no bar da esquina, paga o preço absurdo da zona e faz questão de sentar na mesa mais exposta pra todo mundo nos ver. Eu, puta barata, aceito beijá-lo ali mesmo por uma reles cerveja, amigas passando com cara de gongação, gritando “coragem!”, e eu nem me divertindo com a cena. Cigarro, hálito de cerveja, ele todo aceleradão, tatuagens macabras pelo corpo, não tava valendo a pena, mas continuei. “Curte um tiro?” Quem, eu? Caretíssima, curto nem pensar na ideia. “Legal, assim me seguro essa noite... ando abusando. Você é humilde, gentil, me escuta, quero passar a noite com você, uma noite firmeza”. Bom, não tente me convencer com menos de cem reais, querido. “Pago setenta!” Que diabo, aí, mas tá bom... onde vamos? O motel fica a uns quinze minutos a pé e vai custar mais oitenta.

Lá fomos nós, por volta das 20h, escuridão, frio, eu com medo de doce, de levar a pior, mas algo me parecia fazer crer que ele era confiável. Vinte minutos ladeira abaixo, movimento de carros intenso, buzinas, xingos, eu e ele manquitolando naquelas calçadas pedregosas não feitas pra pedestre andar, ele todo carinhoso tentando me aquecer com abraços desengonçados pelo caminho. Chegamos. Primeira coisa o banho, a esfregação, um ensaboando o corpo do outro, gozosos, brincalhudos (desliguei o chuveiro uma hora, porque vocês sabem que gastação de água me tira do sério). De lá fomos pra cama, os corpos só meio enxugados, e começou a noite propriamente dita. Pedi, antes de mais nada, os meus setenta, ele vindo com papo de cinquenta só, não sabe se vou valer tudo isso, aí retruquei azeda que por aquele valor eu vazava em uma hora. No fim, ficou por isso mesmo, cinquenta, eu mais puta da vida do que já era.

Na cama, o gentil cavalheiro se fez ogro, suas mãos machucando meu peito, puxando cabelo, beliscões, tapas, eu não gostando nadinha e não adiantava

reclamar. Machucada do outro pegê, sofri por antecipação imaginando o que me viria em seguida e, mesmo a neca nadando na camisinha de tão pequena, isso não me tranquilizava em nada (quem mandou nascer trabalhadora, justo dia 1º de maio, eu ali fazendo aniversário de Amara... agora era trabalhar, fazer o aqüê). A excitação dele era tanta em me ver sentindo dor, em ver que a sua neca, tiquita daquele jeito, era capaz de machucar uma profissional, que ele acabou foi gozando é logo. Daí voltou a ligar o modo carinhoso, abraçou, contou do acidente na perna, as tatuagens, polícia, prisão, histórias tensas, violência, drogas, sobrevivente do massacre do Carandiru (fiquei meio incrédula quando ele me disse, “sério?”, friozinho correndo a espinha, e ele quase cresceu pra cima de mim por achar que eu não acreditei na história, “tá me tirando?”), mas desde então tinha endireitado e agora era só o probleminha com pó e álcool.

No meio do cunversê ele volta a agarrar meus limões, excitado de novo, eu dizendo que a cota dos cinquenta já tinha encerrado, aí fiz menção de pôr roupa, ele me segurou, disse pra eu ter calma, vem cá curtir, com ele não tem miséria. Veio já logo beijando, tateando meu corpo, fazendo o que bem entendia, eu ora tentando oferecer resistência ora fazendo a boneca inflável, mas com vontade ou sem pra ele pouco importava. Ele então puxa a minha cabeça até a neca pra eu fazer o oral e, no que eu pego a camisinha, ele tira ela da minha mão, e eu, com medo de não voltar viva, ok, vai assim mesmo. Lá vou eu fazendo hora extra de graça, correndo risco à toa, tesão descarado nos olhos dele, ele nem demorando pra gozar de novo e aí me vem com “agora você ganhou seus vinte, tou saciado!”. Mereço.

Daí em diante a noite foi bem tranquila, só conversa, carinho, vontade de me conhecer melhor, me escutar. Ele chamou um jantar pra nós dois (“comigo não tem miséria”, lembaram?), pediu um conhaque xis, refri pra mim, fumou feito chaminé no quarto fechado, frio de rachar e nenhum cobertor naquela joça que eu um dia achei que fosse motel top. Pra não congelar, tive que me agarrar ao ogro a noite toda e dormir assim, de conchinha, defumada, vontade de correr dali o quanto antes, porque eu teria um dia cheio desde cedinho e não há sono possível nessas condições.

29.

MAIS
POR

vício

QUE POR
QUAL
QUER
COISA

Houve dia de eu voltar pra casa com dois reais, de aceitar oral por dez só pra me proteger do frio, dia de varar madrugada atrás do bendito aquíé, horas ao relento, solidão, autoestima no chão em que eu pisava e repisava, me sentindo um lixo, dias dias dias, até que me surgisse esse primeiro em que voltei negativa, tendo gastado lá mais do que consegui ganhar. Janta, bebida, ônibus ida e volta, lugar pra deixar minhas coisas, pra me arrumar: dos trinta e tantos reais de praxe que se gasta quem quer que você seja, só recuperei dez, dez que fiz mais por vício que por qualquer coisa, porque àquela altura eu mal imaginava a noite que enfrentaria... faltou fé, talvez, ou cabeça.

Tudo se deu logo que pisei na rua, um motoboy prometendo que já tava quase, que era só começar e pimba, “menos de dez minutinhos”. Aceitei já pensando uma forma gozosa de narrar o causo, um paralelo entre isso e a parábola da esmola do rico e da viúva pobre... dez reaizinhos suados, surrados, que ele teria que fingir pro patrão que gastou com a gasosa, não dava pra igualar isso ao ricaço que me dá a mais o que não faz falta alguma. Fora a promessa de que seria pá-pum, a pizza fumegando à espera da entrega, “não tem nem como demorar, juro”. Madrugada afora ele trabalhava pra faturar quarentinha, ele disse, eu brincando que isso era mais do que muito dia de trabalho meu... nem imaginei que seria dia de viver na carne a verdade dessas palavras. Tive ainda que trocar cinquenta pra ele na pensão, pensando se não seria golpe essa pindaíba toda, se não valia a pena eu dar uma de louca e ficar com o troco, mas o cheiro da pizza era pra valer, confiei, e lá fomos nós pro matel.

Ele quis meus peitos, deixei tocar, chupar, mesmo sendo demais pra aqueles dez reais. “Sou até carinhoso, olha só como tá valendo”, e nem percebia que me machucava, chupando com força, mordiscando, quase rancando pedaço. Engraçado isso, cliente acreditar que merece desconto por nos tratar com isso que ele chama de carinho, respeito, por se preocupar com o nosso prazer: parece até que estão fazendo um favor de sair com a gente. Mas deixei ele continuar, viajar que me agradava, e fingi prazer, o meninote dele nanico querendo escapulir da cueca e lambuzar meus dedos, todo brincalhão (rebuliço aqui na calcinha agora escrevendo, recordando a cena: ando viciosa, vocês nem imaginam). Dali me agachei e já fui pondo fácil a camisinha, quase camisola de tão folgada que ficou, a neca dura, irrequieta, ansiosa pelo entra e sai onde quer que fosse... duas ou três engolidas e não teve jeito, ele pedindo calma, afastando a minha boca bem na hora que eu começava a gostar: “gozei”.

Só depois, acabado o tesão, foi que sentimos um cheiro estranho batendo forte

no nariz, ali embaixo mesmo, cheiro de quem pisou onde não devia e não é de pizza que estou falando. Escuridão, não dava pra ver um palmo além do nariz, chão daqueles que é melhor nem chegar perto pra não correr risco de engravidar, de tanta camisinha usada e sabe-se lá mais o quê. Ele deu de ombros, subiu na moto e partiu, agradecido, agradecendo. Eu corri pra luz pra checar se não fui eu a sortuda. Não fui. Ufa, ainda bem. Mas antes tivesse sido isso o pior da noite, antes fosse esse o meu maior problema, pisar onde não devia...

30.

AH SE
NÃO
HOUVESSE
RISCOS!

Do ponto de vista do conservadorismo radical (movimento mais conhecido como *radcon*), é um absurdo alguém defender que mulheres possam vender prazer a um homem, negociar esse prazer, pôr a ele um preço. Dar lucro a um patrão, ok, submeter-se a péssimas condições de trabalho, ok, mas vender prazer e ainda ousar saciar esse prazer, ousar fazer disso o seu ganha-pão, isso nunca! E não importa os valores da negociação, cinquenta, cem ou quinhentos reais a hora, pois, para o *radcon*, a prostituta será sempre vítima, sempre “explorada” pelo homem perverso vulgo seu cliente. Para esse feminismo o sexo não poderá jamais ser considerado serviço, sexo jamais poderá merecer um valor, ainda que seja uma das experiências humanas mais essenciais, mais incontornáveis. Além disso, não há motivo pra acreditar que eu deva fazer de graça o que ninguém faz melhor (nunca descarto a oportunidade de tirar dinheiro dum homem, meu maior gozo talvez). Pessoas não terão acesso, fora da prostituição, a essa experiência? “Dane-se!” Mulheres carentes de um sexo bem feitinho, profissional, começam inclusive a se permitir requisitar tais serviços? “Elas também são exploradas, não podemos permitir que paguem a homens, muito menos a outras mulheres, para ter prazer!”

Sento, laminto e choro, mas prefiro dar voz a nós prostitutas, ouvir nossas próprias histórias e demandas, lutar pra que tenhamos plenas condições de escolher o caminho que quisermos, seguir na prostituição sendo um deles. Ninguém aqui acredita, em sã consciência, que viverá pra ver o fim da prostituição. O mais urgente, portanto, é lutar por melhores condições pra que essas que estão na atividade possam exercê-la em segurança, melhor remuneradas, sem o peso do estigma. O medo que esse povo sente a gente sabe qual é: quanto menos violência envolvida, quanto menos estigma atrelado, mais mulheres vão começar a se dar ao direito de escolher se prostituir, escolher ganhar em cima do prazer de homens (e, num futuro não tão distante, inclusive de outras mulheres), e isso seja pra pagar uma conta ou toda a faculdade, poder comprar algo de que sentem falta, sair no fim de semana, seja pra fazer disso sua fonte principal de subsistência, impondo o valor que desejam, um valor que lhes permita viver, mais do que apenas sobreviver. Isso o *radcon* não aceita, uma mulher que escolha por livre e espontânea vontade aproveitar-se do prazer de homens pra dali retirar seu sustento, ganhar saciando desejos tais, fantasias, carências, uma mulher que encontre no sexo sua realização profissional.

Afinal, quem explora quem quando a prostituição é exercida sem risco de violência, sem o peso do estigma, com pagamento justo? Fico imaginando o dia

em que a palavra “puta” não for mais xingamento, o dia em que as pessoas nem consigam mais imaginar porque um dia ela o teria sido. Mas esse dia está longe. Hoje, a única coisa que vemos é um feminismo que se diz radical andar de mãos dadas com a Pastoral da Mulher e a bancada evangélica na luta contra os direitos de profissionais do sexo. Hora de lutarmos por um feminismo que não deslegitime nossas pautas, que leve a sério a nossa luta, o putafeminismo quem sabe. Que esse livro ajude a inaugurar essa vertente.

31.

VICIOSA

COMO

VOCÊS

BEM

SABEM

A princípio eu fazia oral sem preservativo (só o oral, penetração deusamelibre!) nos ocós que eu queria fazer, todos. Transar era um tesão pra quem era Amara há tão pouco tempo, ainda toda insegura com o próprio corpo, doida por um elogio: sendo desejada, eu desejaria em troca, assim simples. E nisso vivi o gozo de prová-los por inteiro, cada centímetro com meus cinco sentidos (até audição usei – os barulhos que ali se ouvem, impagáveis!). Doença não peguei nenhuma, obra da PrEP, da vacina pra hepatite A+B e da minha sorte gorda, mas chegou a hora de eu parar com isso antes que seja tarde, seja pra educar esses lixos, seja porque nenhum deles merece o risco que eu andei correndo. Começa a Era do Guanto (o capuz), e era uma vez prazer.

A próstata não estava ajudando também, pois desde que comecei o androcur (bloqueador de testosterona), o anal passou a ser incômodo, juntando então a fissura anal que eu nem sabia que tinha e, pronto, atrás era um pesadelo, o contrário do que já pude sentir em priscas eras. Aí tudo isso mais o oral com guanto, combo completo pra fazer do sexo algo no patamar do terrível, insosso no melhor dos casos, mero trabalho. Parei então com o bloqueador há dois meses pra ver no que dava, os efeitos se fazendo notar rapidinho. Libido de volta, ereção, pulsão no ce-u pedindo completude, vontade de pôr o corpo todo a produzir prazer, o corpo um órgão sexual gigante. Foi nesse contexto que saí pra batalha, disposta a fazer rios de dinheiro e ainda me esbaldar naquela volúpia de corpos.

E foi só pisar na rua pro motoqueiro da última vez aparecer, agora oferecendo quinze ao invés dos dez, mas querendo o completo e não só o oralzinho. Fui tarde pra rua, umas dez da noite, disposta a pagar meus gastos o quanto antes, disposta a virar madrugada se necessário, aceitei. Ele quis tirar água do joelho antes, regar as plantas no matel, fui por trás, me encaixei nele viciosa, peguei o menino nas mãos e falei “então faz”. Quem disse que saía? Naniquinho safado, logo endureceu sentindo o meu toque, o dono fazendo um esforço enorme pra mijar, já meio em dúvida de qual a maior urgência, neça em riste, o líquido saindo aos jatos, sofrido ainda que gozoso, pra tudo quanto é direção.

Assim que acabou, pus logo o capote, ajoelhei no salto e comecei a parte favorita. Durou nada como a outra vez, mas agora ele veio diferente, “calma, deixa eu colocar por trás, senão gozo logo”. Deixo. Enquanto eu passava o gel, foi meio que amolecendo, quase nadando na camisinha, a gente tentando encaixar mesmo assim, o coisinha fingindo que entrava, aí escapulia, aí dobrava, todo contorcionista. Difícil. Ele tirou de mim uma hora e aproveitei pra passar

mais gel no bilau, ver se endurecia, se facilitava, sentindo de cara uma consistência esquisita, meio viscosa... que isso, amor? “Gozei.”

Segui massageando achando divertida a cena, os tremeliques dele, mas aos poucos fui franzindo o cenho, aí apalpei com mais atenção, que esquisito, uou, nossa, como assim, gelei – cadê camisinha? Aquela textura estranha não era só por ser melequenta, mas por ser a própria pele! Girei nos calcanhares, alarmada, pronta pra dar com a cara dele no asfalto, quando algo balança atrás de mim e uma gosma escorre pela minha perna: nadando que estava na camisinha, edi apertado igual só o meu, a neça saiu e o guanto ficou pendurado feito rabricó, com tudo o que tinha dentro agora escorrendo pela minha perna. Cara de alívio minha, ufa, ele nem tchum por conta da escuridão. É cada uma que me acontece!

32.

FAZ ISSO
NÃO, HOJE
EU VIM

**PRA
COMER**

Demorou, mas veio enfim um salvador da noite e todo príncipe no cavalo branco. Falava mais do que a boca, mãos, olhos, indo de “você é bonita demais pra estar aqui, tão branquinha” a “vou te tirar dessa vida, te assumir, você vai ver”, olha o naipe. Ficou feliz que meus pais “não sabiam” e que eu trabalhava “pouco”, aí era mais fácil sair. Ajudava a juntar o dindim do peito, aliás, mesmo achando que eu não precisava, perfeita daquele jeito. Bom demais pra ser verdade. Me cantava e tocava uma em sincronia perfeita, um músico, orchestrador, excitado em se imaginar me salvando daquele mundo horroroso, eu tendo que dizer para e segurar a mão dele senão ele se acabava era ali, no carro, e adeus aqüé. Por fim se rendeu aos meus encantos e fomos pro quarto, não sem antes me fazer prometer que eu ia cuidar bem “desse negão” e que daria a ele uma chance. Dei. Cobrei só quarenta, o bastante pra cobrir meus gastos. Neca cabeçada igual nunca vi, um cogumelo quase, senti as dores por antecipação imaginando o empalamento (e isso mesmo eu tendo treinado num consolo a semana inteira pra ficar larguinha).

Nus na cama, esfregação, camisinha, oral, eu mais divertida vendo o prazer dele do que com a transa em si, me sentindo atriz, até que ele me puxa e começa a beijar, carinho, barba arranhando a pele... “ei, nossa, uou, que que é isso, menina!?”, disse ele assustado ao me ver toda toda, crescadinha, a barraca armada, se vocês me entendem. Raro de acontecer, ele se assustou: “certeza que você gosta de pau?”. Parei o bloqueador de testosterona, deu nisso, tesão. Segui o instinto e fui bolinando o corpo dele, bolas, períneo, bunda, ele se tocando alucinado, ou, ei, nim, são, não, sim, ui, boca e olhos se dizendo e contradizendo, até que, ai, por fim, “faz o que quiser de mim”. Travesti vivida sabe o que isso quer dizer, sabe o que ele quer que eu queira, eufemismo pra “vem, me come”, e lá fui eu massagear o edi, ver se entendi direito.

“Não, não, ai, hoje eu vim pra comer, faz isso não, por favor”, era o que a boca dizia, mas a língua das mãos era outra, agitada, acelerada, parecendo querer gozar a qualquer momento. Resolvi cutucar a onça, pobre de mim: “vem cá me comer então, se é isso o que você quer... só não dá pra ficar de romance, que a qualquer momento alguém bate na porta”. Maldita língua. Lá foi ele se aprontando, lambuzando o meu edi de gel, começando a escavação profunda. Doeu, confesso, o prazer que eu estava sentindo em parte se escafedeu, mas foi mais fácil do que eu imaginava... a cabeça entrando, o restante da neca escorregou quase que sem atrito, e ali ficamos minutos a fio, entra-e-sai voraz, até que ele fechou os olhos, grudou, pro meu desespero e dor, o púbis lá atrás de

mim e, sem aviso prévio, desfaleceu nos meus braços. Depois que gozou, pressa e amnésia. Só deu tempo de pedir troco pra cinquenta e já se foi, atrasado pra um compromisso qualquer, esquecido de me salvar daquele mundo horroroso. Homens.

33.

ÀS
VEZES
SÓ NOS
RESTA
CONFIAR

Vidros escuros semiabaixados, carros, só vejo os olhos, eles me veem toda. Aceno, vem cá, brinco, tremo se param, misto de medo e ansiedade, e lá vai ladainha: “programinha, amor? Oral é vinte, trinta o completo no carro”. Cogitei até baixar valores, tal a demora em conseguir cliente, mas todos pra quem falei menos, cinco reais a menos, responderam o de praxe, “só pra saber, tou dando uma volta”. Fazer varejo não deve inspirar confiança. Quinze anos atrás, finais dos meus dezesseis anos, mesada no bolso, lá vou eu passando inadvertidamente pela região do centro onde profissionais do sexo fazem rua, quando uma delas me para, convida a subir, olhinhos meus brilham, quanto? “Vinte e oito”. Fui. Por falta de troco, trinta. No auge da minha cabacice mas, à época, ainda disposta a ser o homem que esperavam de mim, pagando de de maior, vi ali a chance de perder a virgindade. Lembro que fiquei chocada com o valor, de tão baixo. O cruel é ver hoje, quinze anos depois, que a média dos valores que cobro, que todas as travestis onde trabalho cobram, chega a ser menor do que isso, às vezes metade. Quinze anos depois.

Dessa vez ele veio a pé, o cliente. Vários homens passam pela rua à noite, homens que não se sabe o que fazem ali a pé, homens que, com vergonha de serem vistos, andam de cabeça baixa, apressados, excitados com a experiência, nervosismo gritando, eles abusando do canto de olho, homens que fingem passar despercebidamente, mas que param ao primeiro sinal que você lhes dê. “Programinha, amor?”, “o que você disse? ah, programa, não, tou só dando uma volta”. Achar que a gente tá lá porque quer, de graça, fazendo fotossíntese à luz da lua. Esse não. Era já a terceira vez que passava por mim quando o fisguei. Noite já garantida, o que viesse era lucro, acabei aceitando até menos do que o esperado, só pra voltar com algum pra casa. “Seu pau é grande?”, perguntei. “Que nada.” Nada. Nem queiram saber o que ele acha pequeno então. Parece que quem tem necão tem um prazer todo todo em fingir que não é bem assim, prazer em pegar a profissional de surpresa. Sorte que, já laceada do programa anterior, só precisei de uma lubrificaçãozinha extra pra fazer esse deslizar adentro.

A cena foi rápida. Pagamento adiantado, chequei com a luz do celular se a nota era mesmo de vinte, peguei camisinha, pendurei a bolsa num galho da árvore e já fui ajoelhando, abaixando o zíper. Encapuzada a neca, comecei o oral e fui até onde ele deixou, deixando ele a ponto de bala pra eu sofrer menos. Sofri mesmo assim. Não tinha onde encostar e transar em pé não é o melhor que se pode desejar da vida, ainda mais no meio da escuridão, sem saber direito onde piso, onde me agarro. De repente ele puxa a minha cabeça lá de baixo, me gira e vai

logo roçando o pau no meu edi, futucando, testando o terreno. De tanto testar, acabou entrando, mas não sem antes eu reforçar a lubrificação... já assada do cogumelo que atendi antes dele, esse doeu mais que o outro por ser uniformemente grosso e não só cabeçudo, mas pelo menos ele gozou logo. Quando tirou de mim, naquele escuro, mal deu pra checar se estava ok a camisinha: pouca visão, pressa do cliente no pós-gozo (eles gozam e aí querem só sumir o quanto antes), medo de lambrecar a mão num xeque que eu por ventura tenha passado (acham que dentro do cu tem o quê, flores?). Pois é, sorte, tudo o que posso querer quando a prostituição que existe pra nós é, não a dos flats nos bairros nobres, mas essa atrás do matinho, no escuro. Às vezes só nos resta confiar.

34.

CUN
VERSÊ!

CECÊ,

TROCA-

-TROCA

Dia que a coisa anda não tem igual. Mal tive tempo de ficar entediada ou depressiva, o dindim fácil fácil, um cliente atrás do outro. Abusei do romance, muita cedusssssmm, fiz até minha estreia em caminhão (não na boleia, mas mesmo assim quem que não queria?). Era nem sete da noite quando pisei na rua, poucos carros passando, eu já me preparando pro pior, quando para o primeiro. Moço pra lá de tímido, entrado nos enta, barbudo, gordinho, forte, mãos ásperas arranhando as minhas, pedindo carinho, cecê gritando ardido no meu nariz mesmo à distância. Ficamos no cunversê bons minutos até que ele se decidisse, mas nada de carro ou serviço expresso: “topa um drive-in? Quero poder te curtir bem, pelo menos uma horinha e quinze.” Fechamos em quarenta reais e lá fomos nós, eu acariciando o menino dele por cima da calça, fazendo a carinhosa, simpática. “Vai me deixar cuidar desse meninão gostoso?”, eu pedia. “É pequeno”, ele respondeu. “Quero ver se não fica gigante na minha boca”.

O bom do drive-in é que tinha banheiro e ducha, pra onde ele correu logo que chegou. Não resolveu o drama, cecê seguiu firme e forte, mas pelo menos uma melhoradinha isso deu. Nós nus na cama, esfrega-esfrega, não ficando muito claro o script, parti logo pro oral e já peguei de cara a camisinha pra não pensar bobagem (tem vezes que, ai, sinto tanta vontade de provar o gostinho, de sentir na boca: cadê namorado, gente, tou precisando sossegar o facho!). Desenrolo a camisinha com a boca na neca dele, sentindo endurecer aos poucos, as mãos livres massageando bolas, períneo, o cuzinho quase, ver se descubro o que que ele tava afim. Ele vai deixando, se soltando à medida que me aproximo com os dedos do ponto G, eu massageando a área com delicadeza. Paro o oral e começo a explorar a virilha com a boca, lambidas, beijos, chupões, chego nas bolas, me detenho, engolindo-as ora inteiras, ora uma de cada vez, passeando a língua, fazendo pressão de levinho, ele deliciado se masturbando.

De repente ele me puxa de lá, olha em dúvida pra minha boca, beija meu ombro, pescoço, orelha, bochecha, queixo, meio sem saber se deve (ou se pode) beijar meus lábios, aí toma coragem e ataca a minha boca, sem saber direito o que fazer ali, caoticamente esfregando a língua em todas as direções. Escovar os dentes não deve fazer parte do conjunto de tarefas diárias desses meus clientes, porque o mau hálito é praxe. Beijeí mesmo assim, do jeito que ele quis beijar. Ao mesmo tempo, notei que as mãos dele, como quem não quer nada, foram atrás da minha neca e lá brincavam esquecidas da vida, tentando trazê-la de volta à vida, mortinha e sepultada que estava. Gostoso até que estava, mas neca dura não é minha especialidade, aí lá vou eu fazer uso da imaginação ver se ajuda. Uma

hora foi, funcionou: massageando o edi dele com os dedos, imaginando-me capaz de comê-lo, ele me masturbando, quando vi minha neca estava dura e ele prontamente montou em cima de mim, querendo encaixá-la assim mesmo, no pelo. Fiz menção de pegar a camisinha mas, antes mesmo de se fazer necessário, a neca já tinha voltado pro reino dos mortos.

Ele percebeu que não era a minha praia e não insistiu mais nem reclamou. Voltei pro oral, ele todo senhorzão da cama só se deliciando, eu passeando os dedos pelo seu edi, massageando as bolas, chupando a neca profundamente, às vezes parando pra girar a língua ao redor da glândula... uma hora gozou, sem avisar nem nada, e se deixou ficar lá, largadão na cama. Quarenta minutos de programa se tanto, mas achei que ele queria um pouco mais, o tal do “me curtir bem, uma hora e quinze”, aí lá fui eu me aninhar em seus braços musculosos, viris, descansar um tiquinho. Mas foi só me aninhar e já veio o papo do “estamos por sua conta, viu? Sei que você trabalha, então a hora que você quiser, a gente vai”. Homens. Mal gozou e acabou romance. Se é assim, assim seja. Bora fazer mais aqüé.

35.

VOCÊ É

GOS
TOSO

DEMAIS

Pensei ter escutado errado, coisa da minha cabeça, mas a frase se repetiu bem assim, “gostosO”, “como você é gostosO”, o “Ozão” bem marcado vezes várias. Era logicamente elogio, só podia, mas doía igual xingamento. O rapaz com cara de cheio das poses, gorduchinho, peludo, bem-apegoado (adoro essas palavras velhas), alugou um carro no aeroporto e veio buscar refrigério pro tesão que lhe consumia o íntimo antes de embarcar de novo. Escolheu justo euzinha. Perguntou valores, falou pra eu subir no carro sem deixar claro o que queria e tocamos pro drive-in. O tempo era escasso, mas mesmo assim quis tomar banho antes de vir pra cama. Agradei mentalmente a preocupação, embora às vezes eu gostasse do cheiro das coisas vivas. Necão volumoso em todas as direções e sentidos, foi vê-lo e já temi o pior, salivando, aí meu edi! Perguntei qual a modalidade desejada. “O completo é cinquenta, né? Toma aqui o dinheiro, e vem cá”. E lá fui eu pra cama já prevendo as dores do empalamento e, ao mesmo tempo, água na boca com aquela belezuridade toda toda. Um rapagão delícia!

Neca encapada (palavrinha curiosa pra se deixar perto de “neca”, hein?... tirem o “en” só pra ver, ui!), começo o oral. Quase não coube, mas a necessidade, mãe do vício, criou condições pra que se desse a engolidura completa. Foram poucos minutos, muitas posições, ele às vezes me pegando pra umas beijocas e amassos, o tesão estampado em seu rosto, aí me vinha com o “que gostoso você”, eu me mordendo por dentro, querendo esbofeteá-lo, ele reclamando da falta de tempo e prometendo voltar qualquer dia. Uma hora decidi atacar meu corpitcho e abocanhou com gula o brinquedo que trago entre as pernas. Esforços não poupou nenhuns, foi inclusive no pelo, mas nada de vê-lo pelo menos minimamente em pé, e isso apesar do tesão em que eu me encontrava: sei lá qual o problema comigo, a coisa é que só funciona quando não deve ou quando não precisa.

Bateu o olho no relógio então e se atarantou, “quase na hora e eu ainda aqui”. Fez menção de ir se arrumar, mas o tesão não ajudava e lá tava ele com a bocona na botija. Tirei o guanto, comecei a masturbá-lo, ele dando sinais de que estava perto, aí de repente ele afasta minhas mãos e diz “nananão, gozar quero só depois, quando chegar da viagem”. Como quiser, campeão, não faço questão nenhuma. Levantou da cama e foi se arrumando apressado, todo estabanado, o fogaréu queimando ardido dentro dele, queimando ainda mais do que quando entrou comigo pela porta do quarto. Me deu mais vinte de lambuja, o troco quando pagou o drive-in, e depois me levou de volta pro ponto e cantou pneus na direção do aeroporto. Pensei em encerrar a noite por ali, mas foi pisar na rua e já veio outro cliente, o caminhoneiro, o dia em que fui convidada pra dar uma

voltinha no interiorzão do Brasil. Quem vem comigo?

36.

NA
CABINE-
-MOTEL

DO

**CAMI
NHÃO**

Tava parado lá fazia um bom tempo o caminhãozinho, motorista só de butuca na janelinha insufilmada. Eu àquela hora já tendo atendido dois, bolso cheio, pensando seriamente em voltar pra casa, foi justo quando o dito-cujo me fez sinal. Me aproximo assustada do caminhão, situação nova pra mim. Mesmo de salto (que eu não lembro bem se de fato usava aquele dia, mas fantasio que sim, mais divertido pra trama), eu me sentia nanica, indefesa perto daquela cabeçona risonha fora da janelinha. Ele me perguntou por que a cara de assustada, parecendo se divertir com meu medo. Era esquisito falar com alguém assim, ele tão lá no alto, só a cabeça pra fora. “Me deixa insegura”, eu disse. “Bobagem!”, e lá vai ele tentar puxar conversa, me conhecer melhor. Fui perdendo a paciência. “Programinha, amor? Não tou podendo ficar de papo, montão de conta pra pagar...”

Ele parecia conhecer bem a dinâmica do bairro, mas se fez de besta. Perguntou valores, me enrolou um pouco mais, eu já pensando em largar mão, até que ele por fim decidiu o oral, deixando claro que é dos demorados. Sem problemas, *chéri*, importante é o aquê. Subir na cabine foi aventura com o salto que eu já nem me lembro se usava (verdade, o que seria a verdade quando só se tem a memória, essa pregadora de peças, essa inventora nata?): um sacrifício, medo de torcer o pé escalando aquela cabine nas alturas, ele se deliciando com a cena. Entrei, bati forte a porta várias vezes até conseguir fechar e ele já foi perguntando aonde vamos, como se não soubesse. “Aqui mesmo, não?” O caminhão não cabia no estacionamento, no drive-in tampouco, motel nem pensar, ainda mais pra um oral só (tenso pensar que pras travestis possa ser colocada essa divisão das práticas pagas... muito homão hétero convicto, desses que jamais assumiria publicamente desejo nos nossos corpos, procura travestis para um oral barato, pois essa opção mais “em conta” inexistente do lado das mulheres não-travestis).

Passada a enrolação do “onde vamos?”, “aqui mesmo”, ele tira um pedaço de papelão de atrás do banco, desses que se improvisa pra tampar o vidro do carro e evitar que esquente, mas só pra colocar no da frente, já que as laterais não precisava cobrir, tinham insufilm. *Habemus* motel. Até deitar o banco ele deitou, pra simular a cama. Tudo escurinho, começo a acariciá-lo, carinhosa, ele gostando, todo elogios à minha pessoa, e vou lhe ajudando a tirar a roupa, corpo truncado, barriga proeminente, pele queimada de sol, barba por fazer, bem tiozão família tradicional brasileira. Me pede pra ficar nua eu também, resisto, “é só um oral, gato, rapidinho”, “ah, mas fica, eu fico excitado”, e acabei cedendo pra ver

se isso apressava o pegê. Pego a camisinha, abro, me ponho a testar a técnica que aprendi de colocar só com a boca, nada de mãos, mas tava meia-bomba demais pra dar certo. Naquela murchidão toda, teve que ser o método tradicional.

Começo o oral, ele correndo as mãos ásperas, calejadas, pelo meu rosto, pescoço, peitinho, bagunçando cabelo, um fuá, eu ficando ainda mais puta do que já era puta – aquilo não valia vinte reais nunca! O meia-bomba era o melhor que eu conseguia dele e ele parecia nem se incomodar, como se já conhecesse o suficiente o seu corpo pra não esperar mais que aquilo. Ele me dizia linda, declarava todo o seu amor, me chamava pra ir com ele varar o Brasil de caminhão, mas tudo com os olhos bem fechados, num mundinho imaginário só dele, e o meia-bomba firme e forte, nenhum indício de que aquilo teria fim. Fui pro saco, engoli suas bolas, as duas duma vez, aí cada uma sozinha (tava limpinha a região ao menos, ainda que toda peluda), ele uivando na cabine, se contorcendo em convulsões, eu em dúvida se de tesão ou dor, mesmo ele tendo assegurado que aquilo era bom demais. Foi o único momento em que ficou dura a neca, mas tão logo eu parava de engolir as bolas, o meia-bomba era tudo o que restava. Fui explorar outras possibilidades porque aquela posição me dava torcicolo e as convulsões dele estavam a ponto de me machucar. É cada um! Massageei o períneo com os dedos, fio terra de leve, ele se masturbando novamente meiabombamente sem parecer ter fim.

O tempo corria, impaciência, pedi pra ele se apressar porque eu já fazia hora extra e de graça. Pediu pra eu voltar pro saco, voltei, ele se estrebuchando estirado no banco, se masturbando loucamente já sem camisinha: nunca vi tanto tesão nessa zona! Uma hora acabou gozando e se sujando todo, ele quase sem vida de tão exausto. Brinquei com sua neca depois, agarrando ela com os dedos desde a base e subindo apertando de leve, pra ver sair todo o leiteinho. Gostoso de ver, a neca molenga nas mãos, gotinhas esbranquiçadas escapulindo do miolo uma a uma. Papel higiênico pra limpar, aí hora de acertar as contas, ganhei dez a mais pela dedicação. O curioso foi ele continuar amoroso depois do gozo, falando em namoro, em me levar de caminhão pelo interior do Brasil. Um dia quem sabe, não vou negar, a ideia pareceu divertida...

P.S.: E enquanto eu terminava o relato, não é que ele me liga e me chama pra dar uma volta? Veio me pegar aqui em casa quase, ontem à noite, mas isso eu conto só no próximo.

37.

MUITO
CAMI
NHAO

**PRA
POUCA**
AREIA

Até engraçado ver, aqueles homens robustos, brutos, mãos ásperas, se revelando frágeis ali na cama comigo, poços de carência, meninos atrás de amor ou, quando menos, alguém que os escute. Engraçado, mas também perigoso, porque a gente sabe como se comportam caso rejeitados, ainda mais se rejeitados por nós, putas, travestis. Vulneráveis daquele jeito, mostrando o que não ousam pra própria sombra, um simples não pode motivar reações as mais hostis, violentas. “Como assim não me quer? Peço essa puta em namoro e ela me diz ‘ainda não’ ou que vai pensar... quem ela pensa que é?” A autonomia da mulher e da travesti, já posta em xeque naturalmente, imagina então nesses espaços onde nossas vidas valem menos, onde se espera que agradeçamos migalha, onde você é culpada de tudo quanto lhe aconteça.

Passei por momentos do tipo com o meu caminhoneiro, eu toda apreensão, a gente zanzando no caminhão dele pelas ruas do meu bairro, onde ele veio me buscar porque a urgência em me ver era grande. Nem me deixou bater o martelo no preço por telefone, ficando em aberto algo entre trinta (o que ele propôs) e cinquenta (preço que dei). “A gente se acerta”, ele disse. Que seja. “Deixa esses lixos irem te buscar no seu bairro, aí daqui a pouco vão bater na sua casa, na faculdade, falar com vizinhos”, me alertou uma amiga... mas foi bem longe de casa que ele me pegou, ainda que no meu bairro, então não tem como dar problema. Espero. Coisa pra se pensar.

Declarações de amor desde o princípio, “como você tá bonita”, “senti sua falta”, eu toda suada depois de um dia na rua, dando aula até quase 21h (professora de português também, trabalho voluntário: dar aula é minha outra paixão junto com ser puta, mas só cursinho popular pra contratar professora igual eu), hora em que ele me pegou, livros embaixo do braço, pelinhos querendo gritar no rosto (o famoso xuxu). Pra ele nada disso importava. Inventei que sou professora de história da rede pública em tempo integral, puta só por complemento e até conseguir pôr peito (eles adoram esse tipo de história, puta só por um tempo), por isso eu não estava na rua aquela hora que ele me ligou. Ele gostou, disse que eu nem precisava pôr peito, bonita já assim, mas que se eu fizesse questão ele até me ajudava. Todos dizem o mesmo, mas na hora de pagar o pegê pedem desconto. E já foi logo emendando que queria amor, namoro, algo sério.

– Mas não é assim que funciona, querido... você em nenhum momento se preocupou em saber se eu também tou nesse amor todo por você.

– Você tá?

- Não, gosto de liberdade.
- Mas você vai poder continuar trabalhando, ficar com quem quiser... nem assim?
- Ninanão.
- Ah, então não vai dar pra gente continuar saindo, porque quero uma relação de verdade, não programa.

Uma coisa é ele dizer isso por telefone, e aí ok, passar bem, ou lá no bairro de trabalho, meu território. Outra bem diferente é numa estradinha deserta, só meio perto de onde moro, na cabine do caminhão, antes de me pagar, ele ainda aproveitando o momento pra vir pra cima do meu corpo. Pensam que somos bestas. Dizem que querem namorar, que “aceitam” a gente continuar trabalhando, ficar com outros, mas só querem mesmo é o carinho garantido quando sentirem vontade e o sexo na faixa, disso eles não abrem mão. O que se faz numa hora dessas? Sei lá, cedi. Fui deixando ele me tocar, beijar, eu tentando aparentar naturalidade, tesão, mas me corroendo de medo por dentro.

Me despi assustada, medo de alguém aparecer na estradinha, de ele ser violento, querer me abandonar ali, e foi nesse tesão todo, uhuuul, que começou a transa. Sorte que foi só oral. Neca ainda molenga a dele, pus a camisinha com a boca e parti logo pras bolas, lambiscar, chupar, engolir, mesmo que suadinhas. Ele urrava de prazer igual da primeira vez, se contorcia, esticava as pernas violentamente, às vezes sem nem avisar nem dar a entender, eu quase que levando coice, só assim pra aquela neca ficar dura. Mas era eu parar e ela murchava toda. Oral no pau meia-bomba, ereção quando atacava as bolas, foi assim quase que a noite inteira, a uma hora que passei lá, eu ainda fazendo fio terra (só na bordinha) pra ver se a coisa engrenava. Que isso. Cansei o maxilar, garganta dolorida de tanto ir fundo com força pra ver se ele gozava logo, olhos lacrimejando, nariz escorrendo, ânsia uma vez ou outra... vocês que acham oral bonito, é só nos filmes, viu? Vida real é uma lambrequeira braba. E olha que eu até gosto da sensação quando com quem gosto, e mesmo do cheirinho de suor, mas dessa vez gostar não era bem o caso.

O tempo corria e nada de ele gozar. De repente parei e disse: “querido, você nem me disse quanto vai pagar e aqui já foi tempo o bastante, acabou”. Ele pediu calma, “tava gostoso o momento, não?”, mas disse que já tava a ponto. Pedi só pra eu ficar chupando as bolas enquanto ele se masturbava, só dois dedinhos de leve na cabeça do pau, segurando a neca igual pinça, tudo ao contrário do que eu vinha fazendo (mão cheia agarrando com vontade aquela nequinha molenga). Assim o gozo veio fácil, salpicou sua barriga inteira de leite, ele deitadão na

cabine-motel do caminhão, eu toda desajeitada, contorcionista. Curioso isso, as formas como nos viciamos em gozar e aí, depois, não há cristo que consiga fazer de outra forma. Sair com uma profissional do sexo podia ser a oportunidade pro cliente se permitir novos gozos, novas maneiras de fruir o corpo, de se conhecer, educação sexual, mas na prática isso é impossível, porque o que eles vão buscar numa prostituta não é (auto)conhecimento, mas um alívio qualquer imediato pras tantas pulsões cotidianas. Gozar e partir. Uma pena: sei bem mais coisas que esse trabalho mecânico.

Foi tão somente o que houve. Ele gozou, aí pegou papel pra se limpar, eu corri pra pôr roupa, ele se vestindo junto, aí reclamei o que me era de direito, os cinquenta, ele veio com conversa mole, “assim você me quebra as pernas”, “te tratei tão bem”... raiva! Acabei aceitando os trinta só pra ir logo embora, me ver livre dele. Pedi carona até um determinado ponto, dali até em casa era coisa de vinte minutos a pé, e lá fui eu pela rua, aliviada de me ver sozinha outra vez e em terras conhecidas.

38.

NAS
COXAS
(MEU DIA
DE **PUTA**
NA
EUROPA)

Não queria voltar dos meus quatro dias de Holanda (onde fui parar, tudo pago, a convite duma organização internacional de luta pelos direitos de profissionais do sexo) sem provar o gostinho e dindim de pelo menos um europeu, o euro lá nas alturas. Na impossibilidade de fazer a rua em Amsterdã, baixei um aplicativo xis desses de pegação e criei meu perfil. Qual minha decepção ao descobrir que esse era um rolê só pros homões saradões bombados mostrarem bíceps e tanquinho? Pois bem, fiquei mesmo assim e, de pirraça, ainda pus foto femininérrima, sensual, com a legenda “*male enough?*” (“macho o suficiente?”) e dizendo-me, na descrição, “*Brazilian tran\$sexual woman looking for some fun*” (“mulher transexual brasileira atrás de uma diversãozinha”). Mal habilitei o perfil e imediatamente mensagens várias começam a chegar, várias, e era até difícil conseguir responder todas. Tive que explicitar que eu estava atrás de dindim, uma *escort* (“acompanhante”), e não me oferecendo por puro tesão, ainda que estivesse animada com a ideia de conhecer aqueles corpos todos que me quisessem pagar. Quase marquei com vários, no meu hotel mesmo, se necessário, mas na hora H sempre alguma coisa aparecia pra atrapalhar e não dava certo. Dois dias assim, no terceiro decidi fazer por fazer, digo, por prazer, pra não correr o risco de voltar chupando dedo da Europa.

Marquei com um rapaz, enfim. O inglês com que ele me escrevia era tão mas tão caótico, mais do que o meu, que já imaginei não ser holandês (lá o inglês é quase que língua materna). Madrugada à vista, friiiiiio, ameaça de chuva, lá fui eu com meu sobretudo (o mesmo que achei que me ajudaria a passar sem problemas pela Imigração, disfarçando a minha travestilidade e me fazendo parecer homem – medo de ser barrada no aeroporto!), quinze minutos de caminhadinha ao relento ao encontro dele. Paro no ponto combinado, vejo-o passar por mim e fingir que não me reconhecia. Fiquei confusa, achei que podia até não ser o próprio, mas dois minutos depois lá vem ele de volta, me aborda confusamente e me apressa no caminho dum prédio a meio quarteirão dali. Fez sinal de silêncio durante o caminho todo, enquanto subíamos os lances de escada, eu já com medo por não ter avisado ninguém, vontade de voltar pro hotel – essas canoas furadas em que me meto, refém do meu fogo no cu! Chegando ao apartamento, o infeliz me explica por que teve de fingir não me reconhecer: um moço ali perto não podia vê-lo comigo, pois ninguém no bairro sabe que ele é a fim “dessas coisas”. Pelo mesmo motivo o silêncio.

Holandês? Nanão, argelino. Só ali que eu soube. Trocamos o inglês pelo espanhol a pedido dele, ele começando a tirar minhas roupas, a me alisar, dizer

que sou “*muy bonita*”, que ele gosta das trans tipo eu, novinhas, e não daquelas que tem trinta ou mais. Trouxa. Me ri toda por dentro, porque à época eu já tinha trinta, mas coloquei vinte dois no aplicativo (não espalhem, pliz!). Ele então veio com papo de “sem camisinha não rola, né?”, meio sondando se eu não topava. Que raiva, mal dava pra notar diferença entre os lixos daqui e os de lá. Eu disse que não, “claro que não”, enérgica, e ele deu o truque do “*mejor así, peligroso*”. Sei. A transa foi um desastre, ele mudando de posição a todo momento, cada hora querendo uma mais estapafúrdia, eu me sujeitando, deixando ele brincar com meu corpo como quisesse, Amara contorcionista (tenho um certo tesãozinho em me sentir usada, confesso, mas ali não deu certo isso, não). Uma hora cansei, disse que era melhor parar e ele ir na mão mesmo, tava me machucando, ele ok ok, “mas que tal a gente fazer no banho, entre as coxas?”. Minha primeira vez assim, passada... corpo todo escorregadio do sabonete e água, ele pôs a neca no vão da minha virilha e ficou enfiando ali uns minutos igual besta, até que gozou, sem nem avisar que quase. Já viram esperma em contato com água quente? Nem queiram. Aquilo gruda que não sai por nada, parece cola!

No fim, sentamos pra conversar sobre “homofobia” no Brasil em comparação com a da Holanda e Argélia, ele bobo de saber que aqui a gente sai na rua e não tá nem aí, beija na boca e tudo, que não dá cadeia. Aí contei que faço programa, ele todo curioso pra saber mais, como, onde, e a polícia, violência, meus pais, mas eu tava cansada demais e quis voltar pro hotel... haveria um dia de evento cheio pela frente, o último, com aquelas ativistas putas do mundo todo, euzinha representando o Brasil! Caminhando pra porta ele me disse que havia duas travestis ali no andar, ele não sabia se brasileiras ou colombianas, e não fosse alta madrugada eu teria ido lá bater pra descobrir de onde eram. Na hora de sair, não é que o infeliz me pediu delicadamente para sair com o sobretudo, porque aí nem dava pra perceber que eu não era mulher? Maldito.

39.

SUA
NAMO
RADA
POR
CINQUENTA
A HORA

Tou eu descendo a escada rolante indo pegar metrô em São Paulo às 05h30 da madrugada, quando vejo o cidadão à minha frente levar um susto ao me perceber travesti. Com medo de violência, vai saber, já ligo o alerta, mas perco em seguida o infeliz de vista. Qual a surpresa ao percebê-lo logo atrás de mim, na porta, esperando o metrô chegar? Ele começa a dar chutinhos no meu pé então, de forma bem grosseira ainda que discreta, eu sem entender o motivo daquilo, medo de ele querer briga, quando de repente noto ele discretamente mostrando, no visor do celular, seu número de telefone. Não teve coragem de conversar comigo, sequer conversar, na presença de outras pessoas, todas desconhecidas dele.

Estando na cara as intenções do sujeito, anotei o número e mandei um oi por mensagem, vai que virava um aqüé. Vi ele ficando impaciente por não ter recebido, aí novamente ele voltou a me dar chutinhos pra eu olhar de novo o número, conferir. Estava errado o que anotei. Anotei de novo, aí nesse a mensagem não ia de jeito algum. Tentei ligar só pra dar um toque, mas sem sinal. Entramos no vagão, ele sussurra ao meu ouvido “gostosa” e permanece o tempo todo em silêncio, olhando pro chão, a viagem inteira sem se dignar a puxar papo de maneira normal.

Na escada rolante, indo fazer baldeação, ele aproveitou pra apertar de maneira discreta a minha bunda. Pensei seriamente em dar uma de Indianara e expô-lo ao escárnio público, mas a mala pesada que eu carregava (eu a caminho da rodoviária do Tietê) me fez pensar que não valia a pena. Ele tenta mais uma vez, no caminho, mostrar o número do celular: joguei o joguinho dele, mas não era fácil ver sem deixar que me percebessem vendo. Anoto pela terceira vez e tento dar um novo toque, ainda indisponível. Tomo meu caminho, deixando ele lá plantado, olhando pro chão de tanto medo que percebessem que ele assediava uma travesti. Foda-se ele.

Meia hora depois, chega mensagem no celular dizendo que sou uma delícia, que ele quer me ver de novo, que eu o deixei com um tesão enorme. Falo que tenho local pra atendê-lo, sim, mas que agora estou indo pra minha cidade. Ele solta então a clássica “mas não quero programa, quero namorar você”: não foi capaz sequer de falar comigo em público e queria agora me pedir em namoro... vai vendo as coisas que a gente tem que aturar! Respondi que por cinquenta a hora, namoro ele à vontade, quantas vezes ele quiser. Sei que vocês me acham puta barata, mas acham mesmo que ele pagaria mais? Entendam o meu lado: eu quero que ele pague, preciso ver ele gastar todo o dinheirinho suado comigo, a

desforra, minha recompensa. E é por isso que vou cobrar exatamente o que ele pode pagar, e ainda vou passar xequê e sujar de batom a cueca do lixo, se possível. Mas dessa vez não teria como... não havia previsão de voltar a São Paulo, aí a brincadeira era mais ver até onde ele iria. Deu certo uma semana quase, mas aí ele cansou, sei lá, e um dia bloqueou meu número. Fiquei desolada, imaginem.

Mas o dia ia longe de acabar e a viagem pra Campinas reservava ainda boas surpresas.

40.

NEM OL,
NEM
TCHAU,
SEQUER
UM
SORRISO

Sentei no fundão do ônibus, ao lado do banheiro, pra viajar tranquila e, aproveitando que o ônibus estava vazio, acomodei as malas na poltrona ao lado. Um moço vem então ao banheiro, noto que ele fica desconcertado ao me ver ali, “travesti dando sopa” deve ter pensado, aí ao invés de voltar ao seu lugar de origem, lá na frente, ele senta numa poltrona da fileira vizinha, baixa o banco e começa a me olhar de canto de olho, medo e tesão no olhar. O negócio durou quase que vinte minutos, eu sem saber o que era aquilo, até que resolvi olhar fixamente pra ele. Ele queria o meu corpo, só podia. Esvaziei a poltrona ao meu lado, então, e dei um tapinha discreto no assento convidando-o a vir. Lá vem ele, todo esbaforido, assustado. Senta-se e já tira o pau pra fora sem nem falar oi. É pra isso que servimos só. Sussurro no ouvido dele: “Quanto vou ganhar pra isso?”. “Quanto você quer?”. Eu disse cinquenta. Ele respondeu trinta. Hm, ok.

Podia ter tentado a camisinha, mas confesso que estava com saudade de sentir o gosto e fiz arte. Começo a chupá-lo ali mesmo, dentro do ônibus meio vazio, torcendo que ninguém sentisse vontade de usar o banheiro e nos pegasse no flagra ali do lado. A excitação dele era tanta que acabou gozando em segundos, mas a forma como se deu merece um pouco mais de detalhe. Quando a neca vai fundo na boca, a pessoa não tem como respirar, todo obstruído o canal respiratório, mas, quando a neca sai, produz-se alguma quantidade de muco no canal, o que impede de respirar pelo nariz. Resultado, só é possível pela boca. Começo o oral, isso significando que preendi a respiração, aí de tempos em tempos paro pra retomar o ar e só então dar continuidade à tarefa inglória. O infeliz, no entanto, talvez pela pressa de acabar, quis ele próprio controlar os movimentos, enfiando o mais fundo possível na minha garganta, só esquecendo de me deixar respirar.

A puta precisa estar muito empoderada para coibir esse tipo de abuso. Não foi meu caso, preferi não esquentar com isso. Queria o dinheiro, só isso, e nem precisei pedir. Minha desforra foi babar sua cueca e calça social, a ponto de ele precisar ir no banheiro dar uma arrumadinha na bagunça. Em seguida voltou lá pra frente do ônibus, o mais longe possível de mim, e não deixou nossos olhares cruzarem outra vez até o final da viagem. Depois de gozar, possível que ele nem mais compreendesse o tesão que sentiu por mim, uma aberração, só sendo capaz de ver nojo na minha figura. Triste sina da travesti: atíçar o desejo alheio e, ao mesmo tempo, o ódio por ter despertado esse desejo. Não à toa nos matam, agriDEM... somos a prova viva de que ele não é tão machão padrão quanto acredita ser, quanto devia ser. Imagina se descobrem? Passado o gozo, não há

mais tesão para fazer com que tenham coragem de interagir conosco: nem oi, nem tchau, sequer um sorriso. No melhor dos casos, a indiferença.

41.

A TRAVESTI
E O AMOR
QUE
EXISTE
PRA NÓS

Aquele momento em que você se dá conta de que estão metralhando de olhares, olhares de todos os feitios, hostis, curiosos, divertidos, zombeteiros, não você, mas a pessoa com quem você está de mãos dadas, a pessoa a quem você dedica afeto. Onde? Oras, onde você estiver, rua, metrô, ônibus, banheiro, cinema, shopping center. E não importa nem quem essa pessoa seja, homem, mulher, branca, negro, tudo tanto faz: ela será metralhada por igual, todos os olhares. E tanto faz porque a culpa dessa metralhadora de olhares é sua, porque não importa quem seja a outra pessoa, importa apenas que ela está com você, travesti. Retardei trocentas vezes a minha transição por amor, por medo do que a pessoa que eu amava pudesse sentir, viver a partir dali, por medo de vê-la alvo do ódio que a sociedade dirigiria a mim.

Lésbica, gay e bi, o famoso LGB, mas também o H, são rótulos que não cabem pra nós, pessoas trans, são rótulos para pessoas cis, para relacionamentos entre pessoas cis (cis é o contrário de trans: ou você é um ou outro, não tem muito como fugir disso). A gente arrebenta esses conceitos todos. O homem cis que se diz gay diz também que não sai com homem trans nem com travesti; a mulher cis que se diz lésbica o mesmo. Nem vou falar de quem se diz hétero. Quase sempre assim, com quem quer que seja. Quem se permite sentir atração por nós, nossos corpos, existências? T-lovers, travequeiros, fetichistas, gente que só assume nos desejar na calada da noite, longe dos olhares públicos, gente que só consegue nos ver como aberrações. É necessário “desconstruir-se” para ser capaz de gostar de gente como nós, é necessário coragem pra nos tratar como gente.

Lembro duma mulher cis lésbica com quem tive um caso, maravilhosa, que disse nunca ter sentido esses olhares quando saía com outra mulher cis... e ela estava assustada. Pra mim já era normal, porque, se eu não fingir que é normal, enlouqueço. Comigo ela conseguia imaginar o que era estar na minha pele dia após dia. Andávamos de mãos dadas pela cidade, não importa aonde, e os olhares de incompreensão, de fúria, de zombaria iam nos seguindo, nos cercando, o tempo todo: como lidar?

A verdade é que a gente precisa de casca grossa pra suportar essa metralhadora de olhares. Mas quando o alvo dessa metralhadora é, não você, mas a pessoa com quem você está, por quem você nutre afeto, amor, a situação é bem outra. Noto o embaraço da pessoa, aí de repente me dou conta da situação (que eu tinha aprendido a ignorar, como estratégia de sobrevivência), solto minhas mãos das dela, passo a evitar beijá-la, ela não sabe se agradece ou se se indigna, começo a chorar e, então, só então, me lembro dum dos porquês de eu ter começado a me

prostituir: uma vez travesti, esse é o afeto que existirá pra gente como a gente, esse é o afeto que você poderá viver sem colocar a outra pessoa em risco.

42.

A PROSTITUIÇÃO
É O

**AMOR
LIVRE**

Quem me pediu em namoro desde que comecei na prostituição, dois anos atrás? Clientes, inúmeros, a começar do primeiro, e de lá pra cá perdi as contas quantos. Fora eles, ninguém mais o fez, o que é também sintomático, significativo. Mas querer namorar travesti e, ainda por cima, puta... o que esses caras têm na cabeça? Alguns chegam dizendo que querem me tirar “dessa vida”, eu exclusiva deles, “te assumo pra família e tudo”, “pago suas contas”, se excitam com discurso de salvação, até que acabam gozando e, daí por diante, esquecem tudo o que prometeram, esse amor todo. Outros já chegam sem essa fantasiice toda, mais pés-no-chão, realistas, oportunistas ousou dizer, “deixo você continuar trabalhando” (“deixo”, ai, que bonzinhos!), “quero só seu amor, carinho, quando eu vier te ver” (vulgo “quando eu estiver com tesão”, ele), o velho papinho pra conseguir transa de graça, sem compromisso nem responsabilidade afetiva.

Não é fácil ser travesti em ponto algum, mas talvez ainda mais no amor e ainda ainda mais se você só gostar de homem cis (o padrão hétero mais quadrado também reina, à sua maneira, entre nós). Por sorte sou bi e, nesse meio tempo, me envolvi com mulheres também, cis e trans, lés e bis, e inclusive homens trans, pessoas da militância ou próximas da militância, gente que me levou muito mais a sério, andou de mãos dadas comigo, demonstrações sinceras, públicas de afeto, se permitindo o envolvimento para além dos quartos de motel, para além da euforia do sexo. Mas, mesmo para essas pessoas, por mais empoderadas e decididas que fossem, por mais corajosas e desconstruídas (taí algo fundamental para poder gostar de nós, “desconstruir-se”, o que diz muito da nossa condição), eu ser prostituta sempre foi algo que pesou. Algumas não quiseram mais tocar no assunto, parando inclusive de acompanhar meu blog (pelo mal-estar que a partir dali começaram a sentir lendo os relatos), blog que antes admiravam, outras me cobravam de maneira ora sutil, ora mais incisiva, resposta para “por que eu continuo, já que posso buscar outra profissão?”, todas por dentro se questionando o quanto dariam conta de se manter nessa relação comigo ou até quando.

Ser travesti já nos torna tabu, daí a maioria ainda encontra na prostituição a única forma de subsistência (e sabemos que seremos consideradas putas mesmo as poucas de nós que escaparem a esse destino)... não é fácil querer encarar esse combo ao nosso lado e, mesmo quando se queira, não é fácil ter estrutura emocional pra lidar com tanta pressão. O olhar público, a família, o círculo social, às vezes até o trabalho pode estar em jogo, e só por estarem com a gente!

A transfobia nos exclui, a prostituição nos abraça e a putafobia amplifica a exclusão a que já estamos sujeitas meramente por existir. E aí, o que acontece? Lembro de uma travesti com quem namorei uma década atrás, eu nos idos dos meus dezoito anos, no shopping, a mão dela escapulindo da minha porque estávamos em público, mesmo eu caçando a mão dela. Se preocupava comigo, tinha medo do que podia me acontecer, mesmo eu querendo enfrentar a barra. Hoje sou eu quem me vejo do outro lado, tendo que decidir se deixo ou não a pessoa com quem me relaciono pegar na minha mão em público, me dar carinho, me apresentar pra família. Não há escolhas fáceis nesse meio.

No meio de tudo isso, como ficamos nós, nossos sentimentos? Criadas numa sociedade que prega a monogamia, a conciliação entre amor e sexo, mas, ao mesmo tempo, compulsoriamente lançadas à prostituição mais precária, a do vintão, vários clientes por dia, programas de dez minutos, tempo suficiente pra ouvir declaração de amor e, em seguida, pós-gozo, ainda ver a cara de nojo do até então cliente apaixonado, apaixonante. Boa parte delas acaba desenvolvendo aversão a sexo, mesmo com as pessoas de quem gostam, mas ainda assim terão que continuar se sujeitando ao ato sexual dentro da relação, para não “perder” essa pessoa que teve a coragem de querer, ainda que às escondidas, se relacionar com ela. Difícil lidar com essa montanha-russa de sensações, medos, angústias, com essa irresponsabilidade toda para com nosso emocional. Por conta do estigma, nos sujeitamos, jogamos as regras do jogo, fazemos romance pra ganhar um extra, até dormimos de conchinha pagando bem, mas sempre o gosto amargo no final da noite, porque no meio dessa leva de corpos que conhecemos dia após dia a expectativa ainda é a de encontrar o príncipe encantado cis que nos aceite, nos assuma e, se possível, nos ame.

Fico me perguntando se haveria amor livre para nós travestis, em especial as 90% que estão no combo travesti + prostituta. Não quero nem de longe chamar essa prostituição que há para nós, precária, de “amor livre”, nem esses pedidos todos de namoro de clientes que só se permitem nos amar na cama do motel, chapados de tesão. Longe de mim. Mas penso, isso sim, em construirmos redes de afeto, redes com pessoas que nos tratem como gente, um amor militante, construído, desconstruído, que nos ajude a cultivar o desapego, a combater a ideia de amor como posse, exclusividade, a ideia de conciliação entre amor e sexo (imagina a violência disso, ver-se prostituta e ainda assim acreditar que amor e sexo devem andar juntos?), a problematizar essas expectativas românticas que só nos violentam, que só nos deixam reféns nas mãos de gente que não merece nosso amor, nosso tesão, nossas lágrimas. Talvez isso nos

fortalecesse para enfrentar os joguinhos a que esses mesmos irresponsáveis nos submetem cotidianamente, já que teremos de enfrentá-los de qualquer forma. Talvez isso nos permitisse mais autonomia para nos impormos melhor numa relação com quem quer que fosse e, ao mesmo tempo, isso ajudaria mais pessoas a se desconstruírem o suficiente para conseguir sentir amor por nós.

Teria o amor livre algo a nos oferecer, nesse sentido?

43.

COM
ESSE

BATOM

NÃO DÁ

Conhecem os buracos da rua todos, cada um deles, dançando com o carro para evitá-los à medida que avançam. Passam pela mesma rua vezes e mais vezes por noite, até se decidir por uma. E é assim, à distância, que você já reconhece um acostumado ao bairro, cliente conhecedor da dinâmica. Gritam “delícia” alguns, meio mecanicamente (quem grita assim grita o mesmo pra todas, nada significa), outros ficam só encarando, a maioria passa sem reação, como se a rua fosse prateleira, como se nós, objetos: não há necessidade alguma de, pelo olhar, indicar o que ele achou ou deixou de achar, quanto menos dizer o que quer que seja. E lá vou eu tentando atizar suas curiosidades, vontades, um beijo lascivo aqui, um aceno ali, um “oi”, “vem cá”. E é isso.

Pois pararam três pra saber o preço, me conhecer melhor, antes do primeiro cliente da noite. Um veio perguntando se eu metia forte, arrombava o edi dele, tadinha de mim... condição zero de garantir ereção, ainda mais quando o cara não ajuda (me tratar como gente é fundamental, e não como um pinto sobre pernas). Nada feito. Sentiu que não era a minha e eu não desmenti. No sexo prefiro sempre que nada dependa da minha ereção, ou pode ser que não role nada. Os outros foram bem xis, só perguntando “quanto?”, interagindo pouco e “vou dar uma voltinha ali, qualquer coisa eu volto”. Os caras aprenderem a nos tratar como gente e não coisa, qual a dificuldade? Incrível o quanto conseguem abalar sua autoestima mesmo você estando super bem.

Mas veio o bendito primeiro e acabou que único. Parou a motoca, conversou comigo em cima dela mesmo, eu sedutora, voz sexy, brincando com a mão em sua virilha enquanto jogava o velho blablablá, ele se animando todo. “Quanto é o oral?” Faço vinte pra você, só pra você. “Hmmm... mas onde?” Ah, qualquer lugar... mas se você for tímido tem o estacionamento lá embaixo, mais escurinho, ou o matel. “Vai o estacionamento então, mas e esse batom? A esposa me mata se eu chegar em casa com a cueca suja!” Se tem coisa que me irrita é isso. O cara tem esposa em casa, esperando, a travesti servindo só pra uma rapidinha paga com trocados. Mas tirei o batom mesmo assim, na mão, ele vendo, e lá fomos nós.

Foi de moto na frente, sozinho, mas pagou adiantado pra me convencer que era sério. Eu fui a pé, duas quadras. Quando cheguei, já estava lá. Me explicou que tem uma com quem sempre sai, “mulher, não travesti”, só que ela não tava na rua, aí ele aproveitou pra uma variada. O papo tava bom, mas tempo é dinheiro e lá vai o zíper, jeans abaixado só até a metade da perna, pra não sujar no chão de terra do estacionamento. Necão bonito, gorducho, dava até gosto imaginar na

boca, mas nananinã, taca-lhe guanto desde o começo, com a boca mesmo, única forma de pôr quando ainda está muito murcho. Começa o oral, ele em pé, eu agachada no salto, câimbras e mais câimbras, o pau dele no máximo meia-bomba, o meu sem sinal de vida.

Uma hora endurece, ele se anima, pergunta quanto a mais pro completo, “mais dez”, e lá vem dez a mais pro meu bolso. Fico de pé enfim, panturrilhas já berrando “chega”, gelzinho na neca e no edi, ele se encaixando por trás, me inclinando sobre a moto, começando a forçar a portinha tentando entrar. Nada. Eu ainda estava machucada, a tal da fissura anal que me acompanha desde o primeiro dia na zona, a verdade é essa. Foda dar nessas condições. A coisa é que, de tanto insistir, uma hora a ereção já não tão vigorosa assim foi por terra e não houve cristo que a reerguesse. Ele me pede então pra tirar o guanto e eu bater uma pra ele. Fico meio assim, era a última camisinha que eu tinha (esqueci a bolsa com uma amiga, onde havia mais), avisei que não teria como penetrar depois, ele ok, só queria gozar com uma punheta minha.

Mãos à obra, de cara ele solta o famigerado “faz o que quiser de mim, me toca onde você quiser”. Quem me lê, já sabe o que significa, onde ele me quer tocando. Sim, edi, cu, justo onde eu vou me achegando ali por baixo, períneo, “vai, faz o que você quiser”, meia-bomba virando pedra, “sou todo seu, todo seu”, eu ainda massageando, “não me aguento”, e ele de ai a ui gemendo os ditongos todos, até que enfim goza. Não foi tão rápido assim, no entanto, eu tendo que trocar de mão por cansaço, ele assumindo o trabalho no final, eu só tendo que massagear seu monossílabo fedorento. Chegou ainda a pedir que eu enfiasse o dedo, mas tá boa que vou pôr dedinho lá. Contenta-se com as beiradas, querido. E vê se paga um drive-in na próxima: ninguém merece transar em pé.

44.

SE
SOU
BESSEM
ANTES

Nenhum cliente é igual, nenhum programa tampouco. Do homão com cara de bobo ao que já chega no coice, cada um é humano a seu jeito e eu me interesso por todos. Quem são eles? Indianara elucida: não os malvadões sem alma que povoam nossa imaginação, bandidos, doentes, sujos, mas nossos pais e irmãos e tios e filhos e vizinhos, esses todos que nos rodeiam, esses que junto à gente a sociedade criou. Afinal, prostituição é isso, nem todo mundo ter acesso fácil ao sexo que deseja, ao sexo que a vida lhe fez desejar. E onde senão aqui o fio terra, o garganta profunda, chicote, consolo, beijo grego, chuva dourada, até o papai-mamãe se for isso o que te tira do sério. O cliente, ali é que ele se vê pleno, pra além das máscaras e encenações: sem o gozo que extraio cirúrgico de seu genital, quanto de sua vida mentida era ainda possível?

- Arrebenta minhas pregas!
- Me estupra!
- Faz de mim sua mulher!
- Engole até o talo!
- Pediu, aguenta!
- Diz que me ama!
- Goza pra mim!

Quem é quem de verdade, a prostituta é quem vê. A nudez final, nudez nudez, essa está reservada só pra profissional de fato, só pra quem saiba despir. Os homens de carne e osso não estão nos livros (fora esse aqui, claro), mas nus nos nossos quartos, de quatro, implorando pra pôr fim à farsa uns minutinhos que seja. Esse livro é o quê? Vingança, podem pensar, mas não. Dão-me trocados pelo sexo que sei fazer e nem se dão conta de o pagamento ser mais a história do que as moedas em si. O conto me protege da interação com esse outro tão nu, me protege do que ele tão nu é capaz: eu personagem já imaginando as palavras à medida que a cena avança, pensando qual o recorte, o foco, onde botar a vírgula, onde o ponto final. Soubessem disso os clientes, soubessem o que entregavam pra mim, que me vendiam a alma, talvez preferissem me pagar melhor... menos risco de aparecer nessas páginas.

CONSELHO

DE UMA PROFISSIONAL
PRA QUEM PENSA EM
FAZER CARREIRA

Por Vitoria M.

Estabeleça suas regras e não abra mão delas em momento algum. Duas Regras de Ouro da Prostituição/praxe:

- ◆ **Regra de Ouro Número 1:** todo cliente paga adiantado, sem exceção (e paga por tempo, após ser informado de um menu disponível).
- ◆ **Regra de Ouro Número 2:** tudo, exatamente tudo, com camisinha. Bala com papel, beijo sem troca de saliva e por aí vai.

Não é regra o *girlfriend experience*. Não. PRO não é namorada. PRO não é amante. PRO não é esposa.

PRO recebe adiantado para se empoderar e não ter de ficar aquele tempo extra de espera depois de concluído o serviço, porque o sujeito não lhe pagou antes e fica enrolando. Nem a expectativa de ganhar a mais justifica deixar pra cobrar depois.

PRO não é paga para correr riscos de se contaminar com uma série de doenças sexualmente transmissíveis. Já basta correr o risco com espirros e suor... Pra que riscos extras? Não importa o valor.

Muita PRO leva pro trabalho as carências de sua vida afetiva e, porque lida com a intimidade alheia, se acha na obrigação de suprir as carências alheias, que não são passíveis de solução.

Toda PRO deve se pautar pelo profissionalismo. Se você vai no dentista, pode estar com a boca cheia de dentes inflamados, mas o dentista vai lhe cobrar uma sessão, vai dizer que cuidará de um problema localizado e que volte outras vezes para ir sanando os problemas. O mesmo ocorre com qualquer profissional. Presta um serviço *limitado*. A PRO deve se pautar por esta postura profissional. Embora íntimo, é só um serviço que está sendo prestado, serviço *limitado* ao tempo pago por ele.

Pode até ser que uma PRO queira ter prazer no trabalho, mas os dois maiores prazeres devem continuar sendo o de receber adiantado e o de ver o trabalho findar.

Algumas regras e posturas vão afastar pimpagem, vícios, abusos, violência e muito mais traumas que a profissional não precisar aceitar.

POSFÁCIO

DEDO NO RABO DO
TEU PSEUDOTRANSGREDIR

Por Monique Prada

Eu sempre te leio tão libertário e sincero nos nossos papos virtuais, mas confesso: às vezes me pesa perceber que o teu “transgredir” é bem leve e falso. Uma daquelas falácias tolas que ajudam a manter teu jeitinho descolado e volta e meia levar pra cama uma ou outra civil carente de sexo (daquelas que não te ligam no outro dia nem pegam no pé apenas por que caem no teu conto de amor livre). Eu vejo, tua transgressão vai só até um ponto bem seguro: defende o casamento de pessoas do mesmo sexo, a adoção por dois pais ou duas mães que se amam, a família Dorianã versão arco-íris... mas ali ela emperra, como se uma força superior, estúpida e caretésima te barrasse.

Eu te falo então das putas e você me vem com aquelas mesmas desculpas esfarrapadas de sempre e teu discurso impregnadíssimo de salvacionismo barato.

Você basicamente não quer ver seu nome ligado a “isso”, não quer ver seu nome ligado a essa louca vergonha, não quer, definitivamente não quer, ver seu nome ligado a essas mulheres. Você sabe que elas fazem por que precisam (?), não tem nada contra nem a favor, mas diz que é uma imoralidade defender que possam trabalhar em paz. Garantir direitos já seria demais! Isso tudo do alto da tua moral inabalável de quem nunca fodeu sem amor (ah, vai... conta outra), de quem nunca cedeu ao desejo, de quem nunca meteu sem saber com quem.

O casal-gay-propaganda-da-Gol cumpre então na tua vidinha uma função essencial: você está defendendo o amor, não a afetação ou a baixaria das putas ou das bichas promíscuas. Você pode dizer pros seus pais velhinhos e decrépitos sentados naquele sofazinho de couro empoeirado do apartamentinho classe média em Higienópolis que defende é o amor, que as pessoas tem o direito de amar a quem quiserem não importa o sexo, que toda forma de amor vale a pena e todo aquele blablablá puritano que te ensinaram.

Mas não, meu amigo. As pessoas têm é o direito de foder com quem quiserem foder e se tiverem muita, muita sorte no meio dessa aridez toda de almas vazias e corpos quentes talvez encontrem um dia alguém a quem amar por algum tempo. O direito mesmo pelo qual se luta é o de foder com quem quiser – obviamente se os desejos coincidirem e o “quem quiser” também te queira. Por tesão, pelo momento ou pela grana.

“Ah, não, por grana, não.” Te apavora quem põe preço no teu prazer. Mexe com teus brios.

Não é que ela esteja pondo preço no corpo firme e devasso que você ardentemente deseja, e você sabe disso. Ela pôs um preço é no teu prazer, e é

isso que você não pode perdoar. Ela deixa claro que não te deseja ardentemente, “cobro cem reais, amor”, e você cede ou perde. Ela ardentemente cobra cem reais de qualquer um que tope pagar o preço, e tu refletas: o que são, afinal de contas, cem míseros reais por uma trepada?

Paga.

E sai arrasado, insuportavelmente ferido no teu orgulho de macho – viril, porém não conquistador. Finge acreditar que ela gozou – “ou gozou ou fingiu muito bem”, você vai postar no TD (“mas não beijou na boca”, olha que doce: ele quer beijinho – beijinho não tem, ela é malvada e não tem sentimentos).

Bate punheta pra pornô *mainstream*, mas aposto que morre de medo de levar por cima uma bela mijada.

Você defender as putas? Jamais. Que cobrem e caiam fora – de preferência antes que te desmanches em lágrimas pela mixaria derramada.

Quer saber mais sobre a hoo?

Conheça nossos títulos, autores e lançamentos.

Curta a página da hoo no Facebook e no Instagram. Visite nosso site e faça seu cadastro para ficar sabendo das novidades, promoções e receber capítulos de livros.



hooeditora.com.br



contato@hooeditora.com.br



[/hooeditora](https://www.facebook.com/hooeditora)



[/hooeditora](https://www.instagram.com/hooeditora)



Nyna Simões

DESCOBERTAS

*a culpa é sempre
das outras*



Descobertas

Simões, Nyna

9788569931133

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Podemos dormir na barraca de vocês hoje?" Claro que toparam. Eles nem parecem um casal, parecem uma dupla de pilantras, sabe? Um casal de golpistas, não sei. Mas adoraram a ideia, com certeza estão maquinando uma bacanal. Pois, sim, só se for com ela, porque com ele, sem chance.

Ana e Júlia são casadas há oito anos. O relacionamento já caiu na rotina e elas decidem viajar pra tentar resgatar a relação. Lá, acabam conhecendo um casal heterossexual, que vive um relacionamento aberto, e a convivência com eles é o suficiente para tumultuar ainda mais a relação delas.

Em uma escrita leve, bem-humorada e sarcástica, algumas questões sobre relacionamentos e traição são levantadas. Será que há respostas para todas as perguntas?

[Compre agora e leia](#)

Alexandre Rabelo



Nicotina

zero



Nicotina zero

Rabelo, Alexandre

9788569931041

306 páginas

[Compre agora e leia](#)

Esta noite, o DJ está de folga. Não fará os corpos despejarem de prazer pelos toques mágicos de seus dedos. Esta noite, não será um deus. Não consegue sequer imaginar uma boa trilha sonora para embalar sua caminhada noturna pelo centro de uma São Paulo. Decide então que esta noite não haverá nem mesmo sexo. Sente que precisa sobreviver a seus 27 anos, idade crítica dos astros suicidas. Talvez esteja na hora de parar de fumar, ao menos para distrair-se de si mesmo. Ter uma boa causa, algo que faça contrair novamente uns músculos para além da euforia da juventude. Num beco, longe de todas as ilusões de neon, encontra um rapaz de preto, que só pode ser o diabo. Mas o diabo existe? E o que lhe

ofereceria o diabo numa cidade que dá fácil acesso a toda espécie de prazer? Qual dádiva seria mais desafiadora que a do amor incondicional? O rapaz de preto ri com malícia e encanto diante desse pedido.

[Compre agora e leia](#)



O livro das coisas que nunca aconteceram

Savioli, Ana Luiza

9788569931126

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

Harry Darwin deveria ter morrido. E há diversos universos e realidades nas quais tinha mesmo se afogado naquele 8 de outubro, no lago do colégio. Nesta realidade, porém, ele fora salvo. E de uma forma bastante singular: resgatado por um completo estranho, Harry descobre o nome de seu salvador quando seu corpo é encontrado nas dependências do internato, um dia depois: Damon Knight.

E agora, ocupando o mesmo quarto que um dia foi de Damon, o irmão mais novo, Matthew, prova que mistérios e segredos rondam todos os Knight. Uma família responsável por curar o tecido da realidade. Por

desfazer erros, traçar destinos e fazer a vontade do tempo.
Em sua ânsia de entender o dia de sua não morte, Harry
acaba envolvido no mistério do fim de toda a existência.
O mistério do fim do tempo.

[Compre agora e leia](#)